

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

João Pedro Zanetti Lopes

**URBANIZAÇÃO E CONFLITOS COM FAUNA
SILVESTRE: AÇÕES E PERCEPÇÕES DA ONG
VOLUNTÁRIOS DA FAUNA**

Santa Maria, RS, Brasil
2022

João Pedro Zanetti Lopes

**URBANIZAÇÃO E CONFLITOS COM FAUNA SILVESTRE: AÇÕES E
PERCEPÇÕES DA ONG VOLUNTÁRIOS DA FAUNA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental**

Orientadora: Prof^a Dra. Ísis Samara Ruschel Pasquali

Santa Maria, RS
2022

João Pedro Zanetti Lopes

URBANIZAÇÃO E CONFLITOS COM FAUNA SILVESTRE: AÇÕES E PERCEPÇÕES DA ONG VOLUNTÁRIOS DA FAUNA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental**

Aprovado em 21 de janeiro de 2022:

Ísis Samara Ruschel Pasquali. Dra (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Clayton Hillig, Dr. (UFSM)

Everton Rodolfo Behr, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

NUP: 23081.005432/2022-73

Prioridade: Normal

Homologação de Ata

010 - Organização e Funcionamento

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
1	Ata de defesa de artigo/monografia de especialização (144.322)	ataDefesa_1294 Joao Pedro Zanetti.pdf

Assinaturas

24/01/2022 11:04:27

ISIS SAMARA RUSCHEL PASQUALI (PROFESSOR ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO)
26.04.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ENSINO - DE-POLI

24/01/2022 11:45:40

EVERTON RODOLFO BEHR (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
03.40.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA - DZOT

27/01/2022 11:47:30

CLAYTON HILLIG (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
03.33.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO AGRÍCOLA E EXTENSÃO RURAL - DEDA

Código Verificador: 1114047

Código CRC: 47839381

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre estão me apoiando e dando incondicional suporte para todas as necessidades.

A minha orientadora, professora Ísis Pasquali, não só por todo o apoio dedicado no desenvolvimento desse trabalho, mas também pela paciência e pelo carinho durante esse período. É muito gratificante quando o trabalho mútuo vem unido de um lugar de respeito, e me senti muito a vontade em todos os momentos, desde a idealização do tema da monografia até nos diálogos depois da defesa. Então, muito obrigado por tudo.

A minha banca de defesa, professores Everton Behr e Clayton Hillig, pelas considerações prestadas acerca do trabalho, e pelo incentivo prestado a partir desse trabalho.

A ONG Voluntários da Fauna, em especial a veterinária Gleide Marsicano, a quem eu devo toda a gratidão por ter me aberto, mais uma vez, as portas para o desenvolvimento desse trabalho. Me sinto muito agradecido por ser bem recebido por vocês, e espero que essa monografia seja uma forma de expressar todo o carinho, respeito e gratidão que tenho por todos.

Aos veterinários da Toca dos Bichos, em especial àqueles que colaboraram para o trabalho tirando um pouquinho do seu tempo para ajudar nas entrevistas. Muito obrigado pelo tempo e por terem dado essa força para esse debate. A colaboração de vocês foi essencial para esse resultado.

Aos meus professores do curso de Educação Ambiental, por todos os ensinamentos ao longo desses semestres. Sabemos que não foi um período fácil, mas obrigado por terem mostrado o quão lindo esse curso e a área da educação ambiental é, e o quão importante é o nosso trabalho na promoção de um lugar melhor. De igual forma, agradeço aos meus colegas por toda a parceria prestada ao longo desse período.

RESUMO

URBANIZAÇÃO E CONFLITOS COM FAUNA SILVESTRE: AÇÕES E PERCEPÇÕES DA ONG VOLUNTÁRIOS DA FAUNA

Autor: João Pedro Zanetti Lopes

Orientadora: Ísis Samara Ruschel Pasquali

Data e local de defesa: Santa Maria/RS, 21 de janeiro de 2022.

Este trabalho analisou, através da entrevista com cinco médicos veterinários ligados à ONG Voluntários da Fauna, e da observação das redes sociais da ONG, as percepções e ações dessa organização em relação aos conflitos de fauna silvestre no meio urbano, bem como a visão dos profissionais no envolvimento da população com o trabalho da ONG e de como isso é compartilhado com a sociedade. Foi possível perceber, a partir dessa análise, não só os tipos de conflitos, mas também a visão profissional acerca do envolvimento humano na geração de tais conflitos. Como forma de aprofundar o assunto e estimular a sensibilização da sociedade, foi proposto, como ação ambiental, o desenvolvimento de uma mídia *podcast*, devido à popularidade da mídia e potencial para aprofundamento e educação informal acerca dos problemas ambientais.

Palavras-chave: Animais silvestres, impactos sobre a fauna, proteção de fauna, ONGs, educação ambiental.

ABSTRACT

URBANIZATION AND WILDLIFE CONFLICTS: ACTIONS AND PERCEPTIONS OF VOLUNTÁRIOS DA FAUNA NGO

AUTHOR: João Pedro Zanetti Lopes

ADVISOR: Ísis Samara Ruschel Pasquali

Data and place of defece: Santa Maria/RS, 21 of january 2022.

This study analyzed, through interviews with five veterinarians linked to the NGO Voluntários da Fauna, and the observation of the NGO's social networks, the perceptions and actions of this organization in relation to wildlife conflicts in urban areas, as well as the view of professionals in the involvement of the population with the work of the NGO and how this is shared with the society. It was possible to perceive, from this analysis, not only the types of conflicts, but also the professional view about human involvement in the generation of such conflicts. As a way of deepening the subject and stimulating society's awareness, it was proposed, as an environmental action, the development of a podcast media, due to the popularity of the media and potential for deepening and informal education about environmental problems.

Keywords: Wild animals, impacts on wildlife, wildlife protection, NGOs, environmental education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Dados sobre animais resgatados pela ONG em 2020.....	22
Figura 2-	Assuntos publicados no <i>Instagram</i> e a porcentagem de postagens.....	29
Figura 3-	Recorte de postagem realizada no <i>Instagram</i>	31
Figura 4-	Recorte de postagem sobre implementação de placa na cidade de Ivoti, RS.....	46
Figura 5-	Exemplo de fluxograma para cuidados com aves filhotes fora do ninho.....	48
Figura 6-	Recorte da postagem sobre o cágado no <i>Facebook</i> da ONG.....	50
Figura 7-	Recorte de matéria jornalística divulgada pela ONG.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Respostas da primeira questão da entrevista.....	32
Quadro 2- Respostas da segunda questão da entrevista.....	34
Quadro 3- Respostas da terceira questão da entrevista.....	37
Quadro 4- Respostas da quarta questão da entrevista.....	41
Quadro 5- Respostas da quinta questão da entrevista.....	51
Quadro 6- Respostas da sexta questão da entrevista.....	55
Quadro 7- Respostas da sétima questão da entrevista.....	57
Quadro 8- Respostas da oitava questão da entrevista.....	63
Quadro 9- Modelo de roteiro para um dos <i>podcasts</i>	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS.....	11
1.1.1	Objetivo Geral	11
1.1.2	Objetivos Específicos	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	URBANIZAÇÃO E PERDA DE HABITAT.....	13
2.2	FAUNA SILVESTRE NO MEIO URBANO.....	14
2.3	OS CONFLITOS MAIS COMUNS ENTRE FAUNA E URBANIDADE.....	16
2.3.1	Tráfico e criação ilegal de animais selvagens	18
2.4	PAPEL DOS CETAS E CENTROS PARCEIROS DO IBAMA NO RESGATE E DESTINAÇÃO DE FAUNA SILVESTRE.....	19
2.4.1	O trabalho das ONGs protetoras de fauna	20
2.4.2	A ONG Voluntários da Fauna	21
2.5	EDUCAÇÃO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	23
2.5.1	As redes sociais e o <i>podcast</i> como ferramentas de educação ambiental	24
3	MATERIAL E MÉTODOS	26
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	26
3.2	ETAPAS DA PESQUISA.....	26
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
4.1	OBSERVAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DA ONG.....	29
4.2	DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS.....	31
4.3	PROPOSTA DE PROJETO PERMANENTE DE AÇÃO AMBIENTAL – PODCAST “A VOZ DA TOCA”.....	65
5	CONCLUSÃO	71
	Considerações Finais	71
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICES	81
	ANEXO	102

INTRODUÇÃO

A cidade, dada as relações estabelecidas entre os seres vivos que a habita e o meio, é considerada um ecossistema. A modernização urbana, junto com a evolução nas formas de pensar, comunicar, se relacionar, viver e consumir, permitiu um pleno desenvolvimento tanto na infraestrutura quanto nas relações econômicas, socioculturais e ambientais. Apesar disso, é possível perceber diferentes impactos que esse processo trouxe para o meio ambiente. A expansão das estradas, o desenvolvimento da zona urbana, a criação de novas moradias, indústrias e construções, bem como o consumo e poluição dos recursos naturais, traz sérias consequências para a manutenção dos diferentes ecossistemas, assim como para a biodiversidade local.

Um dos problemas percebidos por tais impactos é a perda de habitat para as espécies de fauna. A ocupação e remoção de habitat causado pela urbanização faz com que a fauna local sofra com competições com outras espécies, com exposição à agentes causadores de doenças, e com possíveis interações indesejadas com o humano (VILELA et. al, 2016). Além disso, a crescente destruição ou fragmentação dos ecossistemas naturais faz com que muitos animais se tornem mais frequentes nas zonas urbanas.

Na cidade, a presença de animais silvestres, de acordo com Vilela et. al (2016), além de natural, é esperada, e pode gerar benefícios na percepção e educação da população para a melhoria da biodiversidade. Entretanto, é importante que, para que se alcance tal resultado, além da sensibilização da sociedade, um olhar mais atento se volte para os conflitos ambientais causados pela urbanização sobre a vida selvagem.

Esses conflitos podem gerar acidentes tanto para a população quanto para os animais, que, dada a gravidade dos impactos, devem ser resgatados e destinados para atendimento e reabilitação. Instituições como clínicas veterinárias, centros de triagem de animais selvagens, organizações e projetos de conservação animal surgem muitas vezes como únicos canais de apoio e incentivo para, através de suas atividades, promover o recebimento e tratamento dos animais silvestres; direcioná-los para o retorno à natureza ou, quando isso não for possível, encaminhá-los para instituições como zoológicos e mantenedouros de fauna; realizar pesquisas para fins

científicos e promover o diálogo com a comunidade através ações e iniciativas de educação ambiental.

A educação ambiental é um processo através do qual se possibilita a formação de novas formas de se olhar e agir sobre o meio. A partir de diferentes metodologias e práticas no compartilhamento de informações, saberes e experiências, torna-se possível compreender as diferentes problemáticas ambientais e sensibilizar a sociedade para promover uma maior valorização da fauna, através do conhecimento dos hábitos, papéis ecológicos, impactos e medidas de proteção das espécies silvestres. Nesse contexto, a educação ambiental vem como uma ferramenta essencial para o trabalho de sensibilização informal sobre a importância de um olhar mais cuidadoso sobre fauna no ambiente urbano, a importância ecológica das espécies e as formas de solucionar os conflitos gerados pelas ações humanas.

A partir do exposto, problematizou-se, a partir das atividades e relatos da ONG Voluntários da Fauna, a percepção das iniciativas de proteção animal acerca dos conflitos de fauna nos centros urbanos, bem como das estratégias de educação ambiental para debater a causa com a sociedade.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Auxiliar a ONG Voluntários da Fauna, de Porto Alegre/RS, com a orientação e sensibilização da comunidade ligada a ela, acerca dos conflitos humanos em relação com a fauna silvestre nos centros urbanos.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Conhecer as ações realizadas pela ONG Voluntários da Fauna em relação ao atendimento aos animais que recebem, bem como a maneira que buscam informar a população sobre o assunto;

- Identificar os principais problemas e impactos ambientais associados aos conflitos entre a vida urbana e a fauna silvestre dos animais internados e atendidos pela ONG,
- Desenvolver materiais informativos/educativos que auxiliem o trabalho da ONG sobre sensibilização da comunidade, buscando evitar impactos negativos sobre a fauna silvestre e como agir corretamente caso algum conflito ocorra.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. URBANIZAÇÃO E PERDA DE HABITAT

O desenvolvimento humano, ao longo da história, cursa com as formas com que o humano ocupa a natureza. Com o desenvolvimento das cidades, principalmente em decorrência da Revolução Industrial nos séculos XVIII a XX, “se estabeleceu uma economia industrializada, que utilizava uma tecnologia de produção e modos de consumo altamente predatórios, aumentando consideravelmente o impacto sobre o meio ambiente” (SPAREMBERGER e PAZZINI, 2011, p.152). O desenvolvimento tecnológico, atrelado com a modernidade, fez com que o humano percebesse a natureza como um recurso a ser explorado e dominado indiscriminadamente.

No Brasil, a expansão das cidades em consequência do êxodo rural e da busca por melhores condições de vida e trabalho tem início no final do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento das indústrias (JUNIOR, 2014). Contudo, os conflitos relacionados entre o crescimento urbano e a preservação ambiental se tornaram mais agravantes a partir da segunda metade do século XX, quando a urbanização foi intensificada (HOLZ, 2012). A medida em que a população se concentra nos centros urbanos, há um aumento no uso de recursos naturais para construção de instalações e aproveitamento dos mesmos, de forma pessoal, comercial ou industrial, pela população.

“A urbanização vem modificando muito o meio ambiente, gerando, em muitas cidades, impactos socioambientais, tais como distribuição desigual dos recursos naturais e desastres ambientais cada vez mais frequentes” (HOLZ, 2012, p.30). Com a expansão das cidades, um dos impactos que podem ser percebidos é a ocupação e fragmentação de habitats que, além de afetar o equilíbrio ambiental, pode ser um fator para a introdução de espécies silvestres no meio urbano.

A destruição e fragmentação do habitat é um processo através do qual uma região é drasticamente reduzida e dividida em múltiplas áreas, tornando-a vulnerável a efeitos climáticos e ações antrópicas (ANDRIOLO, 2006). De acordo com os autores, além do crescimento urbano, soma-se a esse fator o desenvolvimento de diferentes culturas e a exploração de recursos naturais, como o desenvolvimento agrícola e exploração da madeira; e ações antrópicas como desmatamentos, construção de

fontes de energia, como hidrelétricas; e construção de rodovias, sendo esta última o fator principal da fragmentação dos habitats.

Em decorrência do avanço das áreas urbanas sobre as áreas florestadas, espécies dependentes das florestas, principalmente àqueles que são mais sensíveis às alterações ambientais nas regiões florestadas intensas, para a busca de recursos para perpetuação e sobrevivência, podem não resistir às alterações, de modo a acarretar desde perdas até a extinção de espécies (TONETTI; MUYLEAERT; RIBEIRO, 2019). De acordo com os autores, a fragmentação gera comprometimento nas interações ecológicas, de forma que, mesmo espécies em abundância em um determinado fragmento podem estar funcionalmente extintas, uma vez que a eliminação de uma espécie prejudica a interação ecológica com sua comunidade, reduzindo, portanto, o papel ecológico da espécie em questão e de outras que se relacionam diretamente com ela.

As ações antrópicas que colaboram para a destruição dos habitats naturais, associada com o crescimento populacional, também propiciam ao aumento da emissão de poluentes. De modo geral, a poluição da água e do solo, em decorrência do desenvolvimento urbano e consequente estabelecimento de construções como fábricas e usinas hidrelétricas, causam perda de biodiversidade. A poluição do solo, principalmente em decorrência da disposição de resíduos sólidos, além de prejudicar a qualidade do ar e da água, permite a aproximação de animais que podem ser potenciais vetores de doenças (GÜNTHER, 2014).

2.2 FAUNA SILVESTRE NO MEIO URBANO

O modo como o humano interage com a natureza, bem como as formas de utilização dos recursos naturais, para fins de exploração ou para um desenvolvimento sustentável, gera diferentes impactos que se refletem na estrutura, nas interações e na permanência dos recursos disponíveis na natureza.

Um impacto ambiental, de forma conceitual, refere-se a:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; e a qualidade dos recursos ambientais (CONAMA, 1986, art.1º).

Os impactos humanos sobre a biodiversidade, de acordo com Sponsel (2001) podem envolver, direta ou indiretamente quatro fatores, que são: a superexploração dos recursos naturais; a modificação do habitat – seja por conversão ou fragmentação; a introdução de espécies exóticas; e a poluição. A presença de um dos fatores citados pode comprometer tanto a composição, estrutura e função dos ecossistemas, quanto os processos ecológicos em relação à biodiversidade, como a extinção.

A ocorrência de tais fatores, em relação à fauna, leva o animal a buscar novas formas de adaptação e sobrevivência.

Em relação ao ecossistema urbano, a migração de uma espécie para as cidades ocorre devido à necessidade de buscar abrigo e alimento, assim como pela quase ausência de predadores no ambiente (SÃO PAULO, 2014). As condições apropriadas de sobrevivência e adaptabilidade, encontradas nas cidades, levam a formação da chamada fauna urbana, que englobam tanto animais domésticos quanto selvagens, sejam esses transitórios ou permanentes (VALE; PREZOTO, 2019).

De acordo com Hadidian e Smith (2001, p.168), o ambiente urbano apresenta diferentes e complexos habitats, cujas condições de acomodação são influenciadas tanto por mudanças ambientais naturais quanto por mudanças antropogênicas, por onde os animais selvagens podem se sentir atraídos. De forma básica, pode se compreender o ambiente urbano quanto a dicotomia entre “espaços abertos”, como parques e bosques, e “ambientes construídos”, como residências e áreas comerciais e industriais.

A presença de diferentes espécies animais na cidade, quando associadas a espaços naturais, são importantes para o desenvolvimento humano. Conforme explica Vilela et. al (2016, p. 11):

(...) a presença da natureza nas cidades é necessária por muitas razões, entre as quais: aumenta a saúde e o bem-estar do homem; melhora o comportamento e o funcionamento cognitivo; facilita as redes sociais; estimula a prática de atividades físicas; reduz os níveis de crime, agressão e violência; promove uma educação não formal e aumenta o valor estético do ambiente.

Nesse sentido, Vale e Prezoto (2019) destacam a necessidade da promoção do planejamento urbano com a valorização de espaços verdes e estratégias para a difusão de conhecimentos sobre o modo de vida e de tratamento dos animais presentes na fauna urbana, como medida para promover uma melhor qualidade de vida da sociedade e das espécies locais. Além disso, a elaboração de práticas

ambientais nesses espaços, além de permitir a formação de um olhar ecológico, estimula o desenvolvimento de ações para a conservação da biodiversidade e preservação ambiental, de modo a auxiliar a sociedade a conhecer o ambiente em que vive, reconhecer os problemas e buscar meios de solucioná-los.

2.3 OS CONFLITOS MAIS COMUNS ENTRE FAUNA E URBANIDADE

Os conflitos gerados pela fauna selvagem na cidade se relacionam com situações em que ou o animal oferece risco ao humano, ou o animal é vítima das ações antrópicas (VILELA et. al, 2016). Em relação aos riscos de acidentes provocados pelos animais aos humanos, esses podem ocorrer devido ao potencial patogênico de determinadas espécies, bem como por meio de situações em que a presença do animal, devido a oferta de recursos favoráveis à sobrevivência do indivíduo ou através de comportamentos humanos em relação ao animal, o torna indesejável no ambiente.

Para o primeiro exemplo, destacam-se as espécies sinantrópicas. A fauna sinantrópica, conforme Ibama (2006) corresponde a animais silvestres ou exóticos que, de modo transitório ou permanente, se adaptaram ao ambiente construído pelo humano. Determinadas espécies, no entanto, chamadas sinantrópicas nocivas, podem interagir de forma negativa com o humano, de modo a acarretar em danos econômicos, ambientais, e de saúde. O risco, nesse sentido, se dá pela alta adaptabilidade e capacidade reprodutiva dessa fauna, que faz com que animais como pombos, baratas e ratos invadam propriedades, danificando-as e colocando a saúde humana e de outros animais em risco (VALE; PREZOTO, 2019).

As zoonoses, que são doenças transmitidas entre animais vertebrados e humanos, também podem estar relacionadas com as interações antrópicas sobre o ambiente. Nessas circunstâncias, os animais selvagens podem ser reservatórios de patógenos que, em contato com o humano, alteram as relações ecológicas entre o agente e o hospedeiro, de modo a propiciar o aparecimento das doenças (MARVULO; CARVALHO, 2014).

Como efeito da urbanização, o desenvolvimento de construções e estruturas antrópicas podem contribuir para a ocorrência de acidentes nas diferentes espécies. As interações realizadas entre os animais e elementos pertencentes à infraestrutura urbana, como redes de fios elétricos, estradas e prédios espelhados, geram acidentes

como eletrocussões, atropelamentos e colisões em vidraças (BIONDO; PLETSCH; GUZZO, 2019) que, além de aumentar a mortalidade das espécies, pode comprometer o retorno e a sobrevivência das espécies na natureza. Além disso, o acúmulo de entulhos, decorrentes dos processos de construção ou de descarte de objetos como móveis e outros resíduos, favorecem o alojamento de espécies, ao localizar os espaços como abrigos, de forma a gerar problemas entre a população e a fauna pela presença do animal (VILELA et. al, 2016).

A poluição causada pelo humano nos diferentes ambientes oferece riscos para a fauna, cuja interação pode resultar em adaptações indesejadas, no desenvolvimento de lesões e no aumento da mortalidade dos animais. No que diz respeito ao solo, o acúmulo de resíduos sólidos, além de beneficiar a aproximação e alojamento de animais, pode causar intoxicações, de acordo com o material descartado no local. Efeitos semelhantes podem ser percebidos também a partir da poluição da água, através do derramamento de óleo, de efluentes industriais e resíduos tóxicos. O descarte inadequado de resíduos no solo e na água, como plásticos, metais e vidro, assim como cordas e anzóis, pode gerar perdas por lesões decorrentes da interação ou acidentes com esses materiais.

Em cidades litorâneas, além dos riscos associados ao descarte de resíduos sólidos nas praias e no mar, a poluição luminosa pode ser um fator de risco para a sobrevivência de tartarugas marinhas. Isso ocorre pois, no período da desova, os filhotes tendem a se locomoverem em direção à luz, e a iluminação artificial proveniente de postes podem confundir o animal e propiciar a morte por desidratação e exaustão, e causar a atração de predadores (SALIÉS et. al, 2015).

Em relação à poluição sonora, pode ser citado o impacto causado por fogos de artifício em determinadas datas ou eventos comemorativos. O brilho e o som causado pelo uso desses artefatos geram uma reação de estresse nos animais, que pode desencadear acidentes como fugas, atropelamentos e colisões (CAPILÉ, LIMA, FISCHER, 2014). Por fim, podem ser somados aos impactos situações de maus tratos, como e agressões, seja em decorrência de estímulos de medo ou desconhecimento da espécie, seja através de caça.

2.3.1 Tráfico e criação ilegal de animais silvestres

O comportamento humano em relação à fauna silvestre pode contribuir para a ocorrência de impactos e danos ambientais. Um dos principais problemas diz respeito ao tráfico, uma vez que é possível identificar em zoológicos, santuários e mantenedouros de fauna, bem como em projetos de conservação, ações de resgate de animais selvagens e nos atendimentos clínicos, exemplos de espécies provenientes do comércio e criação ilegal. Essa prática está inserida nos crimes contra a fauna, presente na lei 9.605/98 (BRASIL, 1998), e prevê multa e detenção a todo aquele que captura, comercializa e adquire espécimes da fauna silvestre sem a devida autorização das autoridades competentes.

Em um contexto urbano, um dos fatores que pode contribuir para a geração de conflitos engloba a posse e a criação de espécies exóticas ou ilegais. Além do mercado de *pet shops*, o tráfico pode ser realizado com vistas para destinação em zoológicos e criadores particulares, para a biopirataria, e para o aproveitamento dos subprodutos como couro e carne (RENCTAS, 2001).

Todas as espécies estão passíveis de serem comercializadas ilegalmente. As aves são as principais espécies comercializadas ilegalmente, seguida pelos répteis e mamíferos (RENCTAS, 2001). A aquisição ilegal desses animais, sobretudo os passeriformes e psitacíformes, se dá pela beleza e exuberância das cores, assim como pela inteligência e potencial sonoro das espécies (JUNIOR, 2021). A capacidade de mimetismo da fala humana, assim como a beleza do canto dessas espécies as tornam mais visadas para a aquisição.

O tráfico pode gerar consequências de três naturezas: No aspecto sanitário, ocorre riscos de transmissão de zoonoses e de doenças para outras espécies, potencializadas pela queda da imunidade proveniente do estresse sofrido por esses animais; no aspecto econômico e social, trata-se de uma prática lucrativa que, além de promover a destruição dos recursos naturais, não gera retorno para a economia do país; e no aspecto ecológico, há perda da biodiversidade, associada ao risco de extinção de espécies e diminuição das relações e interações ecológicas com o meio, além do risco de introdução de espécies exóticas na natureza, a partir de situações de descarte e abandono dos animais não mais desejados (RENCTAS, 2001).

Esse último aspecto ressalta a importância do conhecimento das características, hábitos e particularidades de cada espécie no momento da aquisição

para criação como animal de companhia. É necessário que o tutor esteja ciente das necessidades do animal, bem como da responsabilidade associada com a criação de uma espécie silvestre, para evitar, além de situações que possam configurar maus-tratos, possíveis impactos ambientais, principalmente em decorrência do abandono que, além de diminuir a capacidade de sobrevivência do animal na natureza, predispõe em interações indesejadas com outras espécies.

Os fatores e impactos citados podem exigir diferentes estratégias e intervenções para garantir o resgate e a proteção da fauna local e do animal acidentado.

2.4 PAPEL DOS CETAS E CENTROS PARCEIROS DO IBAMA NO RESGATE E DESTINAÇÃO DE FAUNA SILVESTRE

De acordo com o impacto ao qual um animal pode sofrer no meio urbano, podem ser necessárias intervenções que avaliem a viabilidade do mesmo retornar à natureza, a partir de avaliações médicas veterinárias a fim de atestar o estado de saúde, consciência e estímulos que permitam a reintrodução à vida livre do animal resgatado.

Os centros de triagem e centros de reabilitação são os órgãos autorizados pelo IBAMA para realizar o recebimento, identificação, triagem, avaliação, recuperação, reabilitação e destinação da fauna silvestre proveniente de resgates, entrega voluntária e ações fiscalizatórias (IBAMA, 2015), por órgãos como o IBAMA, institutos ambientais regionais, Polícias Ambiental, Federal e Civil, bem como pela população em geral (VILANI, 2006). De acordo com Vilani (2006), hospitais veterinários universitários e particulares, assim como clínicas veterinárias, auxiliam como pontos de suporte para o atendimento de animais selvagens, com a prestação de serviços para os órgãos citados, assim como para zoológicos e criadouros de animais selvagens.

De acordo com Vilela e Lopes (2018), os processos de triagem de um animal resgatado envolvem cinco etapas. Tais etapas são: a identificação do animal no ato do recebimento; a avaliação clínica, para fins de verificação do estado de saúde do animal e prevenção de disseminação de doenças; a avaliação física, a fim de determinar a destinação do animal; a avaliação comportamental, com o objetivo de identificar sinais de movimentos estereotipados e compulsivos, bem como sinais de

docilidade ao humano; e a reabilitação, que é realizada através de atividades de enriquecimento ambiental, comportamental e social, para prepará-lo para a devolução à natureza.

Tais etapas permitem que o profissional, a partir do recebimento do animal, seja capaz de avaliar e promover o destino mais adequado para ele, de acordo com a situação ao qual foi recebido no estabelecimento e com a evolução do seu estado em relação ao período em que foi resgatado.

Além do recebimento e atendimento da fauna selvagem, tais centros, bem como zoológicos, aquários e clínicas veterinárias que atuam com fauna silvestre, podem ter um papel importante na sensibilização da população a partir da educação ambiental, pois ela tem um importante papel fundamental que define entre a vida e plena recuperação animal, ou sua morte, de acordo com o tempo e a forma com que o resgate e encaminhamento forem realizados.

Nesse contexto, é ressaltada a disseminação de informações a fim de orientar a população quanto a questões legais da criação do animal (ALMEIDA, 2021a) além de sensibilizar sobre a importância do papel ecológico das diferentes espécies, das práticas que possam gerar danos aos animais, e na elaboração de estratégias que incentivem o conhecimento e a conservação das espécies, bem como a continuidade dos serviços prestados pelas instituições atuantes na conservação de fauna.

2.4.1 O trabalho das ONGs protetoras de fauna

A proteção animal e a conservação da biodiversidade, tem apoio de diferentes instituições. Através de ações de diferentes naturezas, essas instituições orientam a população acerca da preocupação com as problemáticas pertinentes ao foco de atuação, bem como colaboram para atender as necessidades dos sujeitos. Dentre esses espaços, destaca-se o papel das organizações não-governamentais (ONGs) como colaboradoras.

Uma ONG, conforme Sheid e Mafalda (2010), é uma instituição pertencente ao terceiro setor, ou seja, iniciativas privadas que atuam com fins públicos, de forma a promover ações e projetos de naturezas diversas para atender a um bem comum. Dentre esses bens, pode ser incluída a questão ambiental, de forma a englobar, dentre outros exemplos, ações de conservação ambiental e proteção de fauna. Essas organizações, que podem desenvolver ações para prestação de serviços ou

conscientização, são caracterizadas pela atuação sem fins lucrativos, e podem envolver, entre outras especificidades, a valorização do voluntariado enquanto parte da dinâmica da ONG (MERCADO, 2007).

O trabalho prestado pelas ONGs depende da participação ativa dos colaboradores, a partir da disponibilidade e tempo de cada sujeito nas ações, tanto administrativas quanto nos projetos e atividades propostas e desenvolvidas. De igual forma, a captação de recursos para o desenvolvimento das atividades depende da colaboração da comunidade e de empresas, por meio de doações (SANTOS, 2012). O trabalho voluntário, se nenhuma remuneração, somado ao apoio por meio de doações, permitem um atendimento maior do que o sistema público pode oferecer, possibilitando acesso a diversos serviços – como proteção a fauna silvestre – a toda comunidade.

2.4.2 A ONG Voluntários da Fauna

A ONG Voluntários da Fauna é uma organização sem fins lucrativos que atua há mais de 30 anos na reabilitação de fauna silvestre. Ela é vinculada à clínica veterinária Toca dos Bichos, cuja matriz está localizada na zona norte de Porto Alegre, RS.

A ONG, de forma voluntária, atua no recebimento, atendimento, reabilitação e destinação de animais selvagens oriundos de resgates a partir de órgãos ambientais, bem como da entrega por parte da população. Em 2020, a ONG ajudou na manutenção da vida de 4.156 animais, como pode ser observado na Figura 1. Em 2021, até o dia 28 de julho, a ONG recebeu 1726 animais.

Figura 1 – Dados sobre animais resgatados pela ONG em 2020



Fonte: ONG Voluntários da Fauna, 2021a.

De forma geral, a divulgação e compartilhamento das ações e atividades da ONG é realizada através das redes sociais *Facebook* e *Instagram*.

Através dessas redes, o trabalho da Voluntários da Fauna é divulgado por meio da associação de imagens e textos informativos ou ilustrativos acerca da situação dos diferentes animais silvestres reabilitados; do compartilhamento de matérias jornalísticas relacionadas com a fauna silvestre ou com o trabalho da ONG; e do compartilhamento de links de videopalestras realizadas pelos profissionais da ONG.

As redes sociais da ONG auxiliam na demonstração do estado clínico dos animais atendidos e reabilitados, de maneira a informar a comunidade sobre a evolução do quadro do animal, desde o momento da recepção até a soltura do mesmo; problematizam situações aos quais os animais são recebidos, de modo a levantar a reflexão sobre os fatores que levam à necessidade de reabilitação de uma espécie ou indivíduo; e informam a sociedade, através de postagens de curiosidade, sobre características e hábitos de uma espécie.

Além disso, através das redes sociais, a Voluntários da Fauna mantém um vínculo com a comunidade através da solicitação de doação de alimentos e produtos auxiliares no tratamento dos animais; na prestação de contas do número de animais atendidos, assim como dos valores arrecadados e investidos na ONG, e na comercialização de produtos, cujos valores são revertidos para o trabalho com a fauna silvestre.

2.5 EDUCAÇÃO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A sensibilização da sociedade, assim como a formação de um olhar crítico e o planejamento de ações em relação aos problemas sobre a fauna, envolvem o estabelecimento de estratégias, ações e saberes ligados com educação ambiental. A educação ambiental, conforme a Lei 9.795 (BRASIL, 1999, art 1º), são todos os “processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente (...)”.

Trata-se de um processo filosófico e metodológico através do qual o sujeito é capaz de promover mudanças a partir de questionamentos acerca da sociedade, do próprio sujeito e seus valores, do cotidiano e das relações com os outros e com a natureza (GARCIA; PRIOTTO, 2009). Ou seja, a capacidade de mudança promovida através da educação ambiental parte do envolvimento que o sujeito tem em relação não só com a situação a ser trabalhada, mas também com a sua realidade e suas experiências, como base para a formulação de uma consciência crítica e ecológica.

De acordo com Castro e Canhedo Jr. (2014), esse envolvimento permite ao sujeito desenvolver recursos e conhecimentos para o estabelecimento de uma educação ambiental participativa, cidadã e interdisciplinar, de modo a compreender a complexidade do debate ambiental nas esferas biológicas, sociais, culturais, econômicas e proporcionar a solução para os problemas ambientais.

No que tange à fauna silvestre, a educação ambiental se faz necessária na sensibilização da população acerca da valorização da importância ecológica da fauna nos diferentes ecossistemas, e deve promover, por meio de diferentes metodologias, um olhar crítico e reflexivo das relações estabelecidas entre o humano e o animal, bem como da forma com que o desenvolvimento da sociedade impacta na conservação, sobrevivência e manutenção das espécies nativas e exóticas.

A educação ambiental parte de um processo de mudança na forma com que o ambiente e a realidade são observados pelo sujeito. Cada pessoa vê, sente e interage com o ambiente de forma diferente, de forma que o modo como a pessoa responde aos estímulos e situações do meio é particular. A percepção ambiental, nesse sentido, procura expressar, a partir dos diferentes conceitos que possa apresentar, a relação

entre o sujeito e a natureza, o conhecimento do meio, a forma como o utiliza e como as relações culturais são influenciadas sobre esse meio (CUNHA; LEITE, 2009).

Através disso, é possível não apenas reconhecer o ambiente e a realidade ao qual o sujeito se encontra, mas também promover condições de avaliar e agir sobre eles. Desse modo, a percepção ambiental pode ser um instrumento útil tanto para o reconhecimento dos problemas ambientais quanto para a promoção de meios para solucioná-los.

2.5.1 As redes sociais e o *podcast* como ferramentas de educação ambiental

A educação ambiental, em relação a estabelecimentos do terceiro setor, pode ser desenvolvida através de recursos formais e não-formais, como instrumento de sensibilização acerca do objeto social ao qual se destina. Uma das ferramentas que tem sido utilizadas para a promoção de educação ambiental são as redes sociais. A partir da facilidade de acesso à informação, bem como às diferentes estratégias de divulgação e contextualização das questões ambientais através da internet, é possível a troca de ideias e a interação entre indivíduos com ideais semelhantes, permitindo a partir disso a aproximação de grupos de pessoas com interesses afins (NICODEMO; BARROS, 2013).

As redes sociais têm assumido um papel importante enquanto promotora e difusora de educação ambiental. Através delas, são permitidas o compartilhamento de informações e ações a partir de diferentes estratégias promovidas pelos organizadores, aliada com os *feedbacks* entregues pelos usuários por meio de reações e comentários. Esse aspecto colaborativo, além de aumentar o engajamento dos perfis dos criadores de conteúdo, gera um impacto positivo por meio da atração de seguidores, o que estimula os criadores em não só melhorar a qualidade do conteúdo veiculado, mas também em ampliar o alcance das informações.

Em relação às instituições do terceiro setor, a veiculação das informações por meio das redes sociais ajuda a aumentar a transparência e confiabilidade no trabalho desenvolvido pelas mesmas, além de ilustrar as diferentes práticas propostas pela ONG. Dessa forma, é possível que o vínculo estabelecido entre ONG e seguidores seja benéfica, não apenas na sensibilização, mas também na arrecadação de doações para a manutenção do trabalho da instituição. Silva (2018) reforça essa ideia, ao considerar a importância das redes sociais como ferramentas úteis para não só dar

visibilidade para as organizações do terceiro setor, assim como para captação de recursos, atração de voluntários, criação de projetos e atração de doações.

Para tal, a promoção do trabalho de tais instituições em redes como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e *Twitter*, se tornam úteis como recursos para estabelecimento de relações comunicacionais, prestação de serviços e manutenção de informações e atualizações do trabalho desses espaços.

Uma outra plataforma que se soma às ferramentas digitais para comunicação, informação e educação é o *podcast*.

O *podcast* é um recurso midiático que vem se popularizando na internet, dada a facilidade de acesso e a variedade de conteúdos que o mesmo oferece. De acordo com a IAB Brasil (2019), há um crescimento tanto no consumo quanto na produção de *podcasts* no país. Uma pesquisa desenvolvida pela Globo em parceria com o IBOPE (2021) identificou como fatores para o crescimento do consumo de *podcasts*, recurso acessado por quase 30 milhões de pessoas no país, a possibilidade de ouvir as produções durante a realização de outras tarefas e atividades do dia a dia, assim como o consumo sob demanda.

Trata-se um arquivo de áudio, alusivo ao rádio, cujo formato permite o desenvolvimento de conteúdos informativos, em uma estrutura de debate, entrevista ou programa, roteirizado ou não, e que pode ser compartilhado para apreciação de outras pessoas. Luiz e Assis (2010) ilustram como características para o desenvolvimento de um *podcast* a produção, por meio de um aparelho com microfone, fone de ouvido e um programa para gravação de som; o tipo de arquivo de som, de modo a facilitar o salvamento do mesmo pelos usuários; a disponibilidade e facilidade de acesso ao arquivo na internet, através de um servidor que armazenará o arquivo; e o acesso, por meios de divulgação do conteúdo.

Na educação ambiental, o *podcast* pode ser utilizado como um recurso informal para, dentre outras ações, o compartilhamento de ideias, diálogos entre diferentes indivíduos, reflexões acerca dos problemas ambientais, e sensibilização a partir dos temas desenvolvidos. Silva e Silva (2017) destacam a facilidade de produção, uma vez que pode ser realizado por meio de aparelhos móveis, como o celular, e uma rede de acesso à internet, pode ser disponibilizado nas redes sociais ou em plataformas apropriadas para tal, e permite ao usuário salvar o arquivo para ouvir quando quiser.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada na ONG Voluntários da Fauna, organização sem fins lucrativos mantida pela Clínica Veterinária Toca dos Bichos, localizada na cidade de Porto Alegre, RS.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa. De acordo com Guerra (2014, p.11):

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Para tal, o tipo de pesquisa realizado foi um estudo de caso, cujo foco encontra-se nas percepções e ações vinculadas à ONG Voluntários da Fauna. Trata-se de um método de pesquisa que, de acordo com Ventura (2007, p.384), “visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações”.

3.2 ETAPAS DA PESQUISA

No primeiro momento, foi realizada uma observação indireta do trabalho desenvolvido pela Voluntários da Fauna através do *Facebook*¹ e *Instagram*², que são as redes sociais utilizadas pela ONG. Essa observação teve por objetivo identificar, através das postagens, o teor dos conteúdos relacionados com os conflitos de fauna no ambiente urbano, bem como as ações desenvolvidas pela ONG, no período de 01 de janeiro de 2020 a 31 de agosto de 2021.

Os dados coletados nessa primeira etapa possibilitaram conhecer o teor dos conteúdos compartilhados através das redes sociais, a abordagem utilizada pela ONG

¹ www.facebook.com/VoluntariosdaFauna

² www.instagram.com/voluntariosdafauna

para captação de recursos para manutenção do trabalho com a fauna, e a forma como os conflitos de fauna são colocados através das reflexões e ilustrações dos animais resgatados, tratados e soltos. A coleta e uso desses dados teve aprovação da ONG (APÊNDICE A).

Nos dias 27 e 28 de junho de 2021, foi realizada uma entrevista em caráter presencial com quatro dos cinco médicos veterinários ligados à ONG Voluntários da Fauna. E no dia 2 de agosto, a quinta médica veterinária, que não pode estar presente nos dias 27 e 28, foi entrevistada por meio do aplicativo de conversas *Whatsapp*. A entrevista com os médicos veterinários da ONG foi realizada com o intuito de compreender a percepção desses profissionais acerca dos conflitos de fauna que chegam a seus cuidados.

A entrevista é uma técnica de pesquisa que permite uma aproximação mais profunda entre os sujeitos, de forma a proporcionar uma percepção mais detalhada das experiências, percepções e vivências do entrevistado (GIL, CARLAN, BEHLING, 2015). A escolha pela entrevista padronizada teve por objetivo buscar os diferentes olhares acerca de uma mesma questão, como forma de enriquecimento do aspecto proposto através da pergunta, e do levantamento de percepções em comum que podem ser considerados mais importantes, a partir da fala dos diferentes profissionais.

Oito perguntas foram realizadas aos profissionais (APÊNDICE B). As perguntas foram pensadas de forma a buscar, através da fala dos profissionais, a percepção dos mesmos acerca do envolvimento da comunidade com o resgate de fauna e entrega voluntária; dos conflitos de fauna, assim como dos fatores que possam levar à ocorrência dos mesmos; e da forma com que a ONG pode influenciar a comunidade na mudança de atitudes, além de promover uma breve autorreflexão acerca do papel dos médicos veterinários no processo de sensibilização e atuação profissional.

Para os profissionais não serem identificados na apresentação das respostas, os mesmos serão tratados por meio das seguintes abreviaturas: MV1, MV2, MV3, MV4 e MV5.

A discussão foi realizada a partir da relação entre as respostas e relatos fornecidos pelos entrevistados com dados e informações encontradas nas bibliografias sobre os assuntos abordados. As informações foram complementadas com os registros do levantamento realizado através da observação das redes sociais.

Todas as respostas foram transcritas pelo autor do trabalho e apresentadas na forma de quadros devido a extensão das mesmas. Para melhor compreensão da ideia

na discussão dos tópicos e das perguntas, alguns marcadores de expressão – que não afetavam na compreensão exata da resposta – foram suprimidos e algumas passagens das respostas foram adaptadas, de forma a proporcionar melhor compreensão da ideia sem, no entanto, alterar o sentido da fala de cada profissional.

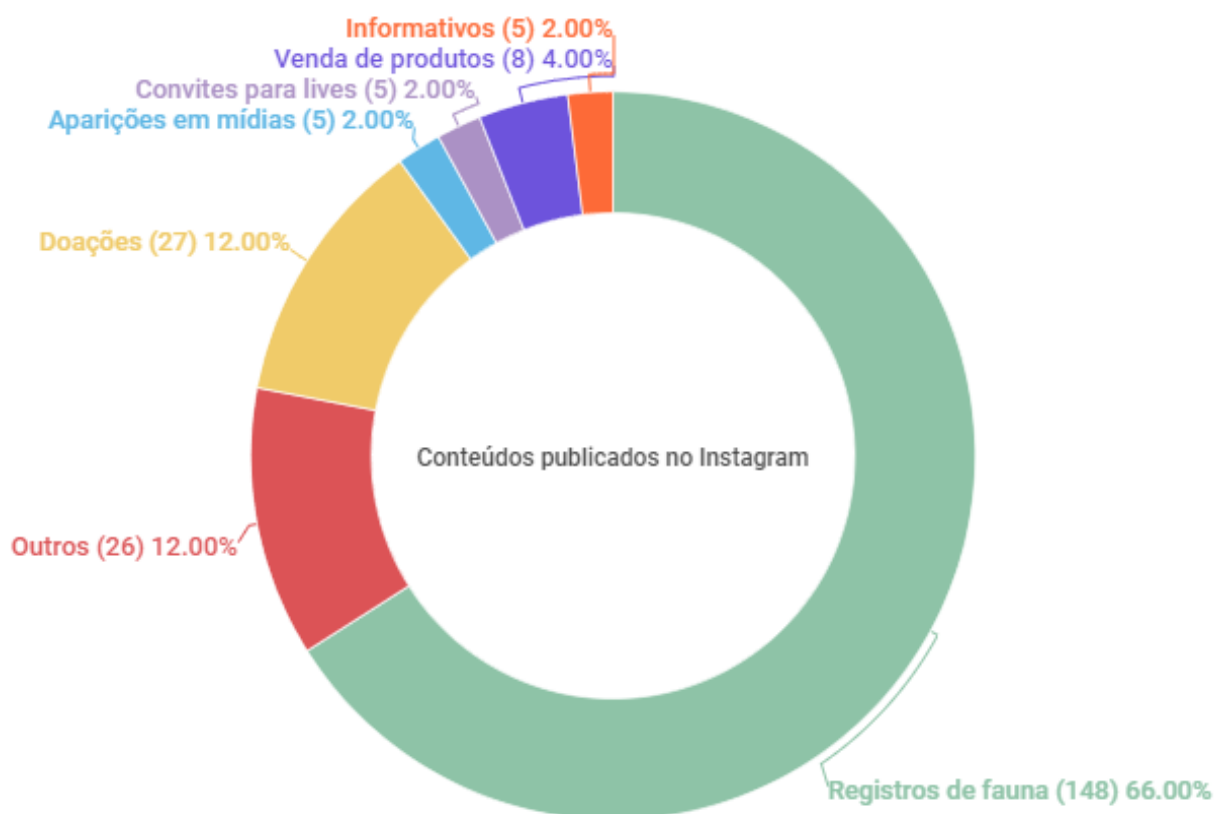
Para comprovação, as respostas encontram-se transcritas, conforme foram fornecidas pelos profissionais, no Apêndice C desta monografia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OBSERVAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DA ONG

Durante o período entre 01 de janeiro de 2020 e 31 de agosto de 2021, foram analisadas 280 postagens no Facebook e 224 postagens no *Instagram* da Voluntários da Fauna, cujo conteúdo pode ser percebido na Figura 2. O conteúdo veiculado em ambas as redes sociais são semelhantes, e a diferença no número de postagens se dá pela maior divulgação de palestras, reportagens e convites para debates em formato de *lives*, bem como de atualizações do perfil da ONG no *Facebook*.

Figura 2- Assuntos publicados no Instagram e a porcentagem de postagens



Fonte: Autor, 2021.

Uma iniciativa a ser destacada no *Facebook*, realizada em maio de 2020, foi uma série de três postagens que fez um resgate histórico de três animais, que foram uma lontra, um bugio e um veado-campeiro. Nessas postagens, foi realizado um breve

resumo acerca da chegada dos animais até a ONG, assim como o estado de saúde e as circunstâncias da reabilitação; e o que aconteceu com cada um dos animais. No caso, todos os animais eram filhotes quando foram encaminhados até o local e, embora o bugio não tenha resistido e veio a óbito, os outros dois animais tiveram a oportunidade de se desenvolver. O veado-campeiro foi solto na natureza e a lontra foi encaminhada, na época, a um zoológico.

A maior prevalência dos conteúdos postados através do *Instagram* da ONG envolve o registro dos animais atendidos. Esses registros ilustram o estado do animal desde o momento de chegada na ONG até sua soltura. Nessas imagens, os animais reabilitados podem ser vistos interagindo com outros animais, se alimentando, usufruindo de ferramentas de enriquecimento ambiental, realizando exames e procedimentos médico-veterinários, e retornando à natureza.

É interessante notar, ao observar as postagens, o olhar crítico da ONG em relação ao humano (Figura 3). Percebe-se uma recorrência nos conteúdos divulgados nas redes sociais, em utilizar o registro animal para refletir, criticar e ponderar as ações humanas na geração das situações que levam o animal a ser resgatado e reabilitado, assim como em relacionar o crescimento populacional e o desenvolvimento dos centros urbanos com situações que possam gerar problemas para a fauna.

Além dos registros de fauna, destaca-se os conteúdos voltados para a arrecadação de doações, como alimentos, medicamentos e jornais; as postagens de comercialização de produtos, como canecas e camisetas, cujo valor é retornado para a manutenção do trabalho da ONG; registros de matérias veiculadas em jornais e em reportagens televisivas; convites para palestras online; conteúdos informativos; além de outras abordagens veiculadas pela ONG, com ênfase para a divulgação de uma parceria com uma pizzaria local, cuja parte do valor arrecadado na compra do produto é revertida para a ONG.

Em relação às postagens de soltura dos animais reabilitados, essas perfizeram 12% do total de postagens observadas, a partir do registro de 29 imagens e vídeos divulgados no *Instagram*.

Figura 3- Recorte de postagem realizada no Instagram.



Fonte: ONG Voluntários da Fauna, 2021a.

As principais espécies percebidas nas postagens são mamíferas e aves. Do total de postagens realizadas pela ONG, 82 estavam relacionadas com mamíferos, perfazendo 36%, enquanto 54 postagens (24%) possuíam registro de aves. Também foi possível observar 8 conteúdos envolvendo répteis e apenas um relacionado à reabilitação de anfíbios.

Dentre os principais conflitos de fauna observados a partir das postagens, o destaque fica para a questão do recolhimento de aves filhotes sem necessidade. Outras situações que foram percebidas foram maus-tratos, acidentes com anzóis, atropelamentos, e ataques de cães.

4.2 DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

As perguntas realizadas aos médicos veterinários da ONG Voluntários da Fauna foram divididas em três blocos.

a) Bloco 1- Percepção, envolvimento e postura da comunidade

No primeiro bloco, correspondente às questões 1, 2 e 3, as perguntas tiveram por intuito compreender, a partir do olhar dos entrevistados, a percepção, envolvimento, e postura da comunidade frente ao trabalho desenvolvido pela ONG, bem como em relação aos animais entregues para reabilitação.

Em relação a primeira questão, as respostas são apresentadas no quadro 1:

Quadro 1- Respostas da primeira questão da entrevista

Médico Vet	Como você percebe o interesse da comunidade acerca do trabalho realizado pela ONG Voluntários da Fauna?
MV1	Quem conhece o trabalho, quem acaba conhecendo, acaba se tocando muito com isso. Açam um trabalho legal, a grande maioria. E a outra maioria trata a gente como se a gente tivesse a obrigação de fazer isso, e não como se fosse uma coisa que a gente se propõe pra fazer. Tipo assim: “larguei pra ti, se vira!”. Sabe? Então é bem estranho, o pessoal muitas vezes fica muito surpreso quando descobre que a gente não recebe pra isso, e eles não acreditam nisso. As vezes eles são até ríspidos quando a gente fala assim “Não, mas...”, a gente pede uma ajuda, alguma contribuição espontânea, pode ser 1 real, 10 centavos, o que for. Eles ficam bravos porque a gente ouve eles dizerem: “Vocês ganham um dinheirão em cima disso”. Então assim, a grande maioria aceita muito bem o trabalho, acham muito legal, e tem a outra parte que trata assim: “Estou fazendo a minha parte, te vira agora”. Sabe? Então não tem um entendimento do que realmente acontece.
MV2	Assim, até que é bem dividido. Dum lado tem pessoas que são muito interessadas pelo bicho que vem, ajudam a gente, como já sabem que é uma ONG, que a gente sobrevive de doações, ajudam com doações. Tu vêes que ela é mais preocupada com o animal. E a outro passo, tem gente que: “Ai, encontrei esse bichinho na rua.” e larga na bancada. As vezes eles nem querem deixar os dados todos deles ali, pois a gente precisa porque todos os animais que entram são catalogados e passam tudo pra SEMA. Mas tem gente que vem assim, só deixa e vai embora. Mas é mais comum essas pessoas que tem maior preocupação com o bichinho. Tem até várias pessoas que já chegam com o bichinho e já tem nome e tudo, já se apegaram, já dialogam e pedem: “Aí, como é que vocês fazem? Reabilitam e depois soltam? Onde é que soltam? Como é que faz?”. A gente sempre explica como é que funciona. Mas assim, de modo geral, quem já conhece a ONG, e sabe como ela é, ajuda bastante, tanto com alimento que a gente precisa também. Mas meu ponto de vista em relação a comunidade é que na grande maioria ela é bem empenhada, tem uma preocupação bem legal com os animais.
MV3	Tem um grande interesse. As pessoas têm uma grande empatia pelo trabalho da Voluntários da Fauna, porque elas acham vários animais silvestres na natureza, é muito comum. Daí incluindo aí os animais sinantrópicos que são grande número, principalmente pombas, então eles aparecem bastante. E com relação ao trabalho desenvolvido junto com a Secretaria também, tá? Eles têm um grande apelo emocional com as pessoas.
MV4	Hoje em dia o interesse da comunidade é muito maior na ONG Voluntários da Fauna, porque há anos, quando ela não era ONG ainda, né – porque nós fazemos esse trabalho há muitos e muitos anos, desde o início da Clínica, na verdade, naquela época a gente alcançava muito a comunidade local ali, os nossos vizinhos e a nossa vizinhança, né? Hoje em dia até acredito pelo advento da internet também, das redes sociais e tudo, tá mais ao alcance dos dedos, né? As vezes as pessoas resgatam os animais e põem nas redes sociais né, então

	comentando no nosso trabalho e nosso trabalho tá cada vez ganhando asas né, Indo mais longe. Então a comunidade, sim, tem bastante interesse né nesse trabalho de resgate, acho que isso é uma das coisas que motiva bastante a comunidade, poder ajudar da forma como eles conseguem esse tipo de animal também. Então o interesse tem crescido e tem crescido bastante.
MV5	Eles são bem interessados, principalmente a população em geral mesmo, que nos traz a maior quantidade de animais. Questão de polícia, brigada, batalhão e essas coisas é menor número, secretaria etc., realmente quem traz mais é a população. Claro, ainda falta muita gente conhecer ainda, divulgar e tudo mais, mas as pessoas são bem interessadas. Claro, a grande questão é tentar conscientizar o valor né, porque as pessoas ficam muito naquelas “aí, vou levar e agora, assumem” então, então a gente sempre tenta conscientizar, mostrar como não acontecer de novo, e mesmo que explicando...que nem a época da Andorinha, né? Que muitas vezes têm lareira e a gente sabe que elas fazem ninho na lareira e acaba caindo e tudo mais então conscientizar tipo “ah tem que botar a rede”, explicar toda a situação senão ano que vem vai acontecer de novo e então, se a gente não tiver essa explicação eles não entendem tanto, mas eles são bem interessados, geralmente curtem bastante.

A partir das respostas obtidas, foi possível perceber que, de modo geral, a percepção dos profissionais sobre o interesse da comunidade em relação ao trabalho desenvolvido pela ONG, assim como aos animais recebidos, é positiva.

De acordo com MV5, a população em geral é a maior responsável pelo resgate e encaminhamento dos animais silvestres até a ONG, ao passo que órgãos como polícia, Brigada Militar, Batalhão Ambiental e profissionais ligados à Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAM), realizam o serviço em menor número.

Os fatores ligados com a percepção sobre o trabalho da ONG, de acordo com os entrevistados, envolvem a empatia gerada pela população acerca da causa animal, bem como ao próprio trabalho realizado pela ONG de resgate e reabilitação, embora alguns deles citem que algumas pessoas acham que eles têm obrigação de fazer alguma coisa, pois ganham dinheiro para isso, mostrando que essas pessoas desconhecem o caráter voluntário das ONGs. MV2 complementa a questão, com o apontamento de pessoas que levam o animal para ser entregue e não realiza o protocolo de recebimento do animal resgatado, com o registro dos dados do entregador para catalogação (ANEXO A) e encaminhamento à SMAM. Pelos relatos, pode-se perceber que esse é o ponto negativo em relação ao que foi questionado.

Para MV5, a sensibilização da população pode ser uma forma de promover um maior entendimento da importância do valor do trabalho da ONG.

Em relação a pergunta 2, foram registradas as seguintes respostas (Quadro 2):

Quadro 2- Respostas da segunda questão da entrevista

Médico vet	Sobre a entrega voluntária, como você vê o conhecimento e a emoção das pessoas sobre o animal entregue? Ocorre busca de informações sobre os animais internados, durante a entrega e após, enquanto está em tratamento?
MV1	<p>Eles demonstram. A grande maioria se emociona muito, porque se sentem muito bem. Eu queria ter essa autovalorização que as pessoas têm. Mas eles ficam bem emocionados na entrega, e reconhecem que fizeram um trabalho maravilhoso. Muitas vezes eles querem poder ligar e poder visitar o animal, pois eles realmente se envolvem com aquele animal, independente da espécie. Mas isso acaba se tornando pra nós um problema, porque a gente não tem como permitir a visitação. Não só por agora que a gente tá controlando a circulação das pessoas, mas porque o animal tem que ficar isolado pra ter uma chance de voltar a natureza. Então não dá pra pessoa levar o macaquinho lá e depois ficar ligando e perguntando. Acaba atrapalhando nosso trabalho muitas vezes, porque tem épocas do ano que entram 70 ou 80 animais por dia. Tu imaginas se vai atender todos esses telefones e responder todos esses <i>'whats'</i>? Tu acabas não podendo nem cuidar do animal. Mas assim, as pessoas se emocionam muito, querem saber como é que tá, então eles se empolgam muito com isso. Eles se auto reconhecem muito também: <i>"eu que fiz, então eu estou preocupada com ele, eu sou uma pessoa muito legal"</i>.</p> <p>Nosso trabalho é tão puxado, vamos dizer assim, que a gente não consegue fazer um marketing como a gente gostaria. Não digo um marketing pessoal, um marketing de retorno para as pessoas, sabe? Então agora estamos contratando uma pessoa pra fazer o marketing. Porque realmente a gente não consegue. Eu consigo esporadicamente postar alguma coisa quando são aqueles animais com um apelo popular maior, que normalmente são os mamíferos ou as aves coloridas, é incrível. Então a gente tenta fazer essas postagens, mas pra isso eu realmente preciso de uma pessoa só pra isso, sabe? Não tem como fazer tudo como a gente gostaria. A gente tem pensado bastante em fazer um jornalzinho informativo para as pessoas que se cadastrarem na ONG, sabe? "Olha, então eu sou um doador, então eu recebo informativos mensais". Então a gente tá pensando muito em fazer isso, pra que a pessoa realmente tenha um retorno, porque a gente entende esse apego, pô, tu foi lá, pegou a pombinha que caiu, pegou o tucano, pegou o graxaim, pegou... tu quer saber como e que ele tá, sabe?. Tu quer dar um final pra essa história, e nem sempre a gente consegue, não consegue responder eles por <i>whats</i>, não consegue responder por telefone e não consegue postar tudo que a gente recebe, porque é muito bicho, mas a ideia é realmente fazer alguma coisa pela pessoa, enfim. Tem gente que vem de muito longe, tem gente que traz de outra cidade pra gente. E, muitas vezes tu olhas, uma coisa que nos deixa muito triste até, é tu ver que as pessoas trazem as vezes de Torres, de Tramandaí, ou da serra, e tu olha e tu sabe que ele vai vir a óbito. E tu pensa assim: "Essa pessoa teve todo esse trabalho, essa preocupação". Então essas são as pessoas que a gente normalmente dá a resposta, sabe? Àquela que fez um plus. Ao senhor que diz: "Vim trazer aqui, saí longe de noite", mas a gente não consegue realmente fazer pra todos.</p>
MV2	<p>Visita a gente não permite, até pelo número de animais que a gente recebe, que até é uma coisa que a gente conversou, porque por exemplo, ano passado foram mais de 4000 animais, se fosse mais de 4000 pessoas querendo visitar os bichinhos a gente não ia nem conseguiria trabalhar. Mas assim, daí a gente sempre fala que: "Ah, pode entrar em contato com a gente pelo <i>whatsapp</i>", que daí a gente já fala como é que tá, a gente já passa um parecer de como o bichinho tá, se ele tá melhorando. Até as vezes, se o animal acabou realmente vindo a óbito, a gente gosta também de falar, até pra pessoa ficar com o pé no chão, não ficar sonhando muito, imaginando que aconteceu muita coisa. Mas assim, tem bastante gente que se preocupa bastante, tem gente que vem sempre pra trazer mais doação. "Ah, eu sei que o bichinho que eu deixei tá ainda com vocês, né? Então eu já venho</p>

	<p>e deixo comida”. É bem legal, assim, tem bastante gente que se importa bastante com o bichinho.</p>
MV3	<p>Olha, na entrega voluntária é bem interessante, porque tem gente que entrega o bichinho e vai embora, mas já vi gente vir da zona sul, de táxi, num domingo, até aqui pra entregar uma pombinha que caiu da árvore. Então assim, é bem interessante ver o apelo emocional que os animaizinhos trazem hoje em dia, e o trabalho que a gente faz remete nas pessoas. Então isso aí é bem bacana de ver. E pelas declarações das pessoas na página da clínica, a gente vê que tem um apelo. Até porque as pombas são bem discriminadas no meio. As pessoas têm aquela ideia que pomba é rato com asa, então o fato da clínica atender (já quebra um pouco essa ideia), é, ao mesmo tempo as pessoas ficam com medo. Por exemplo, esses dias uma senhora que me trouxe um rato, que ela achou o rato na rua e estava meio tonto e morrendo aí ela pegou e trouxe aqui. Eu tive que encaminhar ela diretamente depois pra ir num pronto socorro fazer exames, porque ela estava em contato com um animal que podia estar com leptospira e morrendo, e provavelmente tinha leptospira, mas ela ficou preocupada se nós atenderíamos ele corretamente ou se a gente faria a eutanásia ou alguma coisa assim e aí eu expliquei que não, que a gente atende e tudo. As pessoas ficam com o número da entrega do animal, então as pessoas costumam ligar pra cá pra saber se o animal foi pra soltura, até pra saber que parte elas contribuíram com o retorno desse animal pra natureza, em que parte elas contribuíram, acho que isso que é o bacana, as pessoas querem acompanhar pra saber se elas interferiram pra isso, se conseguiram fazer o animal voltar ao seu meio natural.</p>
MV4	<p>Toda entrega é carregada de emoção, né? As pessoas, elas chegam com aquele animal resgatado e elas comentam assim: “Aonde ele estava? O que ele estava fazendo?”. Comentam se ele estava sozinho, se ele estava com frio, tudo aquilo que elas percebem no momento do resgate elas relatam e com bastante intensidade. Algumas pessoas tentam alimentar esses animais em casa, e as vezes, pela falta de conhecimento, administram uma alimentação completamente errada. Mas eles têm essa tendência de tentar ajudar da maneira como eles conseguem, né? Então após a entrega a grande maioria das pessoas gostam de saber como que o animal ficou, como que estava, algumas vezes a gente não consegue dar essa informação muito precisa porque, por exemplo, na época de setembro e outubro a gente começa com o recebimento muito grande de animais, tem dias que a gente recebe de 20 a 30 animais da mesma espécie, por exemplo 20 sabiás ou 20 gambás. Então é muito difícil a gente individualizar e separar eles em grupos, em grandes grupos. E a partir daí, até pra fazer a adaptação desses animais, é muito mais fácil eles estarem em grupos do que isolados. Então a gente não consegue dar essa informação, mas a gente explica isso pra quem tá entregando, e eles entendem que é pro bem do animal eles estarem em grupo. Porque aves, por exemplo, gostam de estar em grupo, faz bem pra eles na recuperação, eles recuperam mais rápido, mais fácil. Então acabam entendendo que as vezes eles não conseguem ter a informação precisa daquele indivíduo.</p>
MV5	<p>Então, assim, tem o lado bom e o lado ruim, tá? Assim, muitas vezes muitas pessoas entregam com aquele sentimento do “meu animal ainda”, sabe? Então tipo: “Ah, eu vou ligar pra saber como tá aquela pombinha que veio mês passado, que...”, tipo assim. É uma quantidade muito grande, as pessoas não tem noção disso. Quando eu digo: “Ah, só naquele dia a gente recebeu 15 pombas, né”. Então, as pessoas ficam com aquele sentimento de: “Meu, eu vou ligar perguntando como é que tá”. Não tem essa coisa de “ah, vai morrer? E tudo mais”. Então a gente tem que conscientizar, o ideal seria a gente explicar pra todo mundo que traz. Conversar e explicar toda a situação, mas as vezes é tão corrido que a gente não tem tempo. Mas claro, tem o lado bom de que a pessoa realmente parou pra trazer o animal até aqui. Já vi pessoas trazerem da praia até aqui uma pombinha, ou uma tartaruga, então assim, é bem legal de ver essa situação, sabe? Porque elas realmente se importam e se interessam sobre, mas o ideal seria a gente conversar com cada um.</p>

Há uma concordância entre os entrevistados acerca do envolvimento da população no momento em que entregam um animal resgatado para cuidados da ONG, conforme questionado na pergunta 2. De acordo com a MV1, há um sentimento de autovalorização por parte do entregador, que reconhece, através da ação, a realização de um trabalho bem-feito.

Esse envolvimento é reconhecido também a partir dos relatos de entregas provenientes de pessoas que se deslocam de bairros mais distantes ou até de cidades diferentes. Conforme MV3, *“já vi gente vir da zona sul, de táxi num domingo até aqui pra entregar uma pombinha que caiu da árvore”*. Essa percepção é complementada por MV5, que afirma: *“Já vi pessoas trazerem da praia até aqui uma pombinha, ou uma tartaruga, então assim, é bem legal de ver essa situação, sabe? Porque elas realmente se importam e se interessam sobre”*.

De acordo com Hudenko (2012), as interações humanas em relação à fauna silvestre são eventos carregados de emoção, e isso faz com que o indivíduo aja e experiencie a interação com os animais de maneiras distintas. Drews (2002) complementa, ao dizer que as atitudes que são tomadas sobre os animais são moldadas através de valores, conhecimentos, percepções, e da natureza das relações estabelecidas. Isso permite que o sujeito expresse tanto sentimentos de afeto e empatia por um animal, assim como medo e aversão a outro.

Pode se entender que o sentimento de autovalorização pontuado por MV1 se baseia em uma ideia de responsabilidade ecológica, ou seja, na capacidade que o resgate e consequente entrega de um animal gera em proporcionar ao indivíduo o sentimento de bem-estar pela sensação de fazer algo pelo meio ambiente.

A busca de informações sobre o animal resgatado é realizada através do telefone e *Whatsapp* da ONG. Através desses meios, é possível ao cidadão tomar conhecimento do estado do animal atendido. Apesar de ser uma possibilidade, ao mesmo tempo é um desafio enfrentado pelos profissionais, dado o número de animais resgatados que inviabiliza muitas respostas individualizadas aos entregadores de cada animal reabilitado.

Essa situação também se reflete nos protocolos de visitação à ONG. No caso das visitas, além do elevado número de animais recebidos, o que dificultaria a atenção do entregador em uma possível visita, o fato de serem animais com vias de retorno à natureza faz com que o processo de reabilitação ocorra sem o estabelecimento de possíveis ‘vínculos’ com o animal. Nesse contexto, o apego entre o entregador e o

animal pode ser um problema, a medida em que é necessário esse distanciamento para que o animal sobreviva com o mínimo contato humano.

Sobre esse ponto, os profissionais conseguem explicar no momento da entrega, mas percebe-se em todos os relatos o desejo de fornecer mais informações, de dar atenção e retorno a cada entregador, mas que, devido ao número ínfimo de profissionais e ao elevado número de animais recebidos, tanto a situação quanto o tempo não lhes permitem um retorno satisfatório à sociedade.

As respostas da pergunta 3 são apresentadas no quadro 3: Nesse questionamento, é preciso considerar que, no momento em que foi idealizada a pergunta, o intuito foi a de relacionar as dúvidas percebidas pelos veterinários em relação aos tutores de animais silvestres. Dadas as respostas fornecidas em relação à população que entrega os animais na ONG, cujas dúvidas ajudaram a corrigir a visão prévia do entrevistador, em relação ao foco da questão, essa pergunta foi adaptada. Ainda assim, considera-se de grande valia os enfoques com as quais as respostas foram dadas, de modo a enriquecer a discussão e aprofundar diferentes pontos acerca do comportamento do indivíduo em relação aos animais.

Quadro 3 - Respostas da terceira questão da entrevista

Médico vet	Quais as principais dúvidas que você percebe da população quanto aos animais recebidos?
MV1	Falando especificamente da população, eles têm muita curiosidade, principalmente sobre alimentação, sabe? Ah, “que será que ele vai comer? O que ele vai comer doutora?” e “será que ele deixou um filhinho lá esperando ou o paizinho esperando?”. Isso eles têm muita pena também: “Ai, ele caiu do ninho, a mãezinha estava lá chorando, esperando, dá pra gente recolocar no local?”. É muito difícil, porque, provavelmente os animais não aceitam, né, e se aceitar são locais de muito difícil acesso. Mas nossa preocupação é esse vínculo familiar, até dizer que em relação ao pessoal que entrega, é o vínculo familiar do animal que nos chama mais a atenção. Alimentação, que nós vamos dar pra ele naquele momento, se ele vai ficar bom, claro, e a relação familiar dele, como é que vai ficar. Se ele pode voltar pro mesmo lugar porque lá eles têm os pais, os irmãos, os avós, enfim, que vão estar esperando por eles. A gente sabe que muitas vezes não é assim, né, mas é essa coisa bem de humanizar o animal. Então eles têm essa preocupação de voltar pro mesmo lugar.
MV2	São situações e situações. A gente tem gente que sabe muito do bicho, já vem falando coisa, mas do outro lado tem pessoas que não sabem quase nada do bicho. Na maioria das vezes vem até com um manejo bem errado, daí a gente tenta falar e ajudar nas dúvidas que eles têm. Na maioria das vezes é com o manejo, alimentação e tudo, e a gente sempre tenta deixar o mais claro possível pra pessoa que tá com o animalzinho como ela vai ter que lidar. A gente tem os casos das pessoas que encontram o animalzinho na rua e quer criar em casa. Aí quando desanda tudo, não sabe como criar, aí quando o bicho tá bem mal, querem deixar com a gente. Daí nesses casos a gente tenta pelo menos conversar com a pessoa, até pra

	<p>falar pra ela que se acontecer de novo de ela encontrar um animalzinho de ela não esperar esse tempo, de não criar o bicho em casa, mas logo trazer pra gente, pra gente conseguir dar um atendimento mais especializado pro animalzinho. E até é bem frequente isso de gente que tenta criar o bicho em casa, daí o bicho já vem com os ossos distróficos e com erros graves de manejo, até de alimentação, de, por exemplo, o animal que é carnívoro que tá recebendo vegetais pra comer e vice-versa. Então a gente sempre tenta dar essa conversada pra eles. Também pra mudar um pouco a cabeça da pessoa, porque eu sei que é meio que é; principalmente acontece bastante com caturrita, que aí, encontrou a caturrita e “ai quero ficar”. Não, é um animal de vida livre, um animal silvestre, que não vai comer só girassol e vai comer pão com café. Então isso é algo que a gente batalha bastante, principalmente pra mudar a cabeça deles. Tem gente que responde muito bem às orientações que a gente passa, mas tem gente que a gente fala três vezes e segue a mesma coisa, então... até é meio complicado essa parte ali do trabalho, porque as vezes, assim, o animal vem com algum problema e é só correção de manejo já resolve, e a pessoa insiste em continuar. “Ai eu tô com um teiú lá” e insiste em só ficar dando ovo pra ele, é um animal que tem uma dieta extremamente ampla, aí é algo que a gente tem que ficar brigando, tem que ficar batalhando.</p>
MV3	<p>A principal é se o animal vai viver; segundo, se o animal vai poder voltar pra natureza; terceiro, o que é feito com esse animal; quarto, se a pessoa pode ficar com o bicho, a gente sempre explica; e, o quinto, onde é feita a soltura. As pessoas têm muita curiosidade de saber quando tem soltura e pra onde esse animal vai. A gente evita falar, a gente sempre explica que é um acordo com a secretaria do meio ambiente, que eles que definem isso. Mas a gente sempre evita comunicar, porque tu nunca sabe se a pessoa de repente, uma caturrita, a pessoa quer trazer pra tratar e depois vai tentar pegar o bichinho, então a gente evita comunicar o local de soltura exato, que geralmente é onde a pessoa pegou.</p>
MV4	<p>A principal dúvida é, com certeza, o que será feito desse animal depois. Isso é uma das coisas que muitas vezes a gente não consegue responder no momento ali da entrega, porque o que acontece: os animais, eles são recebidos, eles são readaptados. Se eles estão machucados eles passam por tratamento veterinário. Se eles precisam de cirurgia eles passam por cirurgia, se eles são órfãos eles precisam aprender a se alimentar, se adaptar, entender o comportamento natural da espécie pra então, o intuito final de eles serem recolocados na natureza e voltarem pro lugar de onde eles nunca deveriam ter saído, né? Mas alguns desses animais, a gente não consegue esse êxito. Alguns desses animais infelizmente morrem no meio do tratamento, não resistem às cirurgias, ou mesmo não se adaptam, não aprendem a se locomover de maneira pertinente à espécie, não conseguem se adaptar. As vezes eles chegam tão bebezinhos que eles criam algum vínculo com o ser humano que não é desejável, né, o desejável é que o animal entenda o ser humano, infelizmente, como uma ameaça, porque assim ele vai conseguir se defender no futuro. Algumas vezes isso não acontece, né? Então essa é a principal dúvida da população, que vai ser feito com esse animal. Então o nosso intuito é sempre recolocar esse animal no local onde ele não deveria ter saído nunca. Mas algumas vezes a gente não consegue.</p>
MV5	<p>No recebimento, geralmente, as pessoas têm mais dúvidas do que vai acontecer com o animal né assim, depois “aí, se eu posso soltar junto”. Sabe? Questão assim desse tipo. As pessoas ainda têm muito medo de ir pra zoológico, tá, porque eles ficam naquela coisa com “ah, o zoológico”, sabe, não entendem que é pro bem, na verdade o zoológico não é uma questão de “ah, né, vai ficar lá de exposição” nem nada disso. Já teve vários casos que uma mulher trouxe um graxaim filhote, que estava cuidando há tempos, e ela estava cuidando, então o bicho já atendia pelo nome, sabe, assim, tipo vinha correndo, balançava o rabo... não tinha condições de soltura nenhuma. E quando a gente disse que teria que ir pra zoológico, ela enlouqueceu, assim sabe, ela sentou e eu tive que explicar o que acontece. As pessoas</p>

<p>não têm essa noção tipo “ah, tá, é só cuidar e depois solta né”. Então, tem que sentar e explicar todo esse lado que não é só alimentar, sabe, não é só cuidar pra depois soltar. Tem toda uma reabilitação e todo esse manejo diferente com animais silvestres. Não tem essa aproximação e tudo mais. E daí eles não têm essa noção, tipo assim: “Aí, posso ir ali mexer nos macacos, posso brincar?”, tipo esse sentido, assim, como é que a gente tem que ainda entender bastante, eles têm que aprender bastante. Mas eu acho que, assim, todos esses seriam os mais, que precisaria mais.</p>

No momento em que um animal é entregue à ONG, os principais questionamentos dos entregadores, percebidos pelos entrevistados, englobam o bem-estar e a destinação do animal recebido. Conforme explica MV3, *“a principal [dúvida] é se o animal vai viver. Segundo, se o animal vai poder voltar pra natureza. Terceiro, o que é feito com esse animal. Quarto, se a pessoa pode ficar com o bicho (...). E o quinto, onde é feita a soltura”*.

Os questionamentos citados acima registram o interesse da população quanto ao bem-estar do animal a partir do momento em que ele é entregue aos cuidados da ONG. Além disso, reafirmam tanto o envolvimento dos entregadores quanto o interesse em saber sobre os procedimentos a serem realizados até a soltura das espécies entregues.

Responder a esses questionamentos no momento da entrega, conforme MV4 relata, pode ser um trabalho difícil, uma vez o estado de cada animal entregue pode ser favorável ou desfavorável para a sobrevivência e retorno à natureza, e para que se identifique isso, são necessários procedimentos clínicos, cirúrgicos e de manejo que são realizados após a recepção do animal.

Em relação à soltura, é possível perceber através da fala dos entrevistados um interesse da população em participar da mesma, bem como em saber os locais onde os animais serão soltos. Embora se preconize realizar a soltura nos locais próximos de onde o animal foi encontrado, essa informação não é comunicada aos entregadores. A preocupação que se tem, conforme explica MV3, é a de evitar uma possível captura indevida, ilegal, por parte do entregador; além de garantir que o animal consiga voltar à natureza sem demasiada interferência humana.

Outra dúvida ou mesmo conhecimento incorreto, tanto por parte de quem entrega quanto de tutores de animais silvestres, envolvem o manejo e a alimentação das espécies. Àqueles que possuem um animal silvestre como pet, o conhecimento das necessidades desses animais, sejam elas nutricionais ou de manejo, é essencial

para uma criação adequada do animal, de forma a evitar situações não-intencionais de maus-tratos.

Contudo, é possível perceber que há uma preocupação, retratada por MV2, quanto a um comportamento do indivíduo, em determinadas circunstâncias, de criar um animal silvestre sem o conhecimento dos hábitos e necessidades da espécie, assim como em manter um vínculo que pode ser prejudicial para o animal. Conforme explica Costa (2015), o ser humano deve ser encarado como uma ameaça para a sobrevivência do animal após sua reabilitação, de modo que um eventual contato com o elemento humano propicie respostas de luta ou fuga.

A domesticação, a habituação e o *imprinting*³ são fenômenos que levam a uma alta tolerância do animal selvagem ao humano, de modo a propiciar modificações sociais e comportamentais que inviabilizam a soltura do mesmo à natureza, como a perda do medo da presença humana e de estímulos visuais, sonoros e odoríferos relacionados com tal presença; dependência de contato e carinho; baixa agressividade; e associação do humano como membro da espécie (THOMPSON, 2019). Dessa forma, é importante que sejam tomados cuidados, mesmo entre os tratadores, para evitar tal tolerância e minimizar as interações entre os cuidadores e o animal.

De igual forma, é importante que os resgatadores, conforme falado por MV2, sejam orientados acerca dos riscos da criação de um animal que poderia ter chances de viver na natureza, em seu estado natural.

Percebe-se que o ponto negativo do que foi discutido nessa questão é a falta de informações sobre a importância da vida silvestre e os problemas que humanizar um animal acarreta para a sobrevivência ou mesmo sua liberdade, sem falar nas questões legais de se ter um animal silvestre sem autorização.

Nesse primeiro bloco de questões, de forma geral, foi possível perceber que há um envolvimento relevante da população com relação à ONG. Os entrevistados ressaltam o interesse da comunidade não só em saber o que acontece na ONG e em dialogar com os profissionais sobre os animais recebidos, mas também em participar, de certa forma, das etapas desse processo de reabilitação, principalmente nas solturas.

³ Fenômeno permanente em que o animal muito jovem, ao fixar a atenção em um indivíduo, se torna socialmente e depois sexualmente vinculado a ele, de modo a não reconhecer a sua própria espécie como parte dela (THOMPSON, 2019, p.14).

Apesar disso, algumas dificuldades percebidas, em relação à comunicação com a comunidade são: A emissão de um *feedback* àqueles que encontram um animal em localidades distantes; a possibilidade de individualização dos animais reabilitados para responder a eventuais questionamentos sobre o estado de saúde dos mesmos; e a manutenção de canais, como o *whatsapp*, para acompanhamento dos casos, uma vez que não são permitidas visitas na ONG. No entanto, apesar disso, é possível perceber que são preocupações presentes na fala dos profissionais, o que mostra que há um interesse em proporcionar às pessoas um retorno satisfatório nas informações fornecidas quanto aos animais reabilitados.

b) Bloco 2- Impactos e conflitos com a fauna silvestre

O segundo tópico da entrevista realizada teve por proposta compreender os impactos e conflitos de fauna, percebidos pelos médicos veterinários, dos animais atendidos (Quadro 4). De igual forma, foi proposta uma reflexão acerca dos fatores que poderiam levar à ocorrência dos acidentes com a fauna no meio urbano, e de que forma o humano poderia estar envolvido na geração de tais acidentes.

Quadro 4 - Respostas da quarta questão da entrevista

Médico vet	4. Quais os principais impactos ambientais (conflitos de fauna) que você associa na sua prática?
MV1	Assim, é bem variado, é uma coisa bem estranha assim, depende da região que eles vêm, tá? Então por exemplo assim, os animais que vem ali do Lami, tá, então eles tem um conflito muito bom com as pessoas, mas assim, não por agressão, mas por ir nas casas, se alimentar...aí tem o cachorro, alguma coisa, e muito choque elétrico, então eu linco muito ao crescimento populacional, crescimento de construções, que estão cada vez diminuindo mais o ambiente. Agora tem outros locais, por exemplo, os que vem de Viamão, ali, mais...para as quadras de Viamão, ali normalmente são pegos por cães, tá? E muitas vezes atizados pelo tutor. Então ali é um conflito mais humano mesmo, assim, sabe, mais por querer, mais de propósito, mais essa coisa de agressão. Aí tu vais ali pela região de Mato do Ribeiro, ali tem muito atropelamento, Mato do Ribeiro, cachoeira, é bem mais atropelamento. Então eles cuidam o cara que tá dirigindo, então, pensando em várias espécies, naquela estrada tu pega muito atropelamento. Então é muito variado, sabe? A gente já conseguiu definir isso, assim, num certo local que tem perto de cachorro, local que tem choque elétrico, e um monte de bugio né, e a parte de atropelamentos. Outra coisa que a gente vê, assim, de impacto ambiental, é em relação as aves, junto com essas construções de vidro, sabe esses prédios envidraçados, aquilo ali é uma merda, sabe, eu falo nas palestras que tem que se trabalhar no meio ambiente junto. Então pra mim aquilo ali é um absurdo. Outra coisa, mas aí é um mal necessário, é a energia eólica, né, tem muito problema com as aves também, tem acidente com as aves, bastante, mas é um mal necessário, aí não dá pra fazer outra coisa.

	<p>Falta de alimento, claro, pelo crescimento populacional, lógico que a oferta de alimento dos predadores também diminui então acaba vindo para as casas, pros lugares. Ali em Viamão, ali na Agronomia, eu vi graxaim andando e atravessando a rua muitas vezes na lomba do Pinheiro. Esses dias mandaram uma foto dentro do condomínio “Olha doutora, to alimentando ele”, e esse é um problema também. Aliás esse é um problema de conflito. As pessoas alimentarem principalmente os primatas, as pessoas acham que tão fazendo bem, e tão alimentando mico prego, bugio...tem dois problemas né, um que tu crias dependência daquele animal, e ele perde o medo do ser humano, e perde a capacidade de buscar o seu próprio alimento. E segundo, é que daqui a pouco ele acaba entrando na tua casa e tu odeia ele porque um macaco prego em casa parece uma praga, né, vai ser aquela confusão, e aí ele deixa de ser um macaco bonitinho pra ser um macaco que te causa problema. Então tu aquerenciaste o bicho, criou o vínculo e depois quer que ele vá embora? Então, o ser vivo não é uma coisa e as pessoas não entendem isso, ele não vai ali porque tu quer, ele tá ali porque tá com fome, sabe, então tu tá facilitando a vida dele, e ele vai cada vez mais perto de ti, só que ele não quer ficar no teu colo, esse tipo de coisa. Então isso é um conflito que eu acho bastante grave, esse tipo de alimentação. Eu sei que é por amor, eu sei que é por preocupação, mas tá errado.</p>
MV2	<p>Assim, na parte de animal de vida livre, tem disparado problema de atropelamento e problemas com ataques de cães. Ataque de cão principalmente em bugio, gambá, esses mamíferos. Atropelamento também é mais neles. Até graxaim a gente recebe bastante de atropelamento. As vezes já aconteceu de ataque de cão também. E, também com aves, principalmente os rapinantes, seriam os problemas de choques com vidro nas construções e as aves mais filhotes que identificam dentro do pátio da casa e as vezes chegam assim “aí, porque a mãe não estava no ninho”. Mas a mãe não passa 24 horas do dia no ninho. E a gente também tem esse problema de a pessoa ir lá e tirar esse filhote do ninho e trazer pra gente. Tu vê que as vezes é um filhote que tá bem, tá com o papinho cheio, tudo certinho e “ah, mas é que a mãe não estava por perto”, mas a mãe tem que ir atrás de comida. Esse é um caso que também tem que ser conversado, que a gente tem que conversar com as pessoas pra não se repetir. Até as vezes a gente recebe animais assim que parece que a pessoa saiu caçando ali na rua porque tá perfeito. A ave tá voando super bem, tá num escore corporal bom, tá perfeitamente bem, mas parece que tá caçando ela atrás... aves assim a gente tem muito problema, principalmente quando elas começam a aprender a voar, que daí as vezes o filhotinho vai parar no chão, mas ele tá em fase de aprender a voar. Aí que pegam e vão atrás, as vezes os pais estão perto, tão alimentando, cuidando tudo bem certinho, mas logo já tiram de lá e trazem pra cá. Daí isso eu acho bem complicado. A gente tem bastante disso com sabiás, bem-te-vi que assim, sabiá, nessa fase de aprender a voar a gente recebe muito, muito, muito naquela época. Que daí eles “aí, caiu no meu pátio”. Tá, não, ele tá aprendendo a voar. A gente até fala assim “ah, se acontecer de novo, tenta colocar ele num lugar mais alto”, que ele vai estar seguro de cães e gatos e tudo mais, pra ele poder seguir a vida dele e conseguir se virar, porque isso faz parte de aprendizagem do animal pra se virar na natureza.</p>
MV3	<p>Animais atropelados, bugios eletrocutados, isso tem bastante, filhotes órfãos, animais maltratados, tipo gambá em escolas e coisa assim, que as crianças batem pensando que é rato, uma coisa assim, e mesmo que fosse um rato coitado, o bicho não merece apanhar desse jeito. Então, os principais são acidentes de trauma envolvendo eletricidade e essas entregas assim de pessoal de animais maltratados, que apanharam e ...ah, daí entra como doméstico, que são as galinhas, não dá pra gente botar como silvestre, mas chega muito galo e galinha aqui de trabalho religioso, tá? E que aí a gente também atende esses animais e tenta construir um lugar legal pra eles. Ataque de cachorro, ataque de gatos em aves tem em grande número, tá, tem uma pesquisa que saiu na Austrália, se não me engano, que um</p>

	dos grandes problemas relativos a gatos soltos é que eles dizem uma boa parte da população de animais silvestres, pequenos mamíferos 'dançando' e aves. A gente tem isso aqui muito também, tá, é muita ave, bichinho que foi atacado por gatos.
MV4	Eu acho que um dos principais impactos ambientais ou conflitos de fauna que a gente presencia é a falta de conhecimento da população quanto aquela espécie animal. A medida que a gente vai crescendo como população, como gênero humano, a gente vai invadindo o ecossistema desses animais e forçando eles a se adaptarem a nossa convivência. Só que uma das coisas que a gente observa é que os animais, eles se adaptam mais facilmente do que a gente se adapta a eles, então o gênero humano tem uma tendência muito grande a não entender essa interação. Vamos dar o exemplo do gambá: O gambá cada dia mais tá nos nossos pátios, só que grande maioria das pessoas tem aversão a eles porque eles entram no sótão da casa, nos telhados, eles viram latas de lixo...então são animais que são massivamente eliminados, mortos justamente por causa disso, enquanto eles tão tentando se adaptar, tentando achar abrigo tentando achar alimentação perto da gente, a gente não consegue entender essa maneira com que eles estão fazendo isso e acaba então eliminando esses animais que são tidos como indesejáveis, né?
MV5	Humano (risos). Humano é o pior de todos. Mas assim, em questão de urbanização, a gente tá ocupando cada vez mais o espaço deles e eles estão cada vez mais restritos em um espaço, e isso vai ter conflito, claro. Então assim, questão de ataque de cachorro porque: "Ai, entrou no pátio da mulher". Mas é claro, a pessoa estava com a casa, no meio do mato, então é óbvio que teria algum animal que ia passar por ali e acabou em conflito com o cachorro. O cachorro não tem noção, ele vai proteger, ou brincar ou qualquer coisa. Fio elétrico: Bastante, em bugio principalmente. Questão de andar nos fios sem proteção suficiente e acaba se eletrocutando. Muita ação humana, tiro de chumbinho, paulada e jogar pedra, é seguido. A gente tem um animal que vai pro zoológico, um gavião-caboclo lindo, um bicho maravilhoso, e que levou, no que eu contei, uns sete tiros de chumbinho. O raio x dele é cheio de chumbinho, e tu fica assim: "Como é que eu vou fazer eutanásia?" Foi culpa nossa, sabe? Então assim, é uma coisa que a gente vai ter que assumir, né? Então é difícil esse lado, e a gente sempre pensa: "Ah, não, os humanos podem melhorar". Mas não, sempre acontece alguma coisa que a gente fica "gente do céu, a comunidade é fogo". Mas eu acho que esses seriam os piores, os maiores casos. Atropelamento também, atropelamento também é gigante, não tem passagem pra eles e eles passam pelo meio da rua e acabam matando vários, né?

Em relação aos conflitos de fauna percebidos pelos entrevistados em suas rotinas de trabalho, os mais citados foram os acidentes com ataques de cães, atropelamentos e choques elétricos.

Os conflitos envolvendo ataques de cães foram citados por quatro dos cinco entrevistados, com a ligação dos acidentes a situações de invasão domiciliar, ataques estimulados pelo tutor do animal, e em decorrência de contato com cães errantes.

De acordo com o ICMBIO (2018), pequenos animais podem ser caçados por cães e gatos em duas circunstâncias: Na primeira, por cães e gatos em situação de abandono, que podem se tornar ferais e se estabelecerem em áreas naturais; e na

segunda através de animais domesticados com acesso às áreas naturais próximas às residências e as utiliza para caça. Contudo, mesmo dentro de propriedades, pode haver o risco de ataques, em decorrência do comportamento que esses animais possuem de proteção territorial, que no caso, é o próprio domicílio (MARTINEZ, 2012).

Os principais riscos associados com ataques desses animais, conforme Campos (2004), são a predação, a competição por alimento com outras espécies, e transmissão de doenças e infecções causadas por mordedura ou arranhadura, principais quadros com os quais os animais silvestres são resgatados.

O controle de tais ataques, quando em ambientes naturais ou em unidades de conservação, partem da identificação do animal e, se possível, dos proprietários para orientação, nas situações desses serem animais domiciliados. Caso o animal possua um tutor, o contato realizado entre os órgãos gestores e o proprietário envolve o estímulo à posse responsável, sob risco de autuação em caso de reincidência, a fim de evitar a soltura dos animais. No caso de serem animais abandonados ou ferais, os mesmos são destinados a centros de controle de zoonoses ou ONGs de proteção animal (ICMBIO, 2018).

A orientação dos tutores, principalmente nos casos de animais soltos, é primordial para evitar não só a ocorrência de novos ataques, mas também para que medidas como vacinação previnam o risco de transmissão de doenças, tanto para outros animais quanto para outras pessoas.

O atropelamento é uma das principais causas de morte de animais selvagens. De acordo com estimativas do Centro Brasileiro de Ecologia de Estradas - CBEE (2021), cerca de 475 milhões de animais são atropelados por ano no país. No Brasil, o sul é a segunda região com o maior número de atropelamentos do país, atrás apenas da região sudeste. No país, 90% dos animais atropelados são pequenos animais, ao passo que 9% corresponde a animais de médio porte e apenas 1% são de animais de grande porte.

No resgate desses animais, quando o indivíduo não vai a óbito, é resgatado com lesões traumáticas, comprometimento de órgãos internos, alterações neurológicas, e perda de membros (ALMEIDA, 2021b).

Um dos principais fatores associados com o atropelamento de espécies é a perda de habitat, uma vez que, com o desenvolvimento e expansão urbana, a construção de estradas gera fragmentação de florestas, de modo a formar obstáculos

que, junto com a quebra do fluxo das espécies, propicia o acidente quando um animal atravessa a estrada em busca de alimento ou abrigo (OLIVEIRA, LATINI, 2012).

O monitoramento de animais atropelados pode ser útil para o desenvolvimento de ações que visem a conservação da biodiversidade. Conforme explicam Castro e Bager (2019), o Sistema Urubu é um aplicativo desenvolvido pelo CBEE, no ano de 2014, com o intuito de registrar os atropelamentos de animais selvagens, assim como de animais vivos nas estradas. Segundo os autores, esses registros servem como dados que são coletados para o desenvolvimento de ações que permitam a utilização de tais informações como objeto de conservação da fauna silvestre nas rodovias e estradas brasileiras.

Além disso, como instrumentos de educação ambiental nas estradas, a colocação de placas e avisos nas estradas (Figura 4) são medidas que auxiliam na atenção dos motoristas, de forma a estimulá-los no aumento da atenção e diminuição da velocidade. De acordo com Oliveira e Latini (2012), a sinalização das estradas com esses recursos visuais podem, além de promover a tomada de atenção, possibilitar aos passageiros e os motoristas o conhecimento das espécies locais, como instrumento de sensibilização e conscientização.

O acidente com choque elétrico é um conflito comumente associado a primatas, principalmente bugios. De acordo com Buss (2012) esse é considerado o conflito mais frequente nessas espécies, uma vez que os fios elétricos servem como uma ponte para o deslocamento dos animais entre fragmentos florestais. O autor destaca que, a partir do momento em que o animal toca em dois diferentes fios elétricos de baixa ou média tensão, ocorre um curto circuito que compromete o estado de saúde do animal, de modo a causar lesões ou o óbito do mesmo. O animal acidentado com choques elétricos apresenta lesões como queimaduras, necrose e diminuição da mobilidade na região afetada, o que pode levar a amputação do membro (PETRUCCI et. al, 2009) e comprometer a reintrodução do mesmo na natureza.

Figura 4- Recorte da postagem sobre implementação de placa na cidade de Ivoti/RS.



Fonte: ONG Voluntários da Fauna, 2021b.

Os acidentes envolvendo choques elétricos são perceptíveis na rotina da ONG a partir do atendimento e reabilitação de bugios. De acordo com Buss (2012), esse é considerado o conflito mais frequente nessas espécies, uma vez que os fios elétricos servem como uma ponte para o deslocamento dos animais entre fragmentos florestais. O animal acidentado com choques elétricos, quando não vai a óbito, apresenta lesões como queimaduras, necrose e diminuição da mobilidade na região afetada, o que pode levar a amputação do membro (PETRUCCI et. al, 2009) e comprometer a reintrodução do mesmo na natureza.

Com relação aos bugios, existem projetos elaborados com a proposta de garantir a conservação da espécie. No RS, destaca-se o projeto Macacos Urbanos, surgido na cidade de Porto Alegre em 1993, com o intuito de promover uma educação junto à população local acerca dos hábitos da espécie, e do monitoramento dos bugios para evitar acidentes como choques elétricos, mas também atropelamentos e ataques de cães (G1 RS, 2013).

Uma iniciativa desenvolvida pela parceria entre a Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC) e o Projeto Bugio, da cidade de Indaial/SC, possibilitou a aplicação de medidas para a proteção da espécie na região dos Vales. De acordo com Vieira (2019), dentre as iniciativas estabelecidas, cinco se destacam, que são a instalação de pontes passa-fauna de corda e madeira como estratégia para prevenir a passagem do bugio através dos fios elétricos; instalação de armadilhas fotográficas, como instrumento de monitoramento; instalação de redes compactas, de modo a minimizar os possíveis danos ao animal; corte de árvores próximas às redes elétricas; e o deslocamento de postes próximos às árvores que possam permitir o deslocamento do animal.

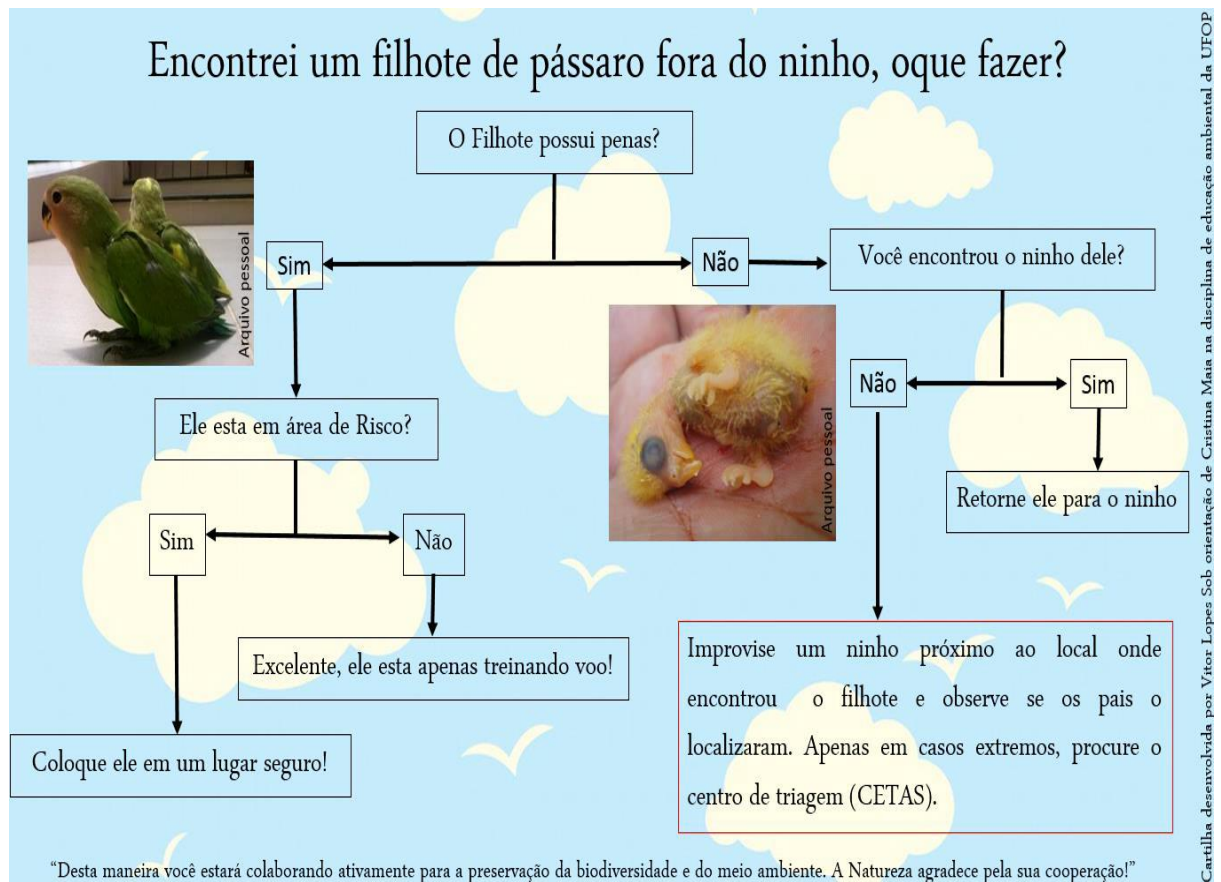
Em relação às aves, foram destacados como conflitos as colisões em prédios e janelas espelhadas, e o resgate de filhotes em desenvolvimento. Sobre a entrega de aves filhotes até a ONG, de acordo com os entrevistados, o conflito é gerado a partir da desinformação da população em como proceder nos casos de localização do filhote fora dos ninhos, o que leva a um resgate e cuidados, por vezes, desnecessários.

Esse aspecto é retratado na fala do MV2, ao exemplificar situações em que um animal, após a localização, pode ser entregue à ONG em bom estado corporal, sem lesões e sem sinais dos pais próximos ao ninho, uma vez que situações comportamentais de aprendizados de voo e busca de alimentos se confundem com fragilidades do animal caído e abandono dos pais. Além disso, é possível perceber pela população o comportamento de resgatar e cuidar dos animais em casa, de modo a colocar o animal sob risco de erros de manejo e alimentação inadequada, dado o desconhecimento das necessidades do animal resgatado, dos procedimentos no cuidado da ave localizada, e dos profissionais capacitados para auxiliar nesses casos.

Conforme Lopes e Maia (2019), esses comportamentos, embora ocorram com intenção de auxílio à integridade da espécie, impactam negativamente na vida das aves, já que ocorre uma interferência nos processos reprodutivos e de aprendizagem do animal.

Uma iniciativa utilizada para informar a sociedade acerca de como proceder em caso de encontro com filhotes caídos dos ninhos, é a elaboração de cartilhas em forma de fluxograma (Figura 5). Nesses materiais, são dadas orientações para identificar a necessidade de encaminhamento dos filhotes até um CETAS ou outros centros veterinários, a partir da localização e identificação da ave. Dessa forma, garante-se o desenvolvimento natural da ave, sem a interferência humana.

Figura 5 - Exemplo de fluxograma para cuidados com aves filhotes fora do ninho.



Fonte: Lopes e Maia, 2019, p.258.

É importante comentar que, na rotina da ONG, a presença e reabilitação de filhotes é um trabalho frequente. Além das circunstâncias pontuadas acima acerca dos filhotes de aves, outras espécies podem ser entregues à ONG em decorrência de acidentes que podem ter levado os pais à óbito, como atropelamentos, choques e maus-tratos. Tem-se, nessas situações, o desafio de desenvolver esses animais para garantir a oportunidade de sobreviverem na natureza.

Um outro conflito mencionado pelos entrevistados são os choques de aves em estruturas antrópicas. De acordo com Schneider (2018), as colisões são a segunda maior causa de mortalidade nessas espécies, antecedida pela perda de habitat. Os principais locais de acidentes mencionados pelos entrevistados foram os prédios com janelas de vidro espelhadas, e estruturas de energia eólica. Os acidentes ocorrem devido ao sistema de visão das aves, que apresentam um cone sensível à radiação ultravioleta, o que dificulta a percepção de reflexos (BARROS, 2010). Essa dificuldade faz com que os animais não percebam os prédios, principalmente os de janela

espelhada, como um obstáculo, e isso predispõe a colisões. Tais choques, quando não causam a morte da ave, pode levar a lesões neurológicas e traumáticas devido ao impacto.

Em relação as medidas preventivas, existem produtos que auxiliam a diminuir o risco de acidentes. Além da utilização de redes e cortinas opacas ou translúcidas, são indicados o uso de filmes, e sistemas repelentes, com tecnologias como sinais ultrassônicos (BARROS, 2010).

Com relação à invasão domiciliar, é possível perceber, de modo geral, que a presença de um animal silvestre nas residências está relacionada com a oferta de abrigo e alimentos (VILELA et. al, 2016). No que se relaciona com a alimentação, essa busca pode estar endossada no comportamento da população em oferecer de modo intencional alimento ao animal. De acordo com MV1, o estímulo das pessoas em oferecer de alimentos a um animal silvestre, principalmente primatas, além de acarretar na diminuição da capacidade de busca do próprio alimento, em decorrência da facilidade de acesso ao mesmo, permite uma aproximação advinda da perda do medo do humano e das interações consequentes disso, que pode ser prejudicial tanto ao humano quanto ao animal.

Essa percepção é compartilhada por Hudenko (2012), ao considerar a habituação e condicionamento alimentar como comportamentos conflituosos, uma vez que isso permite ao animal se aproximar regularmente de espaços humanos, dada a uma sequência de estímulos não-danosos ao animal, e predispõe a problemas tanto no espectro nutricional, quanto na ocorrência de ataques entre as espécies.

Uma situação citada por MV3 diz respeito ao recebimento de galináceos advindos de rituais religiosos. Nesse caso, as galinhas e galos direcionados a essa finalidade podem ser recebidos com as penas embebidas em óleo, e com problemas pulmonares em decorrência da utilização de óleo.

Nas redes sociais da ONG foi possível identificar outros dois conflitos. Esses podem ser complementados ao que foi retratado pelos entrevistados: Ataques com tiros de chumbinhos; e acidentes com anzol em cágados (Figura 6).

O tiro de chumbinho é comumente associado à caça em aves e, quando não há a mortalidade desses animais, há o risco de perfurações e intoxicação pelo metal. Já os acidentes com anzol são resultados da poluição das águas ou do solo a partir do descarte do resíduo após eventos de pesca. É uma situação que acarreta em lesões perfurativas e lacerativas, e quadros infecciosos e inflamatórios, além de

dificultar a deglutição do animal atingido, a exemplo do cágado, o que compromete a saúde do animal.

Figura 6 - Recorte da postagem sobre o cágado no *facebook* da ONG.



Fonte: ONG Voluntários da Fauna, 2021b.

De modo geral, foi possível identificar, através das respostas fornecidas pelos entrevistados, exemplos de situações que acometem a fauna silvestre e que acarretam em encaminhamentos dos mesmos até a ONG. Cada entrevistado mostra, ao exemplificar os conflitos, um olhar crítico acerca de ações humanas que colaboram para a ocorrência disso. MV4, ao discutir a urbanização e o crescimento populacional como fator predisponente aos conflitos, antecipa o debate que será discutido na pergunta de número 5, ao relacionar esses acidentes de fauna com o desconhecimento das pessoas em relação aos animais, o que gera reações como aversão até a morte dos mesmos.

Um ponto que chama atenção na resposta de MV1, ao identificar os conflitos de fauna, é o mapeamento realizado dos conflitos por regiões da cidade de Porto Alegre, RS. Isso é interessante pois abre a possibilidade de, a partir de um trabalho sistematizado de mapeamento dos conflitos de fauna mais comuns por localidade, propor, com a participação de órgãos públicos, o desenvolvimento de ações para

resolução ou diminuição dos conflitos naquela região, assim como planos de sensibilização da população local para diminuição dos conflitos.

Em relação a percepção dos veterinários a respeito das causas dos conflitos de fauna, bem como da participação do fator humano na geração de tais conflitos, conforme elucidado no quadro 5, três aspectos mais citados foram a falta de conhecimento, falta de respeito e empatia, e falta de educação ambiental.

Quadro 5 - Respostas da quinta questão da entrevista

Médico vet	Por que, no seu ponto de vista, tais conflitos ocorrem? Qual é a participação do fator humano na geração de tais conflitos?
MV1	<p>Eu acho que não existe um preparo da população pra esse convívio, sabe, acho que nós, seres humanos, achamos que somos o máximo, que nós somos os superiores e que nós reinamos sobre qualquer criatura. Então não existe uma preocupação na tua construção, no teu desmatamento, não existe uma preocupação com o entorno, existe uma preocupação só contigo. Então, eu acho que dá pra fazer as duas coisas, mas tu tens que ter respeito por aquele lugar e pelos habitantes daquele lugar. Não só pelos seres humanos mas também que te rodeiam. Então eu acho que o que falta é empatia, né, há um orgulho em demasia no ser humano, e uma falta de conhecimento. Muitas vezes não é por querer, muitas vezes não é por maldade. Muitas vezes é por falta de conhecimento mesmo. Uma vez eu estava com uma amiga minha na estrada, fumante, uma pessoa com nível superior, e ela jogou a bituca do cigarro fora, na estrada, no verão. E eu disse assim pra ela “Não faz”, porque olha essas queimadas que tem aí. “Bem capaz que é por causa disso?!” e eu disse: “é”. “Não, tu tá me gozando!”. E eu disse: “não, é verdade, tu tá jogando fogo num capim seco”. “Ai, eu vou lá voltar pra buscar”. Quer dizer, ela tinha ali um curso superior, é uma pessoa inteligentíssima, mas totalmente alheia ao meio ambiente. Então, não é por mal, sabe, era por ignorância mesmo. Eu tenho a minha área, que nem o arquiteto nos prédios de vidro: “Ah eu faço prédios de vidro, acho lindo e maravilhoso, vai refletir o céu”. Não meu filho, vai matar os passarinhos. Então é muitas vezes por falta realmente de conhecimento da matéria, né, de cada um ficar no seu quadrado.</p>
MV2	<p>Assim, a parte de ataque de cão seria até mais essa parte de cães errantes e tudo mais, que as vezes até o cão tá até pegando outro pra se alimentar, e isso a gente recebe bastante, principalmente bugio, gambá, gambá vem muito por ataque de cão...e a parte de atropelamento é porque, querendo ou não, as cidades estão se expandindo pra áreas que eram antigamente de florestas. O bicho fica meio acoado, tendo que atravessar uma rua caminhando, até os bugios não tem mais aquela continuidade da floresta, vai ter que descer pra ir pelo chão, só que daí no chão tem um cachorro que pega, ou é atropelado e coisa assim. E a parte de aves mesmo que é isso aí, ou se bater ou se tiram do ninho. (A participação de humanos) É bem grande. Porque, na parte de atropelamentos é meio que direto do humano, né. Cães também, porque se não tivesse aquele humano que deu amor àquele cãozinho, ou as vezes até aquele cão tem dono, mas é um cão que tem acesso livre à rua, mata e tudo. E também a parte de alguém que tira do ninho e vem trazer pra gente. Então a gente sempre batalha bastante nessa parte ali de tentar conversar, assim com as pessoas, tipo, ai, se tem um cão, tentar manter eles mais...de não deixar ele ter acesso a rua, até pra segurança dele também, porque as vezes o cão também acaba pegando, por exemplo, um ouriço e ele vai machucar o cão também. E também essa parte das pessoas,</p>

	a gente tenta orientar, primeiro ver se os pais estão perto do passarinho antes de pegar e trazer pra cá.
MV3	Esses conflitos ocorrem porque eu acredito que não tem muito respeito da parte humana, e falta de educação ambiental, tá. As pessoas não entendem a função de alguns animais e não respeitam isso. Então, por exemplo, o gambá é um animal que, se houvesse mais educação ambiental a respeito dele, mais informação, hoje já tem bastante campanhas, talvez já não sofresse tanto, tantas injúrias, tá, o gambá é um que teria se livrado bastante dessas questões. Com relação aos macacos eletrocutados, a gente tem um projeto de macacos urbanos, que eles fizeram umas redes e tudo pra tentar diminuir. Então assim, eu acho que é devido ao crescimento populacional, a falta de educação e falta de respeito das pessoas com os animais
MV4	Esses conflitos acontecem principalmente por falta de conhecimento. Acho que existe uma falta generalizada de educação ambiental nesse sentido, né, isso é uma coisa que a gente tenta fazer, pelas mídias sociais, e, mesmo pelo contato que a gente faz com as pessoas que levam esses animais até a clínica através da Voluntários da Fauna, a gente tenta levar essa educação, né? Por que aquele animal é importante na nossa fauna, no nosso ecossistema? Porque a falta dele vai prejudicar, vai causar um desequilíbrio, né, porque cada um desses animais tem essa função dentro do ecossistema, né. Então acredito que a falta de conhecimento e de educação ambiental é um dos principais fatores que levam a esses conflitos.
MV5	Bom, o fator humano é tudo né, então assim, a gente que tá causando isso. Tiro de chumbinho, a gente que tá levando o cachorro e o gato até o meio pra atacar eles; a gente que tá andando de carro e atropelando, sabe? Nós que estamos poluindo e matando os bichos de água doce e salgada também. Então assim, sinceramente, o que eu menos vejo são animais vindos com problemas genéticos, ou tipo uma briga entre um gavião e pomba, sabe? Coisas naturais eu quase não vejo aqui, né, tudo questão de humano, mesmo, né? E também a questão dos filhotes, que é o que a gente sempre bate na tecla de “ah, caiu um filhote, eles sempre trazem pra cá”. Pô, bota de volta no ninho. Quanto menos a gente interferir, melhor. Mas pessoas vão pegar e trazer pra cá, e só estão botando pra cá o problema, na verdade, enquanto é só recolocar no ninho. Eu vejo muita gente que quer aprender, e eles entendem. As vezes não é nem eles que fazem, tipo “ei, vi um bicho atropelado, atropelaram no meio da rua, peguei e trouxe pra cá”. Eles sabem do problema, mas tem muita gente que tá nem aí, realmente, assim, que a gente explica e não vai aprender e não se importa, foi criado assim, aquela coisa toda. Então realmente questão de crianças, a gente tem que focar bastante, pra elas aprenderem, quem sabe, elas melhorarem o futuro.

Há um reconhecimento, ilustrado pelos entrevistados, de que a expansão dos centros urbanos, bem como as interações entre o humano e a fauna silvestre nesses espaços, exercem influência na geração e ocorrência dos conflitos de fauna. Todas as respostas ilustram, de forma direta ou indireta, o desconhecimento da população em lidar com o convívio com o animal silvestre, de forma a evitar a ocorrência dos conflitos e acidentes de fauna. Como ressalta Hudenko (2012), a forma como cada indivíduo percebe o animal silvestre, assim como o risco associado em um encontro ou

interação, determina o comportamento que o mesmo tem em relação ao animal, o que pode propiciar em eventos negativos que levam a conflitos.

Em relação ao desconhecimento de espécies, essa visão pode estar embasada em conceitos de senso comum, de modo a associar a periculosidade de uma espécie com visões generalistas, estéticas ou supersticiosas. Um exemplo de aspecto generalista são as serpentes. Fernandes-Ferreira et. al (2011) relata visões que a população muitas vezes tem sobre esses animais, como a de que todo réptil é peçonhento; ou da capacidade de promoção de traumas por espécies constritoras. Para os autores supracitados, a relação conflituosa estabelecida entre humanos e serpentes, além de propiciar a matança desses animais, impera o desenvolvimento de ações educativas para reforçar a importância ecológica das mesmas no espectro ambiental e de saúde pública.

Essa questão pode ser estendida para outros animais, como urubus e morcegos, que tem sua importância ecológica como espécie decompositora e dispersora de sementes, respectivamente, diminuída pela visão de que representam um mau agouro ou, no caso do morcego, da sobressalência do medo por ser um vetor da doença da raiva.

Para De Pinho et. al (2014), o aspecto estético de um animal pode colaborar para a tomada de ações em relação a conservação da espécie e estímulo para aprofundar o conhecimento sobre ele. Um animal considerado bonito chama atenção e desperta no sujeito sentimentos de satisfação e proporciona maior apoio para conservação, ao passo que um animal considerado feio atrai sentimentos de repulsa e aversão, seja pela aparência, seja pela periculosidade atribuída a ele, e isso tende a minimizar a intenção de proteger essas espécies. Um animal pontuado pelos entrevistados que exemplifica esse ponto é o gambá.

Apesar disso, os problemas decorrentes do desconhecimento de espécies podem englobar também o interesse colaborativo da população com determinados animais, cujo interesse em auxiliar em um tratamento ou promover uma aproximação para fins de alimentação, gera acidentes.

MV3 exemplifica, ao longo da resposta para a segunda questão da entrevista, uma situação em que uma senhora realizou um resgate de um rato e foi orientada, após a entrega, a ir a um pronto-socorro, devido ao risco de infecção zoonótica pelo agente causador da doença leptospirose. Além disso, outros exemplos pontuados pelos veterinários em relação às aves filhotes e sobre a alimentação de bugios,

complementam esse aspecto do desconhecimento e não-percepção sobre os impactos que ações decorrentes de tais práticas podem gerar aos animais e aos humanos.

Já em relação à ignorância da população, podem ser citados comportamentos relacionados com crimes ambientais e contra a fauna, como a caça e os maus-tratos. Somado a isso, o descaso com o meio ambiente, de forma a propiciar impactos como queimadas, poluições, tráfico de fauna e introdução de espécies exóticas no meio ambiente, completam essa percepção.

Esses aspectos levam a uma necessidade de ações para promover o conhecimento da importância ecológica das espécies nos centros urbanos, da importância da conservação dos animais selvagens dentro e fora desses espaços, e da necessidade de intervenções que auxiliem na reflexão e prevenção de novos acidentes.

Behling (2018) ressalta a importância da educação ambiental enquanto ferramenta para desmistificar essas visões que, por consequência, pode resultar em medo, aversão, maus-tratos, e na morte dos animais silvestres, assim como no cativeiro e no tráfico dos animais. A educação ambiental, conforme elucidada nas respostas, é uma necessidade para que tais temas sejam abordados e promova, além dos elementos pontuados acima, o respeito à fauna.

A partir deste bloco de perguntas, foi possível entender, através da fala dos veterinários, não apenas os conflitos percebidos por cada um, mas principalmente a natureza desses problemas. Nas falas, é perceptível que, ao longo das respostas de ambas as perguntas, há uma crítica sobre o fator humano nos diferentes problemas que atingem a fauna. Junto com a expansão urbana e o desenvolvimento das cidades, o desconhecimento e ignorância humana em relação aos cuidados com a fauna, são fatores muito presentes enquanto reforço para a ocorrência de tais acidentes, o que demanda em ações para promover a valorização e a sensibilização acerca da importância ecológica desses animais na cidade.

c) Bloco 3 - Eficácia na comunicação, ações e percepção ambiental

O terceiro tópico da entrevista desenvolvida, correspondente às questões 6, 7 e 8 (Quadros 6, 7 e 8, respectivamente) teve por objetivo compreender a visão dos profissionais da ONG acerca das relações estabelecidas entre a ONG e a população

a partir de diferentes estratégias de comunicação e informação, bem como da visão profissional de cada um dos entrevistados sobre o papel deles ao longo desse processo.

Quadro 6 - Respostas da sexta questão da entrevista

Médico vet	Questão 6. Como você observa a eficácia da ONG em levar à comunidade a preocupação ambiental quanto aos conflitos de fauna e aos animais atendidos?
MV1	<p>Eu acho que ainda é bastante falha. Eu acho que a gente peca muito por não ter perna pra crescer. Na época que nós estávamos fora da pandemia, a gente recebia escolas lá na clínica e nós íamos às escolas também. Desde a pré-escola, a gente procurava fazer esse trabalho indo nas escolas. A gente oferece por lá, as pessoas nos descobrem, enfim. Mas ainda é pouco. A gente já tentou ir em algumas empresas, até funcionários de empresas que trouxeram animais e “ah, ficou presa coruja lá dentro não sei o que, ficou”, “ah, o gambá tá assim, não sei”. A gente até oferece apoio, os funcionários se interessam muito, “que legal, vão dizer o que fazer, os primeiros atendimentos” e sabe, como proceder nessas situações, mas aí a empresa não aceita. Então ainda não tem reconhecimento. As vezes tu tens do funcionário que se importou em trazer, mas tu não tem da empresa em si. Então eu acho que nisso nós ainda falhamos muito. Falhamos muito também porque a gente não tem uma sala de aula, então a gente não tem onde sentar e preparar, ter aula, ensinar os alunos a levarem isso adiante, mesmo os estagiários, universitários e coisa assim, que também não tem grande interesse nisso. Por incrível que pareça, eles querem cuidar do bicho, principalmente na nossa área, na veterinária, eles acham que o negócio ali é ser clínico, ser cirurgião e o resto não importa. O bom cara que trabalhar com meio ambiente, com fauna silvestre, seja em zoológico seja em vida livre, é aquele que não pega bicho doente né, que faz o trabalho que não deixa o bicho ficar doente. Mas a gente ainda tem alguma resistência a isso. A gente tá tentando pegar muito agora, trabalhar com o pessoal da biologia, mas ainda estamos engatinhando nisso. Vou ser bem sincera, é uma das minhas frustrações. Mas eu realmente precisaria parar de trabalhar, pra me dedicar só pra ONG, porque nós somos, não sei se 11 ou 15, nem me lembro direito todos os componentes da ONG porque somos muitos, mas quem que trabalha é basicamente um ou 2. Ideias a gente tem, a gente só não tem o material humano pra realizar isso.</p>
MV2	<p>Agora com a pandemia deu uma complicada na nossa vida, porque até a quantidade de pessoas na clínica deu uma diminuída também, mas a gente tem os panfletos, que sempre que alguém vem entregar um bichinho, a gente já entrega o panfletinho também, que tem toda a parte do que é a ONG, qual que é o objetivo dela, o trabalho dela, tudo bem certinho. Daí a gente tem uma parte com informações de como ajudar a gente. Também as redes sociais, a gente tem o <i>instagram</i>, tem o <i>facebook</i>, a gente busca postar um caso de alguém animalzinho, até pra aproximar um pouco mais a comunidade com a clínica. Eu sei que tem gente que tem a visão de que a gente vai pegar o bichinho e vai ficar aqui dentro e não vai cuidar tão bem assim, daí a gente sempre tenta mostrar o que está acontecendo. E é até pelas redes sociais que a gente mostra o que tem aqui dentro, porque as vezes as pessoas não tem tanta noção, por exemplo, de que no verão a gente tá cheio de filhote, filhote de gambá, filhote de aves também, e a gente faz isso, inclusive, pra tentar nos ajudar com um pouquinho de doação, porque vai bastante alimento pra esses animais. Até quando a gente solicita doações pelas redes sociais, a gente sempre fala “a gente tá precisando de um pouco de leite ou carne, ou fruta, legumes, alguma coisa assim”. A gente sempre tenta</p>

	direcionar e especificar a espécie. A gente tenta fazer esse meio ali pela rede social também com a comunidade.
MV3	Eu vejo que tem uma grande eficácia no sentido de que as pessoas sabem que podem trazer pra cá. Mas as pessoas não sabem como ajudar a diminuir isso. Então eu acho que um trabalho de educação ambiental com as pessoas, principalmente com as que tão trazendo os animais, seria positivo pra que elas possam aprender, por exemplo, que tem filhotes que não tinha necessidade de trazer, que não precisavam ter sido tirados da natureza. A pessoa achou que ele estava no ninho, mas estava frio e veio trazer, entende? Choveu, ele caiu, dava pra recolocar, os pais estavam alimentando e eles não sabiam, então assim, eu acredito que a gente é eficaz no atendimento primário, na emergência, tá, mas eu acredito que possa ser uma coisa bem mais abrangente, um trabalho bem mais interessante se a gente aliar com a educação ambiental, faria uma grande diferença.
MV4	Esse é um trabalho de formiguinha, né? Nós convencemos uma pessoa, né, a pessoa que vai lá, entrega o animal, nós explicamos a importância daquele animal no ecossistema, a importância dele, porquê que ele tá ali, o que ele faz, né, o desequilíbrio, a falta desse animal, o que geraria, mas é um trabalho de formiguinha. Nós usamos as redes sociais também pra explicar, né, pra levar pra população a importância de cada um desses animais, e a partir daí essa corrente do bem vai sendo disseminada, né, e levada mais adiante. Mas é um trabalho de pouco a pouco. Muitos anos até a gente chegar no desejável ainda.
MV5	Ah, isso é pouco. Realmente a gente não tem perna suficiente pra isso. A gente quer, a gente tenta, sabe, a gente até estava com vários planos assim, em 2019, início de 2020, que a gente ia fazer toda uma questão com a comunidade, sabe? Juntar a secretaria, a gente ia fazer palestras lá na SMAM, em vários locais, e a pandemia acabou postergando tudo né, mas ainda é bem pouco perto do que poderia ser.

De modo geral, pode se perceber que, embora a ONG se mostre eficaz enquanto lugar-referência para reabilitação de fauna, e procura manter a transparência nos registros do trabalho desenvolvido através das redes sociais, é um desafio esse processo de diálogo com a comunidade. Além das limitações de recursos humanos para gerenciar esse aspecto ambiental acerca do trabalho da ONG, as orientações com a comunidade, bem como a busca de ações para estimular o interesse tanto da sociedade quanto dos envolvidos na ONG, são necessidades a serem trabalhadas para uma maior eficácia no debate ambiental.

Devido a estreita relação com que as respostas fornecidas nessa pergunta se apresentam em conjunto com as respostas sobre as estratégias de comunicação (Quadro 7), ambas as respostas serão discutidas em conjunto.

Quadro 7 - Respostas da sétima questão da entrevista

Médico vet	Questão 7. O que poderia ser feito para melhorar a comunicação com o público?
MV1	Pensando em termos práticos, eu acho que trabalhar o marketing mesmo, fazer mais informativos. Por exemplo, tem uma parte que a gente que fazer, não sei se uma vez por semana ou se a cada 15 dias, que é trabalhar a nossa fauna. Então assim: “Você conhece o gambá?” então fazemos uma postagem sobre o gambá. “Você conhece tal bicho?” E aí a gente faz uma postagem sobre aquele bicho. Nisso aí tu consegues informar as pessoas, já é alguma forma de levar. Mas quem vai nos ler é quem já está interessado nisso, então até já tem conhecimento nisso. O que eu vejo hoje assim como fundamental, talvez um sonho impossível, mas sonho é sonho, é colocar educação ambiental como matéria obrigatória nas escolas, desde o início. Sabe? Pra mim isso é o que salvaria, sabe? É o professor pegar aquela criança pequenininha lá, e falar de educação ambiental, falar de meio ambiente, gostando, não gostando, é obrigação dela. Ou que seja ter aula uma vez por semestre, alguma coisa assim, dependendo do nível da criança, mas divulgar essa parte de educação ambiental, acho que não tem outra forma se não for pegando lá da pré-escola, olhar as plantinhas, prestar atenção no ambiente.
MV2	Sempre pode ser mais, sempre pode ser melhor. Assim, até o que eu percebo assim, a gente tem uma certa participação das outras mídias também, vem gente da televisão aqui que vem fazer as reportagens, daí eles falam do projeto Voluntários da Fauna, vem jornal aqui e tudo mais. E, é, mas assim, esse combo também daria pra fazer pra tentar divulgar mais, ficar mais conhecido a Voluntários da Fauna.
MV3	Com certeza um trabalho ou uma campanha de educação ambiental, com certeza faria diferença.
MV4	Eu acredito que essa educação ambiental, ela precisa vir de maneira mais intensa dos nossos órgãos, né, principais né, secretaria da Saúde, Secretaria do Meio Ambiente, CRMV. Todos esses, eles deveriam entrar, né, com uma mídia muito forte, muito intensa, explicando a importância, né, dos animais e do equilíbrio do nosso ecossistema. Só assim, acredito que poderia mudar, né, essa questão toda de educação ambiental e as pessoas terem uma consciência maior. Mas precisa de algo mais intenso do que tem sido feito até agora. Uma conscientização maior tanto da população quanto dos órgãos reguladores.
MV5	Assim, palestras, colégio, comunidade, talvez até ver a questão das pessoas vir e conhecer, porque tem que ter esse contato, sabe? As pessoas não protegem aquilo que elas não viram né, aquilo que elas não conhecem. Eu penso nesses, mas claro deve ter um milhão de coisas pra fazer, porque é só questão de ter as ideias e colocar as ideias em prática.

A respeito da eficácia da ONG para levar à comunidade a questão ambiental, é possível perceber que, embora a ONG se mostre eficiente enquanto referência para o encaminhamento de animais silvestres para reabilitação, em relação à população, a comunicação com o público é encarada por três dos cinco entrevistados como um processo que merece mais atenção. Uma expressão em comum usada por dois dos cinco entrevistados é a de que a ONG “não tem perna” para promover, de forma eficaz, a comunicação com a comunidade. Um dos fatores pontuados para isso é o número

de pessoas atuantes na ONG que, por ser pequeno, dificulta o planejamento e realização de ações de forma regular e frequente.

A falha em levar à população a discussão ambiental, conforme colocada por MV1, surge a partir de uma carência ou uma discreta mobilização de usuários que poderiam ser beneficiados com ações idealizadas pela ONG, a exemplo de empresas, escolas e universidades. Conforme o entrevistado relata, há um desinteresse por parte de empresas em reconhecer a importância de determinadas práticas que poderiam ajudar funcionários a lidar com situações envolvendo conflitos de fauna.

Além disso, um outro aspecto limitante é o desinteresse dos estagiários, em especial da área médica veterinária, em trabalhar um olhar mais amplo sobre a fauna silvestre. Além da falta de um espaço físico para o desenvolvimento de atividades relacionadas com aulas e discussões, há um interesse muito forte nas práticas clínico-cirúrgicas nas diferentes espécies animais, mas pouco se discute os fatores associados com tais práticas, ou seja, a compreensão e reflexão dos fatores sociais, culturais e ambientais de muitas situações que levam um animal a ser resgatado e reabilitado.

Pode-se dizer que parte dessa falha é decorrente dos programas curriculares dos cursos de graduação que, em decorrência da gama de conteúdos estruturados, dispõem de uma carga horária limitada para desenvolver o olhar ambiental nas disciplinas ofertadas. Conforme Amorim e Carneiro (2005), a difusão das questões ambientais no ensino da medicina veterinária deve ser vinculada com um repensar na formação profissional, bem como na formação de professores, para estimular esse olhar social das práticas veterinárias através da pesquisa e extensão.

A questão curricular, inclusive, é comentada por MV1 ao refletir a necessidade da educação ambiental enquanto componente obrigatório na educação básica. Verdério (2021) endossa essa fala, ao relacionar a educação ambiental com o desenvolvimento da curiosidade, senso crítico e valorização ambiental por meio de uma educação continuada no ensino infantil. Para tal, o autor defende a realização de programas de formação docente, como instrumento de inclusão e desenvolvimento da educação ambiental nas escolas.

Por outro lado, como fatores positivos para a eficiência da comunicação da ONG, pontuam-se a emissão de panfletos informativos sobre o trabalho da ONG e com os meios de contato para a mesma, e o uso das redes sociais na divulgação do trabalho realizado pelos veterinários. A utilização do *Facebook* e *Instagram* foram

consideradas por MV2 e MV4 como recursos através do qual os profissionais levam à sociedade a realidade do local, dos animais atendidos e das questões ambientais associadas aos resgates.

Além disso, de acordo com MV2, as redes sociais são percebidas como recursos que ajudam a estabelecer uma relação de transparência com os seguidores dos perfis da ONG, e uma comunicação através dos registros da situação dos animais, de iniciativas desenvolvidas e compartilhadas pelos veterinários, e do apoio da sociedade através de doações e eventuais ajudas necessárias. Essa visão é compartilhada por Gamberoni e Veiga (2013) que, em seu trabalho, registraram a confiabilidade, valorização, a importância na divulgação e compartilhamento de ações e informações, que os usuários das redes sociais atribuem aos perfis de ONGs ambientalistas.

Além do *Facebook* e do *Instagram*, em 2018, a Voluntários da Fauna/Toca dos Bichos realizaram a iniciativa de desenvolver conteúdo em formato de vídeos para o *Youtube*. O canal da clínica veterinária conta com seis vídeos divulgados, dos quais quatro são entrevistas relacionadas com aspectos de práticas clínicas, uma entrevista sobre cuidados com os animais no inverno e um introdutório. Existe um canal específico da ONG, criado em 2019, porém o canal contém apenas um vídeo que é uma reportagem realizada no local.

Dentre as possibilidades colocadas pelos entrevistados para melhorar a comunicação da ONG com a população, a educação ambiental entra como um fator fundamental. Além dela, ações como melhorias no marketing da ONG, desenvolvimento de palestras, ações em escolas, visitas técnicas, e materiais informativos, foram citados pelos entrevistados como possibilidades de melhorias. O marketing, de acordo com Santos (2012), para o terceiro setor se refere ao processo de conhecimento do público-alvo e da comunidade para o desenvolvimento de estratégias que permitam atender as necessidades das pessoas, assim como no estabelecimento de uma comunicação mais efetiva com os sujeitos.

Como exemplo de melhoria, um público visado por MV1 ao responder a pergunta 2, são as pessoas que resgatam e entregam um animal de lugares mais distantes, como litoral ou outras cidades. No caso, o desenvolvimento de informativos seria uma forma de valorizar o esforço dessas pessoas que se deslocaram para realizar essa entrega.

De certa forma, pode-se compreender que todas as ações pontuadas nas respostas estão ligadas, mesmo que de forma indireta ou não-intencional, em ações de educação ambiental. Esse foi um aspecto pontuado por quatro dos cinco entrevistados no questionamento do que poderia ser feito para melhorar a comunicação com a população, a partir da percepção de que a falha dessa é um dos fatores que facilita a ocorrência dos conflitos de fauna nos centros urbanos.

O desenvolvimento de ações ambientais deve ser embasada em um planejamento contínuo para sua eficácia. De acordo com Behling (2018, p.170):

Atualmente, a EA realizada para promover a proteção aos animais silvestres está diluída em ações isoladas, sem planejamento e sem metas bem definidas, muitas vezes desconsiderando as questões sociais envolvidas. As instituições precisam encarar a EA com seriedade, compreendendo-a como um processo contínuo, tanto pela lenta transformação do pensamento social quanto pela capacidade limitada de atuação do sistema público. Além disso, a EA necessita de investimento, que só se tornará elegível se definida uma metodologia de ação, por meio do delineamento de prioridades e congregação dos profissionais técnicos, que orientarão as metas, com profissionais especializados em comunicação, para tornar o tema atrativo, elevando assim as probabilidades de sucesso.

Em relação à ONG, um fator complicador para o desenvolvimento desse planejamento, ao associar a resposta de MV1 na pergunta 6 com a fala de Behling (2016), é a carência de colaboradores, especialmente na parte do marketing. Isso, somado com a rotina de trabalho dos profissionais, dificulta um planejamento mais minucioso e, talvez, a percepção das possibilidades, apesar do interesse dos entrevistados, em desenvolver ações estruturadas e contínuas de educação ambiental.

Contudo, apesar disso, há ações que são realizadas. O desenvolvimento de palestras e atividades no ambiente escolar, desde a pré-escola até o ensino superior, são exemplos de ações de educação ambiental formal desenvolvida ou sugerida pela ONG. Conforme cita MV1, a ONG realiza, no ambiente pré-escolar, visitas técnicas e palestras em escolas. E no ambiente acadêmico, é mais comum perceber o envolvimento dos veterinários no desenvolvimento de palestras e cursos na área de animais silvestres. Nesse contexto, os profissionais vinculados à Voluntários da Fauna levam aos universitários interessados na área a discussão de aspectos clínicos e cirúrgicos, assim como temas relacionados com práticas de manejo e reabilitação da fauna atendida.

No ambiente informal, além da divulgação realizada nas redes sociais, a realização de palestras com a comunidade é uma possibilidade colocada por MV4 e

MV5, a partir de um apoio com órgãos reguladores, como a Secretaria de Meio Ambiente, e os conselhos profissionais das áreas de interesse, a exemplo do Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV). Uma vez que o Conselho desenvolve e promove campanhas de conscientização sobre diferentes questões animais, ter o apoio do mesmo no desenvolvimento de ações ambientais, a exemplo das palestras, permitiria uma maior visibilidade no debate e na sensibilização dos agentes envolvidos.

É importante ressaltar que, apesar de os exemplos acima terem sido exemplificados enquanto práticas associadas à educação ambiental, em nenhum momento isso foi pontuado pelos entrevistados como tal. A forma como as práticas foram relacionadas com ações formais e informais mostram o potencial que a ONG possui em desenvolver tais ações dentro de um planejamento de educação ambiental e que, diante de uma organização bem estabelecida, pode ser bastante eficaz para levar à sociedade as reflexões e discussões vinculadas com as vivências e experiências de trabalho no local.

A participação da ONG nas mídias (Figura 7) foi um aspecto pontuado por MV2: *“A gente tem uma certa participação das outras mídias também, vem gente da televisão aqui que vem fazer as reportagens, daí eles falam do projeto Voluntários da Fauna, vem jornal aqui e tudo mais”*.

É preciso pontuar a importância das mídias jornalísticas na questão ambiental. Para Martinez e Loose (2015), o jornalismo ambiental surge como uma aliada à educação ambiental, a partir da difusão de conteúdos não só capazes de levar a informação ao receptor, mas também como detentora de um papel político e pedagógico na problematização das questões ambientais e apontamento de soluções para os mesmos.

Por ter um papel relevante na sensibilização da população quanto às problemáticas ambientais, o jornalismo especializado mostra-se como um dos vetores da educação ambiental informal, pois objetiva gerar um melhor entendimento das complexas relações existentes entre homem e natureza. Mais que denunciar degradações ou desejar conscientizar os públicos sobre suas responsabilidades, o jornalismo ambiental busca ampliar a visão de mundo de seus públicos, colaborando com o empoderamento dos indivíduos para que eles exerçam da melhor forma possível seus direitos como cidadãos (MARTINEZ; LOOSE, 2015, p.338).

Figura 7 – Recorte de matéria jornalística divulgada pela ONG



Fonte: ONG Voluntários da Fauna, 2020b.

A participação da mídia e do jornalismo nas questões ambientais auxilia na difusão da informação em relação aos problemas ambientais, ao mesmo tempo que ilustra a importância das instituições ou de projetos no combate desses problemas, bem como convida o receptor a conhecer o trabalho desses espaços.

Durante o período de observação das redes sociais, foi possível identificar cinco conteúdos jornalísticos relacionados com o trabalho desenvolvido pela ONG. De modo geral, as matérias publicadas ilustram a problemática da ocupação dos animais silvestres nos centros urbanos e as interações estabelecidas entre as espécies e a comunidade. Um dos exemplos disso, é a notícia veiculada no dia 31 de dezembro de 2020, pelo portal Correio do Povo, sobre um jacaré-de-papo-amarelo encontrado por um marceneiro em Guaíba – RS. A matéria publicada por Teixeira (2020) retrata a questão da presença indesejada do animal nas proximidades da casa do marceneiro, uma vez que o mesmo atacava os animais da vizinhança, como galinhas e cachorros, e o posterior resgate pela Patrulha Ambiental de Porto Alegre, através do qual o animal foi direcionado até a ONG para atendimento e soltura, registrada e divulgada na página da ONG.

As respostas desenvolvidas nas duas primeiras questões deste bloco mostram os desafios no desenvolvimento de estratégias para chamar a atenção da comunidade. Apesar dos esforços em levar às pessoas o conhecimento e o registro do cotidiano da ONG, através de palestras e dos conteúdos publicados nas redes sociais, falta uma maior mobilização, de modo colaborativo, de empresas, dos estagiários, e dos próprios membros da ONG que, dado seu número, poderiam participar de forma mais ativa das iniciativas desenvolvidas e planejadas pela Voluntários da Fauna.

A última pergunta realizada aos entrevistados (quadro 8), oportunizou uma breve reflexão acerca da forma como os profissionais refletem sua colaboração tanto no processo de resgate e reabilitação de fauna, quanto no processo de educação ambiental.

Quadro 8 - Respostas para a questão 8 da entrevista

Médico Vet	Questão 8. Qual o seu papel, enquanto profissional, nesse processo? Como você se vê?
MV1	Ah, eu não sei, eu acho que primeiro, uma pessoa super a favor do voluntariado. Seja na área que tu fizeres, mas eu acho que tem que trazer. Eu acho que todo papel de voluntário que tu fazes, agora, falando só no voluntariado em si, todo mundo tem alguma coisa pra doar, todo mundo tem como se dar. E eu acho que isso é uma coisa assim, se todo mundo tirasse um pouquinho do seu tempo pra se dar pra alguma coisa, isso se tornaria aquela corrente do bem que a gente tanto quer, pra ver as coisas melhorarem. A minha área é os bichos, na realidade o meio ambiente acaba sendo um secundário aos bichos até, né, então meio ambiente acabou vindo, assim, mas a minha área é o indivíduo, eu me preocupo muito com o indivíduo, que até se tu for pensar na biologia, é uma coisa errada né, que tu tem que pensar nas espécies em geral, e eu não consigo, eu não cheguei a essa capacidade ainda. Eu ainda sou muito ligada naquele ser que tá na minha frente, pra ele não sofrer, pra ele não sentir dor, pra não passar frio, né? Quem sabe isso aí não torna um pouquinho melhor, sabe? Quem sabe, não sei. Eu acho que quando chegar no céu dos bichos lá, porque eu vou pro céu dos bichos, não vou pro céu de gente né, quem sabe se, não sei se eles não vão me receber com paulada porque eu os soltei lá na época errada? Né, mas eu acho que a gente faz o que pode pra colocar o melhor pra todos, não só pra gente de duas pernas, mas pros outros também. Mas acho que é assim mais ou menos que eu me vejo.
MV2	Sim pois é, eu fico mais na parte da internação e meio que sou responsável pelos animais silvestres. Então todos esses animais de vida livre meio que acabam passando por mim. Aí a gente vai, até discute os casos com os colegas, assim, que a gente pode fazer. Toda equipe na verdade se junta pra ajudar nessa parte dos animais. Mas, meio que é isso. Os bichos passam por mim, tenho o que fazer, vou atrás dos esquemas da soltura...E eu sou assim, trabalho meio que diretamente com esses animais de vida livre ali do Voluntários, e faço toda a parte de recebimento, da triagem dos animais, da medicação, do manejo, ir atrás da alimentação também. É no que eu estou um pouco.
MV3	Eu me vejo como ajudando na reabilitação desses animais. Me vejo como fazendo um pedacinho de parte da natureza, no momento em que estou soltando e contribuindo com a

	natureza, mas eu fico muito frustrada na falta de contato com o público (...) de não passar todas as coisas, daí com relação a educação ambiental. Que eu acho que daí seria completo, entende? Não adianta eu só apagar o fogo aqui mas deixar continuar o incêndio lá, entende, as pessoas tão botando o fogo lá e eu apago aquilo que cede, de acidente...não, eu tenho que resolver lá, então assim, na fonte. E a fonte a gente só chegaria através da educação ambiental.
MV4	Eu me vejo as vezes como uma gota no oceano, né? Parece pouco o que a gente faz, o que a gente alcança..., mas não tem oceano sem gota, né? A gente precisa fazer a nossa parte, né. Então eu acredito nisso, acredito que quanto mais gotas a gente tiver fazendo a mesma coisa, né, maior vai ser o oceano. Então as vezes eu me vejo assim. Então o resgate de um animal...né, a gente sabe que um animal que a gente tá resgatando né, que a gente tá dando uma nova vida, eu particularmente sou cirurgiã, então uma fratura que eu conserto, né, uma amputação que é necessária pra ser feita...é um animal, né? Mas esse animal vai ter uma nova chance, né, de ser recolocado, de sobreviver, de fazer a parte dele no meio ambiente. Então as vezes parece realmente um trabalho muito pequeno, mas a gente sabe que no todo, acabo fazendo uma grande diferença, porque é de um em um que a gente vai salvando o ecossistema.
MV5	Olha, eu acho que, eu como veterinária, é muito importante né? As vezes quando as pessoas ouvem da gente, muda, porque assim, eu estar falando com uma outra pessoa alguma coisa que “aí, eu li sobre; eu vi sobre”, sabe? “Ai, eu vi na internet”, é uma coisa. Pô, tu tens conhecimento disso, trabalhar com isso é outra completamente diferente. Então assim, eu falar disso, eu veterinária falando disso, trabalhando com isso vai fazer uma diferença, sabe, as pessoas vão ouvir, ou deveriam, mas vai atingir mais gente. Que nem assim, aí tu vai lá, que nem um colégio tá, tu vai fazer uma palestra “ai vou fazer uma palestra como uma pessoa comum”, as pessoas: “Tá, beleza, ela é veterinária e trabalha com isso”, vai ter outra coisa, atinge um pouco mais, né, do que eu espero. Essa é a minha ideia, minha visão. Mas eu acho que seria isso, né, se todo mundo mudar...veterinária, biologia, sabe assim, deveria ter esse papel assim tipo, quando puder sempre ter a oportunidade de ensinar, um pouquinho, sabe. Eu acho que seria isso.

As repostas para essa questão mostram como cada profissional atua frente a fauna silvestre e, seja de forma técnica, seja de forma mais holística, é possível perceber o envolvimento e a valorização no trabalho de reabilitação dos animais silvestres. Todos os profissionais se reconhecem enquanto agentes da promoção da saúde animal e, mesmo com falas distintas, é possível perceber uma preocupação no diálogo, seja com outros profissionais, seja com outras pessoas.

Um fator limitante para o desenvolvimento dessa questão é a forma com que a pergunta foi realizada pelo entrevistador. Acredita-se que, dada a abrangência da questão, é possível que a forma como cada um percebeu a questão e a respondeu tenha partido de uma formulação insuficientemente clara da pergunta. Contudo, ao analisar as respostas, a percepção de pontos em comum na fala dos cinco entrevistados demonstra a sintonia com que a visão profissional de cada um exprime em relação a preocupação com a fauna.

MV1 ressalta o valor do voluntariado enquanto agentes no trabalho de proteção ambiental e de fauna. MV2 traz um olhar mais técnico acerca do seu trabalho enquanto médico veterinário e responsável pelo cuidado com os animais durante a reabilitação dos mesmos. MV3 e MV4 destacam a preocupação em proporcionar, a partir do trabalho desenvolvido, uma reflexão sobre a importância do debate ambiental, bem como da conservação da fauna e do olhar mais atento na natureza dos problemas ambientais para a promoção da sensibilização ambiental. Por fim, MV5 pontua a importância da comunicação como um instrumento de mudança.

Todos os pontos citados convergem para uma possibilidade de ação. Ao unir a percepção que cada um tem de si e do seu papel na promoção da valorização ambiental, na profissão médica veterinária, e na educação ambiental, torna-se possível estimular o interesse dos entrevistados, bem como dos demais profissionais ligados à ONG, para o planejamento e desenvolvimento de ações ambientais.

4.3 PROPOSTA DE PROJETO PERMANENTE DE AÇÃO AMBIENTAL – PODCAST “A VOZ DA TOCA”

A partir das observações realizadas, das falas e experiências dos entrevistados e das reflexões levantadas ao longo da discussão dos pontos abordados através da entrevista, como proposta ambiental, sugere-se a idealização de *podcasts* como forma de proporcionar discussão, reflexão e informação acerca da problemática dos conflitos de fauna em relação à urbanidade.

Para tal, propõe-se o desenvolvimento de um canal de *podcast* intitulado “A voz da Toca”, em alusão ao nome da clínica veterinária da qual a ONG Voluntários da Fauna está, Toca dos Bichos. Nesse canal, serão desenvolvidos conteúdos mensais, de modo a converter a realidade da ONG em assuntos que serão debatidos ao longo do projeto.

- OBJETIVO

O objetivo geral é a de informar e sensibilizar a sociedade acerca das questões ambientais ligadas às experiências dos profissionais da ONG. Para isso, os *podcast* devem apresentar assuntos como: as espécies reabilitadas na ONG, suas características e importância ecológica; refletir acerca dos problemas ambientais que

atingem os animais reabilitados; propor o diálogo com profissionais da área ou com outros convidados, sobre questões ambientais, veterinárias e afins; e orientar sobre práticas veterinárias e dicas para melhorar a saúde e bem-estar dos animais.

- JUSTIFICATIVA

A proposta de desenvolvimento de uma mídia *podcast* para a ONG Voluntários da Fauna parte do trabalho desenvolvido pela ONG tanto no atendimento de animais domésticos e silvestres quanto na reabilitação de fauna silvestre. Muitos dos resgates e entregas voluntárias são decorrentes de circunstâncias através da qual a educação ambiental poderia auxiliar enquanto ferramenta para sensibilização. Como exemplo disso, citam-se animais provenientes de acidentes de fauna como atropelamentos e choques elétricos, até os advindos de situações envolvendo abandono ou maus-tratos por desconhecimento ou descaso com a espécie atingida.

Situações como essa são retratadas nas redes sociais da ONG, acompanhado de uma reflexão ou crítica acerca da natureza do conflito, como uma forma de levar o leitor da postagem a compreender a gravidade da situação e propor mudanças de atitudes para evitar uma nova ocorrência dos casos.

O desenvolvimento do *podcast* permite, através de reflexões, debates e diálogos entre os profissionais envolvidos com a ONG ou com convidados, trazer esses temas à tona e aprofundar a discussão desses temas, de modo a oferecer ao ouvinte um meio de, por meio deste, conhecer as opiniões, as vivências, as experiências e o trabalho da ONG, bem como dos profissionais ligados a ela.

Além disso, a crescente popularidade dos *podcasts* no Brasil, a difusão e a aceitação do público no consumo dessa mídia oferecem um terreno para o debate das questões de fauna, com possibilidade de longo alcance e rápido acesso.

- METODOLOGIA

Em primeiro lugar, este *podcast* prevê seu desenvolvimento no formato de um programa mensal, com duração de 15 a 20 minutos, a ser publicado na primeira quinta-feira de cada mês às 18 horas.

O tema de cada episódio bem como a abordagem utilizada são determinados por meio de reuniões de pauta, para fins de levantamento dos assuntos mais

relevantes e discussão acerca de situações vivenciadas ao longo do mês na ONG que possa ser aproveitado como um assunto relevante para desenvolvimento de uma gravação.

De modo geral, o *podcast* possui um *host*, que é a pessoa responsável por conduzir o programa, de modo a assumir o papel de apresentador; e podem ser chamados convidados, que colaborarão para o enriquecimento do assunto a ser debatido.

De posse dos responsáveis pelo episódio, será elaborado um roteiro, que auxiliará tanto o *host* quanto os convidados no desenvolvimento do episódio, assim como facilitará a organização das perguntas ou abordagens que serão trabalhadas na gravação, e ordenar os momentos do episódio, desde a introdução até o encerramento.

Cada episódio pode ser desenvolvido por meio de uma abordagem informativa, reflexiva, crítica ou educativa, em um modelo de bate-papo ou entrevista. De acordo com o assunto selecionado, pode ser pensado a melhor forma de abordagem daquele tema, para fins de melhor compreensão do ouvinte.

O *podcast* pode ser desenvolvido a partir do uso do aplicativo Anchor, cuja funcionalidade permite organizar a estrutura do áudio, inserir fundos musicais, transições, e distribuição dos *podcasts* em plataformas de *streaming* de áudio, como *Spotify*.

Uma vez que o episódio for concluído e publicado, estratégias de divulgação podem ser adotadas, com a utilização das redes sociais para convidar os usuários e seguidores das redes da ONG para ouvir o episódio, assim como postagens complementares podem ser desenvolvidas para enriquecer o tema proposto no episódio.

- SUGESTÕES DE TEMAS

- Urbanidade e fauna silvestre;
- Importância ecológica das espécies animais;
- Conflitos de fauna e responsabilidade humana;
- Formas corretas de atuação da população;
- Importância ecológica da fauna urbana;
- Doenças que podem ser evitadas para o humano e para o animal;
- Entre diversos outros.

- POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

A elaboração de um *podcast* pode ser positiva à ONG Voluntários da Fauna devido a visão crítica dos profissionais com os problemas ambientais, da “veia” educativa que os mesmos possuem e da potencialidade com que a mídia tem em alcance de público. É uma ferramenta que pode auxiliar de modo eficiente o trabalho desenvolvido nas redes sociais, a partir do aprofundamento das reflexões propostas e colocadas nas postagens, assim como pode, de modo integrado, levar aos usuários do *Instagram* e *Facebook* da ONG o conhecimento sobre as questões ambientais discutidas.

A divulgação do *podcast* pode ser realizada em conjunto com informações complementares postadas nas demais redes sociais da ONG. Desde a elaboração de materiais informativos ilustrativos e conceituais sobre um caso, o levantamento de dados para contextualização, até o compartilhamento de uma vivência, as estratégias utilizadas para chamar atenção da população podem ser úteis no auxílio à sensibilização, uma vez que o conjunto de potencialidades entre as mídias digitais levaria a uma construção mais completa e dinâmica.

Além disso, o desenvolvimento dessa ferramenta pode auxiliar tanto os profissionais em retratar as experiências, desafios e diálogos do trabalho desenvolvido pela ONG, quanto os estagiários, na elaboração de pautas que permita uma maior imersão dos estudantes na realidade da ONG. De igual modo, a possibilidade de chamar convidados para participar da construção proposta pelo *podcast* valorizaria mais o produto.

Como desafio, pontua-se as limitações de tempo para o desenvolvimento técnico do material, dadas as demandas profissionais dos envolvidos, o que levaria a necessidade de um sujeito específico para elaboração de roteiro, produção, edição e divulgação dos conteúdos. Nesse caso, o pesquisador deste trabalho ficará responsável pelo desenvolvimento dos primeiros episódios, desde o levantamento de pauta até a produção do *podcast* e de materiais complementares para o aprofundamento do tema nas redes sociais.

- EXEMPLO DE ROTEIRO

Quadro 9- Modelo de roteiro para um dos *podcasts*

Exemplo de roteiro de podcast	
<p>[INTRODUÇÃO] Podemos dizer que as aves fazem parte do nosso cotidiano. É muito fácil percebemos o canto desses animais do nosso quarto, ou vê-las pelas nossas janelas.</p> <p>Em determinados momentos, principalmente durante a primavera ou após episódios de chuvas, é possível nos depararmos com filhotes fora do ninho, ou no chão. E é quase que instintivo nosso intuito de cuidar. Mas será que estamos fazendo a coisa certa?</p> <p>Vamos descobrir agora, nesse episódio da Voz da Toca.</p> <p style="text-align: center;">---VINHETA DE ABERTURA---</p> <p>[HOST] Olá! Sejam bem-vindos ao <i>podcast</i> “A Voz da Toca”. Meu nome é X e hoje, convido a médica veterinária X para falar um pouco sobre esses animais que tanto nos chamam atenção e gostamos de ter por perto. Muito obrigado pela disponibilidade em participar desse episódio.</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[HOST] É possível calcular, assim de forma rápida, quantas aves vocês recebem aqui na ONG? Com que frequência chegam esses animais para reabilitação?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[HOST] O que vocês fazem depois que o filhote é recebido? Quais os passos desde a chegada até a reabilitação?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p>	<p>[HOST] Qual a expectativa de sobrevivência desses animais?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[HOST] Uma situação que é bem recorrente nesses casos é o discurso de que a ave, ou caiu do ninho, ou foi encontrada no chão do pátio. Por mais que a intenção seja boa, como tu vê esse comportamento que as pessoas têm de resgatar o animal e trazer até a ONG?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[HOST] O que deve ser feito, caso isso ocorra?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[HOST] Outra situação é a da pessoa encontrar o filhote e querer criar por conta. Isso é recomendado?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[HOST] Que cuidados devem ser tomados nessa situação?</p> <p>[CONVIDADO RESPONDE]</p> <p>[ENCERRAMENTO] Gostaria de, mais uma vez, agradecer a disponibilidade da médica veterinária X em conversar e dar essas dicas. Sem dúvida, são informações de grande valia e vão ajudar muito quem já passou por alguma situação semelhante ou caso aconteça de alguma ave cair do ninho. Eu vou ficando por aqui, espero que tenham curtido esse episódio, um grande abraço e até a próxima!</p>

Fonte: Autor, 2021.

- RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, a partir da implementação da ação, que a adoção do podcast enquanto recurso de educação ambiental permita um diálogo com a comunidade, a partir das informações, reflexões e compartilhamento de experiências por parte dos médicos veterinários envolvidos com a ONG, bem como dos convidados do projeto.

Dessa forma, é esperada que a adoção dessa mídia ofereça subsídios para o desenvolvimento de uma sensibilização ambiental em relação aos ouvintes, e que ofereça um debate que auxilie tanto na compreensão dos problemas ambientais quanto na mobilização de ações para solucioná-los.

5 CONCLUSÃO

A partir do presente trabalho, foi possível conhecer as ações realizadas e desenvolvidas pela ONG Voluntários da Fauna, bem como os protocolos de manejo de fauna silvestre desde o atendimento até a soltura desses animais. De igual forma, compreendeu-se, através das falas dos veterinários, o interesse e a preocupação da população com o trabalho desenvolvido pela ONG e as formas com que procuram se manter informados e atentos às necessidades do local, por meio das redes sociais, e através do contato por meio do *Whatsapp*, enquanto canal de comunicação.

Além disso, pôde-se conhecer, por meio dos dados coletados nas entrevistas e através das observações das redes sociais, os principais impactos relacionados com os conflitos de fauna nos centros urbanos, de forma a conhecer, tanto a natureza dos impactos quanto a participação do fator humano enquanto colaborador para a ocorrência de tais acidentes de fauna.

Ao conhecer a realidade da ONG, por meio das informações obtidas através das análises, decidiu-se desenvolver, enquanto ferramenta auxiliar de educação ambiental, um programa em formato de *podcast* através do qual os profissionais terão a oportunidade de aprofundar as problemáticas ambientais por meio de reflexões, críticas e diálogos. Dessa forma, propõe-se integrar as questões relacionadas aos conflitos de fauna divulgados por meio das redes sociais da ONG com o desenvolvimento do *podcast*, de modo a perpetuar o diálogo com a comunidade, orientá-la e educá-la.

- Considerações Finais

A urbanização e os processos envolvidos no desenvolvimento dos centros urbanos, assim como do crescimento populacional, levou muitas espécies de animais silvestres a se adaptarem às condições e estruturas das cidades. Se por um lado, a presença desses animais gera curiosidade e interesse pela população, por outro há o risco de que tanto a presença quanto as interações entre humano e as demais espécies se torne conflituosa. Desse modo, torna-se importante que sejam desenvolvidas medidas para não só solucionar os conflitos que surgirem, mas também promover a sensibilização da população acerca da fauna silvestre na cidade.

A participação do terceiro setor na reabilitação desses animais e na educação ambiental é importante na valorização da fauna, na luta pela proteção e conservação dessas espécies, e também na promoção de ações que impactam na vida da população em relação ao olhar sobre os animais. A disponibilidade das redes sociais, junto a isso, permite uma maior transparência e confiabilidade no trabalho desenvolvido pelas ONGs, assim como abre um canal para debate e reflexão acerca dos problemas ambientais associados com a fauna silvestre.

Em relação a ONG Voluntários da Fauna, foi possível perceber, através da observação do trabalho dos profissionais nas redes sociais e na fala dos mesmos na entrevista realizada, a preocupação com os animais reabilitados, desde o momento em que são resgatados até o momento em que são devolvidos à natureza. Chamou a atenção, inclusive, o olhar crítico que eles têm em relação ao humano enquanto sujeito promotor dos conflitos de fauna.

É interessante perceber, mesmo que sejam ações isoladas, a potencialidade com que as práticas observadas, bem como a divulgação realizada por meio das redes sociais, oferecem em promover a sensibilização ambiental e torna possível a promoção de uma educação ambiental informal. Para tal, a sistematização das atividades planejadas e desenvolvidas, e o planejamento das ações distribuídas entre os profissionais e a equipe da ONG, podem proporcionar um aprofundamento do debate ambiental, o aumento do alcance nas atividades em ambientes formais, uma maior exploração dos conflitos ambientais através das redes, a manutenção dos registros de fauna reabilitada, e o apoio da comunidade com as necessidades da ONG, por meio das doações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. A educação ambiental realizada pelos centros de triagem e de reabilitação animal. São Paulo/SP: **Fauna News**, 2021a. Disponível em: <http://faunanews.com.br/2021/04/14/a-educacao-ambiental-realizada-pelos-centros-de-triagem-e-de-reabilitacao-de-fauna/>. Acesso em: 16 de nov. 2021
- ALMEIDA, B. O atendimento a animais selvagens atropelados em áreas urbanas. São Paulo/SP: **Fauna News**, 2021b. Disponível em: <https://faunanews.com.br/2021/07/14/o-atendimento-a-animais-silvestres-atropelados-em-areas-urbanas/>. Acesso em: 16 de nov. 2021
- AMORIM, A. M.; CARNEIRO, F. F. **A participação do médico veterinário nas questões ambientais**. 2005. Disponível em: <https://27enevet.files.wordpress.com/2008/06/a-participacao-dos-medicos-veterinarios-nas-questoes-ambientais.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2021
- ANDRIOLO, A. Desafios para a conservação de fauna. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens - Medicina Veterinária**. 1ª ed. São Paulo : Roca Ltda. 2006.
- BARROS, L. C. **Morte de pássaros por colisão com vidraças**. **Revista Ciências do Ambiente On-line**, Vol.6, n.3, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. Disponível em: <http://sistemas.ib.unicamp.br/be310/nova/index.php/be310/article/view/265>. Acesso em: 03 de dez. 2021.
- BEHLING, G. M. A rede de tutela da fauna silvestre e a educação ambiental crítica e transformadora: uma interlocução para a desobjetificação dos animais. Universidade Federal do Rio Grande, **tese de doutorado**, Rio Grande, RS, 2018. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/8785>. Acesso em: 02 de jan. 2022.
- BIONDO, D.; PLETSCHE, J. A.; GUZZO, G. B. Impactos da ação antrópica em indivíduos da fauna silvestre de Caxias do Sul e região: uma abordagem ex situ. **Revista Brasileira de Biociências**, v.17, n.1, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/4183>. Acesso em: 12 de jun. 2021.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei Federal nº 9605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº 9795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF, 1999.
- BUSS, G. Conservação do bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*) (Primates, Atelidae) no entorno do Parque Estadual de Itapuã, Viamão, RS. **Tese de doutorado**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69918>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CAMPOS, C. B. Impacto de cães (*Canis familiaris*) e gatos (*Felis catus*) errantes sobre a fauna silvestre em ambiente peri-urbano. Universidade de São Paulo, **dissertação de mestrado**, Piracicaba, SP, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-20062005-162534/pt-br.php>. Acesso em: 23 de dez. 2021.

CAPILÉ, K. V.; LIMA, M. C.; FISCHER, M. L. Bioética ambiental: Refletindo o uso de fogos de artifício e suas consequências para a fauna. **Revista Bioetikos**, ed.8, v.4, Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/155567/A04.pdf>. Acesso em: 29 de dez. 2021.

CASTRO, E. P.; BAGER, A. Sistema Urubu: A ciência cidadã em prol da conservação da biodiversidade. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v.6, n.2, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC, 2019. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rbts/article/view/15264>. Acesso em: 21 de nov. 2021.

CASTRO, M. L.; CANHEDO JR., S. G. Educação ambiental como instrumento de participação. In: PHILIPPI JR., A.; PELICIONI, M. C. F. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. São Paulo: Manole, 2014.

CBEE. CENTRO BRASILEIRO DE ECOLOGIA DE ESTRADAS. **Sistema Urubu**. Aplicativo. Disponível em: <https://sistemaurubu.com.br>. Acesso em: 21 de nov. 2021

CONAMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução n.001, de 23 de janeiro de 1986**. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para o Relatório de Impacto Ambiental – RIMA. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF : CONAMA, 17 fev. 1986.

COSTA, I. D. A. **Clínica e Comportamento de Animais Selvagens**. Relatório de Estágio, Universidade de Évora, Évora, 2015. Disponível em: <http://www.rdpcc.uevora.pt/bitstream/10174/17680/1/Tese%20de%20Mestrado%20In%20C3%AAs%20Duarte.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

CUNHA, A. S.; LEITE, E. B. Percepção ambiental: implicações para a educação ambiental. **Sinapse Ambiental**, 6, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Betim, MG, 2009. Disponível em: http://www4.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20090930145741.pdf. Acesso em: 03 de nov. 2021.

DE PINHO, J. R.; GRILO, C.; BOONE, R. B.; GALVIN, K. A.; SNODGRASS, J. G. **Influence of aesthetic appreciation of wildlife species on attitudes towards their conservation in Kenyan agropastoralist communities**. PLoS ONE, e88842, v.9, Université de Scherbrooke, Canada, 2014. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0088842>. Acesso em: 27 de dez. 2021.

- DREWS, C. Attitudes, knowledge and wild animals as pets in Costa Rica. **Antrozoös**, ed.15, v.2, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233484464> Attitudes knowledge and wild animals as pets in Costa Rica. Acesso em: 28 de dez. 2021.
- FERNANDES-FERREIRA, H.; CRUZ, R. L.; BORGES-NOJOSA, D. M.; ALVES, R. R. N. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Sitientibus – série Ciências Biológicas**, e.11, v.2, Universidade Estadual de Feira de Santana, BA, 2011. Disponível em: <http://ojs3.uefs.br/index.php/sitientibusBiologia/article/view/70/38>. Acesso em: 27 de dez. 2021.
- G1 RS. **Programa Macacos Urbanos protege animais em Porto Alegre**. G1 RS, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/nossa-terra/noticia/2013/02/programa-macacos-urbanos-protege-animais-em-porto-alegre.html>. Acesso em: 04 de nov. 2021.
- GAMBERONI, L. B. R.; VEIGA, A. R. N. **Ações das ONGs ambientalistas da perspectiva dos consumidores usuários das redes sociais digitais**. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, 2013. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0665-1.pdf>. Acesso em: 22 de dez. 2021.
- GARCÍA, D.; PRIOTTO, G. **Educación Ambiental. Aportes políticos y pedagógicos en la construcción del campo de la Educación Ambiental**. Buenos Aires: Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sustentable de la Nación, 2009.
- GIL, R. L.; CARLAN, F. de A.; BEHLING, G. M. Delineando a pesquisa em educação ambiental: será quali, quanti ou qualiquantitativa? In: KUSS, A.V.; CARLAN F.A.; BEHLING, G.M.; GIL, R.L. **Possibilidades Metodológicas para a Pesquisa em Educação Ambiental**. Ed. Santa Cruz, Pelotas, RS, 2015.
- GUERRA, E. L. de A. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Grupo Ânima Educação, Belo Horizonte, MG, 2014.
- GUNTHER, W. M. R. Poluição do Solo. In: PHILIPPI JR., A. **Educação ambiental e sustentabilidade**. 2ª. Ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2014.
- HADIDIAN, J.; SMITH, S. Urban Wildlife. In: SALEM, D. J.; ROWAN, A. N. **The state of the animals**. Humane Society Press, v.1, Washington, DC, p. 165-182, 2001. Disponível em: <https://www.wellbeingintlstudiesrepository.org/wbn/vol1/iss3/3/>. Acesso em: 23 de jul. 2021.
- HOLZ, I. H. Urbanização e impactos sobre áreas de preservação permanente: O caso do Rio Jucu – ES. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/4408>. Acesso em: 13 de jul. 2021.
- HUDENKO, H. W. Exploring the influence of emotion on human decision making in human-wildlife conflict. **Human Dimensions of Wildlife**, v.17 e.1, New York, NY, p.16-28, 2012. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10871209.2012.623262>. Acesso em: 25 de nov. 2021

IAB BRASIL. Interactive Advertising Bureau. **Podcast Advertising**. Guia, 2019. Disponível em: https://iabbrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Guia-IAB-Podcast_v2.pdf. Acesso em: 14 de jan. 2022.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Instrução normativa nº 141, de 30 de abril de 2006. **Regulamenta o controle e o manejo ambiental da fauna sinantrópica nociva**. Brasília: IBAMA, 2006.

Disponível em:

<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=112966>. Acesso em: 03 de dez. 2021.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Instrução normativa nº 7, de 30 de abril de 2015**. Institui e normatiza as categorias de uso e manejo da fauna silvestre em cativeiro, e define, no âmbito do Ibama, os procedimentos autorizativos para as categorias estabelecidas. Brasília: IBAMA, 2015. Disponível em:

https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Instrucao_normativa/2015/in_ibama_07_2015_institui_categorias_uso_manejo_fauna_silvestre_cativeiro.pdf. Acesso em: 08 de jun. 2021.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Guia de orientação para o manejo de espécies exóticas invasoras em unidades de conservação federais**. Ministério do Meio Ambiente, ICMBio, 2018. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cbc/destaques/56-guia-de-orientacao-para-o-manejo-de-especies-exoticas-invasoras-em-unidades-de-conservacao-federais.html>. Acesso em: 30 de nov. 2021.

JUNIOR, J. C. U. Planejamento da paisagem e planejamento urbano: reflexões sobre a urbanização brasileira. **Revista Matogrossense de Geografia**, Cuiabá-MT, v. 17, n.1, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geografia/article/view/764>. Acesso em: 09 de jun. 2021.

JUNIOR, J. M. A. Tráfico de aves em território brasileiro: uma revisão. Universidade Federal de São Paulo. **Trabalho de conclusão de curso**, UNIFESP, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/60187>>. Acesso em: 27 de nov. 2021.

LOPES, V. L.; MAIA, C. O. Nem sempre um filhote de pássaro fora do ninho necessita de ajuda. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.14 nº.3, São Paulo, SP, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2714>. Acesso em: 12 de dez. 2021.

LUIZ, L.; ASSIS, P. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para distribuição de mídias digitais. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, Caxias do Sul, 2010. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>. Acesso em: 02 de jan. 2022.

MARTINEZ, E. N. Ecologia comportamental dos cães domésticos em áreas rurais e urbanas do município de Viçosa, MG. Universidade Federal de Viçosa, **Dissertação de Mestrado**, Viçosa, MG, 2012. Disponível em:

<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/2264/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 23 de dez. 2021.

MARTÍNEZ, J. de G.; Loose, E. B. Representações sociais da natureza e jornalismo especializado: contribuições para repensar a educação ambiental. **Polis Revista Latinoamericana**, v.14 n.42, Santiago, Chile, 2015. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/polis/11379?lang=pt>. Acesso em: 04 de jan. 2022.

MARVULO, M. F. V.; CARVALHO, V. M. Zoonoses. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens** - Medicina Veterinária. ed. 2, São Paulo, SP : Roca Ltda., 2014.

MERCADO, M. Redimensionando a esfera pública: o papel e as práticas das ONGs ambientalistas e suas interações com os demais atores sociais. PUC-SP, **Tese de Doutorado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3804>. Acesso em: 29 de nov. 2021.

NICODEMO, R. P.; BARROS, S. L. D. A importância das redes digitais e da educação ambiental na proteção do direito fundamental ao meio ambiente. **Anais do 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade**, p.626-642, Santa Maria, 2013. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2013/5-2.pdf>. Acesso em 03 de dez. 2021.

OLIVEIRA, P. B.; LATINI, R. O. **Educação Ambiental: Uma abordagem para minimizar os atropelamentos da fauna silvestre**. Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Acervo da Iniciação Científica. Belo Horizonte, MG. 2012.

Disponível em: <http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2016/08/R17.pdf>. Acesso em: 16 de dez. 2021.

ONG Voluntários da Fauna. **Página do Instagram**. Disponível em: <https://www.facebook.com/VoluntariosdaFauna>. Acesso em: 08 de jun. 2021a.

ONG Voluntários da Fauna. **Página do Facebook**. Disponível em: <https://www.instagram.com/voluntariosdafauna/>. Acesso em:08 de jun. 2021b.

PETRUCCI, M. P.; et. al. Electrocution accident in free-ranging bugio (*Alouatta fusca*) with subsequent amputation of the forelimb: case report. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, 104: 87-90, A.B.F, 2009. Disponível em:

http://www.fmv.ulisboa.pt/spcv/PDF/pdf12_2009/87-90.pdf. Acesso em: 25 de nov. 2021.

RENTAS. **1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre**. 1 ed. Brasília: Rentas, 2001, 108p. Disponível em: <https://www.rentas.org.br/wp-content/uploads/2014/02/REL_RENTAS_pt_final.pdf>. Acesso em: 26 de nov. 2021.

SALIÉS E.; LARA, P. H.; PEZETTO, F.; VERISSIMO, L. F.; ABREU, J. A.; SOARES, L. A.; TOGNIN, F. **Cartilha de Fotopoliuição**. Projeto Tamar, Bahia: Fundação Pró Tamar, 2015. Disponível em: http://tamar.org.br/arquivos/cartilha%20fotopoluicao_V2014.pdf. Acesso em: 15 de dez. 2021.

SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente. Fauna Urbana – Volume 2. **Cadernos de Educação Ambiental 17**. São Paulo: SMA/CEA, 2014. Disponível em: <https://smastr16.blob.core.windows.net/cea/2014/11/17-fauna-urbana-vol-21.pdf>. Acesso em: 17 de jun. 2021.

SANTOS, S. X. **Organização do Terceiro Setor**. Natal: EdUnp, 2012. Disponível em: <https://conteudo.unp.br/ebooks_ead/Oganizacao_no_Terceiro_Setor.pdf>. Acesso em: 01 de dez. 2021.

SCHNEIDER, M. **Prédios envidraçados como fator de mortalidade de aves**. Meio Ambiente e Direito Ambiental, Organização territorial, desenvolvimento urbano e regional, estudo técnico, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341407959_PREDIOS_ENVIDRACADOS_COMO_FATOR_DE_MORTALIDADE_DE_AVES. Acesso em: 03 de dez. 2021.

SHEID, L.L.; MAFALDA, M.P. **O Papel das Organizações Não Governamentais – ONGS para a divulgação da imagem turística do Brasil**. I Encontro Semintur Jr – Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/o_papel_das_org.pdf. Acessado em: 29 de nov. 2021.

SILVA, T. F.; SILVA, M. T. F. Educomunicação e Meio Ambiente: proposta de utilização do podcast na escola. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XIX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste. Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1510-1.pdf>. Acesso em: 02 de jan. 2022.

SILVA, V. F. As mídias sociais e sua contribuição na comunicação de ONGs. **Revista Especialize On-line IPOG**, n.16 v.1, Instituto de Pós-graduação e Graduação, Goiânia, GO, 2018. Disponível em: <https://ipog.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/vania-ferreira-silva-141771511.pdf>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

SINTONIA COM A SOCIEDADE. **O sucesso dos podcasts**. Infográfico, Grupo Globo, 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/o-sucesso-dos-podcasts/>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

SPAREMBERGER, R. F. L.; PAZZINI, B. O ambiente na sociedade do risco: possibilidades e limites do surgimento de uma nova cultura ecológica. **Veredas do Direito**, v.8, n.16, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/5188/O%20ambiente%20na%20sociedade%20do%20risco.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 de jun. 2021.

SPONSEL, L. Human impact on biodiversity: overview. In: **Encyclopedia of Biodiversity**, Academic Press, v.3, ed. Levin, S. A., Waltham, MA, p. 137–152, 2001. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/323825754_Human_Impact_on_Biodiversity_Overview. Acesso em: 25 de jun. 2021.

TEIXEIRA, T. **Morador de Guaíba captura jacaré papo amarelo**. Correio do Povo, Porto Alegre, RS, 2020. Disponível em:

https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%Adcias/geral/morador-de-gua%C3%Adba-captura-jacar%C3%A9-papo-amarelo-1.546541?fbclid=IwAR1-bXHUXpUymCA0ZSRr2zrPNI4eb41b47CWrAVfccM2_uqgslOfbcd65qo. Acesso em: 05 de dez. 2021.

THOMPSON, P. **Wildlife Rehabilitation Manual**. Washington Department of Fish and Wildlife. 3ª ed, Washington, 2019. Disponível em:

<https://wdfw.wa.gov/sites/default/files/publications/01651/wdfw01651.pdf>. Acesso em: 18 de dez. 2021.

TONETTI V. R.; MUYLAERT R. L.; RIBEIRO M. C. Fragmentação de Habitat. In: ASSIS L. S.; CAMPOS M.; GIRÃO V. J. **Manejo de Fragmentos Florestais Degradados**. The Nature Conservancy, Campinas, SP, pp. 28–47, 2019. Disponível em:

<https://www.tnc.org.br/content/dam/tnc/nature/en/documents/brasil/manejodefragmentosflorestaisdegradados.pdf>. Acesso em: 27 de jun. 2021.

VALE, C. A.; PREZOTO, F. Fauna Urbana: Quem Vive Aqui? **CES Revista**, v. 33, n. 2, p.1-28. Juiz de Fora, MG, 2019.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 2007. Disponível em:

<http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 26 de dez. 2021.

VERDÉRIO, L. A. P. O desenvolvimento da educação ambiental na educação infantil: importância e possibilidades. **Revbea**, v.16, n1, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10617>. Acesso em: 05 de jan. 2021.

VILELA, D; LOPES, A. Destinação de animais silvestres: a reintrodução como melhor alternativa. In **Anais do I Encontro Interinstitucional do Poder Judiciário e do Ministério Público em proteção ao meio ambiente**: implementando os ditames constitucionais, 12 de abril de 2018 - Organização Marta Alves Larcher. Belo Horizonte: Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/41275886/Destinação_de_animais_silvestres_a_reintrodução_como_melhor_alternativa. Acesso em: 26 de jul. 2021.

VILELA, D.; TEIXEIRA, C.; HORTA, C.; LOURA, G. R.; SILVA, M. M. **Gestão de conflitos com animais silvestres em centros urbanos**. Informe técnico, Grupo Especial de Defesa da Fauna – GEDEF, Belo Horizonte. 2016. Disponível em:

[https://www.academia.edu/44114804/Gestão de conflitos com INFORME TÉCNICO O ANIMAIS SILVESTRES em centros URBANOS](https://www.academia.edu/44114804/Gest%C3%A3o_de_conflitos_com_INFORME_T%C3%A9cnico_O_ANIMAIS_SILVESTRES_em_centros_URBANOS). Acesso em: 12 de jul. 2021.

VIEIRA, C. **Conheça cinco medidas tomadas para reduzir morte de bugios por eletrocussão na região**. O município, Brusque, SC: Dia a Dia Editora Ltda., de 05 de ago. 2019. Disponível em: <https://omunicipio.com.br/conheca-cinco-medidas-tomadas-para-reduzir-morte-de-bugios-por-eletrocussao-na-regiao/>. Acesso em: 04 de nov. 2021.

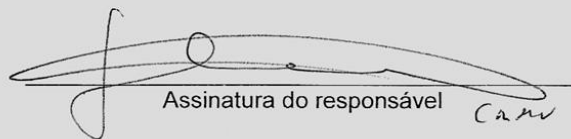
VILANI, R. G. D. C. Estrutura hospitalar quarentenário e centros de triagem. in: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens - Medicina Veterinária**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE IMAGEM E INFORMAÇÕES DA ONG

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Gleide Marciano, representante da ONG Voluntários da Fauna, estou ciente de que o aluno João Pedro Zanetti Lopes analisou as redes sociais, bem como desenvolveu entrevistas com médicos veterinários ligados à ONG, como parte da monografia intitulada "Urbanização e conflitos de fauna silvestre: Ações e percepções da ONG Voluntários da Fauna", sob orientação da profª Dra. Ísis Samara Ruschel Pasquali. Autorizo a utilização das informações obtidas a partir dessas análises como dados de pesquisa, assim como autorizo a utilização de imagens e conteúdos das redes sociais como dados de pesquisa para ilustrar e enriquecer as informações coletadas.


Assinatura do responsável *canv 3022*


João Pedro Zanetti Lopes

Santa Maria, 14 de janeiro de 2022.

APÊNDICE B – QUESTÕES DAS ENTREVISTAS

Questões desenvolvidas aos entrevistados	
Bloco 1: Percepção, envolvimento e postura da comunidade	
Questão 1-	Como você percebe o interesse da comunidade acerca do trabalho realizado pela ONG Voluntários da Fauna?
Questão 2-	Sobre a entrega voluntária, como você vê o conhecimento e a emoção das pessoas sobre o animal entregue? Ocorre busca de informações sobre os animais internados, durante a entrega e após, enquanto está em tratamento?
Questão 3-	Quais as principais dúvidas que você percebe da população quanto aos animais recebidos?
Bloco 2: Impactos e conflitos com a fauna silvestre	
Questão 4-	Quais os principais impactos ambientais (conflitos de fauna) que você associa na sua prática?
Questão 5-	Por que, no seu ponto de vista, tais conflitos ocorrem? Qual é a participação do fator humano na geração de tais conflitos?
Bloco 3: Eficácia na comunicação, ações e percepção ambiental	
Questão 6-	Como você observa a eficácia da ONG em levar a comunidade a preocupação ambiental quanto aos conflitos de fauna e aos animais atendidos?
Questão 7-	O que poderia ser feito para melhorar a comunicação com o público?
Questão 8-	Qual o seu papel, enquanto profissional, nesse processo? Como você se vê?

Fonte: Autor, 2021.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista com MV1

Data: 27 de jul. 2021.

Tempo de entrevista: 25 min 09 seg.

Entrevistador: Primeiro, como é que tu percebe o interesse da comunidade acerca do trabalho realizado pela Voluntários?

MV1: Eu acho que quem conhece...ta gravando?

Entrevistador: Sim, sim

MV1: Eu acho que quem conhece o trabalho, quem acaba conhecendo, acaba se tocando muito com isso, sabe assim? Acham um trabalho legal, a grande maioria, ta? E a outra maioria trata a gente como se a gente tivesse a obrigação de fazer isso, e não como se fosse uma coisa que a gente se propõe pra fazer. Não, tipo assim: “larguei pra ti, se vira!”, sabe? Então é bem estranho, assim, pessoal muitas vezes fica muito surpreso quando descobrem que a gente não recebe pra isso, e eles não acreditam nisso. Então...as vezes eles são até ríspidos quando a gente fala assim “Não mas...” a gente pede alguma ajuda, alguma contribuição espontânea, pode ser um real, dez centavos, o que for né...eles ficam bravos porque a gente ouve eles dizerem “você ganham um dinheirão em cima disso”. Ta? Então assim, a grande maioria aceita muito bem o trabalho, acham muito legal, e tem a outra parte que trata assim “estou fazendo a minha parte, não sei o que...te vira agora”, sabe? Então não tem muito assim, um entendimento de realmente o que acontece.

Entrevistador: Entendi. Em relação a entrega voluntária, como é que tu percebe o conhecimento e a emoção das pessoas na hora que eles disponibilizam, na hora que eles entregam?

MV1: Ah, eles ahn...eles demonstram, a grande maioria se emociona muito, porque eles, sabe...se sentem muito bem, é engraçado assim...as pessoas sim, eu queria ter essa valorização, essa autovalorização que as pessoas tem sabe, mas eles ficam bem emocionados na entrega, eles reconhecem que fizeram um trabalho maravilhoso, né? e muitas vezes eles querem poder ligar e poder visitar o animal, e eles realmente se envolvem com aquele animal, independente da espécie eles se envolvem muito com o animal. E isso acaba se tornando pra nós um problema porque a gente não tem como permitir a visitação, né, não só por agora que a gente tá controlando a circulação das pessoas né, mas porque o animal, ele tem que ficar isolado pra ter uma chance de voltar a natureza, então não da pra tu levar o macaquinho lá e depois ficar ligando e perguntando...acaba atrapalhando nosso trabalho muitas vezes, porque tem épocas do ano que entram 70 80 animais por dia, tu imagina se vai atender todos esses telefones e responder todos esses whats? Tu acaba não podendo nem cuidar do animal. Mas assim, as pessoas se emocionam muito, querem saber como é que tá, né, então eles se empolgam muito com isso, eles acham que...eles se autoreconhecem muito também “eu que fiz, né, então eu to preocupada com ele, eu sou uma pessoa muito legal, assim”. Eu to sendo meia dura porquê eu não to num bom dia (risos).

Entrevistador: **Não tem problema**

MV1: *Mas essa é a realidade, tá, tu vai, pode escrever com outras palavras mas a realidade é essa, assim.*

Entrevistador: **Isso até iria junto com a terceira pergunta que era bem essa questão, né, se ocorre busca de informação nos animais internados. Mas como tem toda essa dificuldade, vocês utilizam alguma estratégia pra compensar esse...essa carência?**

MV1: *A gente tenta postar, sabe? mas a gente não consegue, nosso trabalho é tão puxado, vamos dizer assim, que a gente não consegue fazer um marketing como a gente gostaria. Não digo um marketing pessoal, um marketing de retorno pras pessoas, sabe? Então agora, por exemplo, estamos contratando uma pessoa pra fazer o marketing, né? Porque realmente a gente não consegue, eu consigo esporadicamente postar alguma coisa quando são aqueles animais com um apelo popular maior, né, que normalmente são os mamíferos ou as aves coloridas, é incrível, assim...Então a gente tenta fazer essas postagens, mas pra isso eu realmente, eu preciso de uma pessoa só pra isso, sabe...não tem como fazer tudo como a gente gostaria. A gente tem pensado bastante em fazer um jornalzinho informativo pras pessoas que se cadastrarem na ONG, sabe? Olha, então eu sou...que nem tem o médico sem fronteiras. Eu sou um doador, então eu recebo informativos mensais". Então a gente tá pensando muito em fazer isso, pra que a pessoa realmente tenha um retorno, porque a gente entende esse apego, pô, tu foi lá, pegou a pombinha que caiu, pegou o tucano, pegou o graxaim, pegou..tu quer saber como e que ele tá, sabe?. Tu quer dar um final pra tua história, e nem sempre a gente consegue, não consegue responder eles por whats, não consegue responder por telefone e não consegue, vamos dizer, postar tudo que a gente recebe porque é muito bicho, mas a ideia é realmente fazer alguma coisa que a pessoa, enfim...né, tem gente que vem de muito longe, tem gente que traz de outra cidade pra gente, né...e muitas vezes tu olha, assim, uma coisa que nos deixa muito triste até, é tu ver que as pessoas trazem as vezes de Torres, de Tramandaí, sabe, ou da serra, e tu olha ele e tu sabe que ele vai vir a óbito. E tu pensa assim "bah, essa pessoa fez todo esse...teve todo esse trabalho, essa preocupação", então essas são as pessoas q a gente normalmente dá a resposta, sabe? Aquela que fez um plus a mais, assim. Não, o senhor...vim trazer aqui, saí longe de noite, isso aí sim, mas a gente não consegue realmente fazer pra todos.*

Entrevistador: **No atendimento de animais selvagens, quais são as principais dúvidas que vocês tem dos tutores, ou dos entregadores? Ou da população?**

MV1: *No atendimento?*

Entrevistador: **É...tipo, questão de manejo, alimentação, alguma curiosidade...quais são as principais dúvidas que vocês...quais são as dúvidas que vocês notam, tipo, dos proprietários com relação a manejo, alimentação, a questão da fauna? Isso surge durante um atendimento, durante um recebimento?**

MV1: *Durante o recebimento sim, tá? Vou nem dizer de proprietário, mas a população que nos entrega, e falando especificamente da ONG sim tá, eles tem muita curiosidade, principalmente sobre alimentação, sabe? Ah..."que será que ele vai comer, o que que ele vai comer doutora?" e "será que ele deixou um filhinho lá esperando ou o paizinho esperando", isso eles tem muita pena também, "ai, ele caiu do ninho, a mãezinha tava lá chorando, esperando, dá pra gente recolocar no local?" É muito difícil, porque, provavelmente os animais não aceitam, né, e se aceitar são*

locais de muito difícil acesso. Mas nossa preocupação é esse vínculo familiar, até diria que em relação ao pessoal que entrega, é o vínculo familiar do animal que nos chama mais a atenção, assim. Alimentação, que que nós vamos dar pra ele naquele momento, né, se ele vai ficar bom, claro, né, e a relação familiar dele, como é que vai ficar. Se ele pode voltar pro mesmo lugar porque lá eles tem os pais, os irmãos, os avós, enfim, que vão estar esperando por eles. A gente sabe que muitas vezes não é assim, né, mas é essa coisa bem...de humanizar o animal. Então eles tem essa preocupação de voltar pro mesmo lugar.

Entrevistador: Legal. Entrando na parte dos impactos ambientais, agora mais especificamente no tema dos impactos.. Quais são os principais impactos, ou conflitos de fauna que tu associa na tua prática?

MV1: Assim, é bem variado Pedro, é uma coisa bem estranha assim, depende da região que eles vem, tá? Então por exemplo assim, os animais que vem ali do Lami, tá, então eles tem um conflito muito bom com as pessoas, mas assim, não por agressão, tá, mas por ir nas casas, se alimentar...aí tem o cachorro, alguma coisa, e muitos choques elétrico, então eu linco muito ao crescimento populacional, crescimento de construções, tipo assim, que estão cada vez diminuindo mais o ambiente, ta? Agora tem outros locais, por exemplo, os que vem de Viamão, tá, ali, mais...pras quadras de Viamão, ali normalmente são pegos por cães, tá? E muitas vezes atizados pelo tutor. Então ali é um conflito mais humano mesmo, assim, sabe, mais por querer, mais de propósito, mais essa coisa de agressão. Aí tu vai ali pela região de Mato do Ribeiro, ali tem muito atropelamento, Mato do Ribeiro, cachoeira, é bem mais atropelamento. Então eles cuidam o cara que tá dirigindo, então...pensando em várias espécies, naquela estrada tu pega muito atropelamento. Então é muito variado, sabe? A gente já conseguiu definir isso, assim, num certo...local que tem perto de cachorro, local que tem choque elétrico, e um monte de bugio né, e a parte de atropelamentos. Outra coisa que a gente vê, assim, de impacto ambiental, é em relação as aves, tá, junto com essas construções de vidro, sabe esses prédios vidraçados, aquilo ali é uma merda, sabe, eu falo nas palestras que (teste) trabalhar no meio ambiente junto, sabe...então pra mim aquilo ali é um absurdo. Outra coisa, mas que aí é um mal necessário, é a energia eólica, né, tem muito problema com as aves também, tem acidente com as aves, bastante, tá, mas é um mal necessário, ai não dá pra fazer outra coisa...falta de alimento, claro, pelo crescimento populacional, lógico que a oferta de alimento dos predadores também diminui então acabam vindo pras casas, né, pros lugares ali em viamão, ali na Agronomia, eu vi graxaim andando e num veterinário, atravessando a rua muitas vezes na lomba do Pinheiro, esses dias mandaram uma foto dentro do condomínio "Olha doutora, to alimentando ele".

Entrevistador: Bah, e a alimentação é sempre um problema.

MV1: É, e esse é um problema também né, aliás esse é um problema de conflito né as pessoas alimentarem principalmente os primatas, as pessoas acham que tão fazendo bem, e tão alimentando mico prego, tão alimentando bugio, tão não sei o que...tem dois problemas né, um que tu cria dependencia daquele animal, e ele perde o medo do ser humano, e perde a capacidade de buscar o seu próprio alimento, né. E segundo, é que daqui a pouco ele acaba entrando na tua casa e tu odeia ele porque um macaco prego em casa parece uma praga, né, vai ser aquela confusão, e aí ele deixa de ser um macaco bonitinho pra ser um macaco que te causa problema, sabe. Então tu aquerenciou o bicho, criou o vínculo e depois quer que ele vá embora, sabe? Então...o ser vivo não é uma coisa e as pessoas não entendem isso, ele não vai ali

porque tu quer, ele tá ali porque tá com fome, sabe, então tu tá facilitando a vida dele, e ele vai cada vez mais perto de ti, só que ele não quer ficar no teu colo, esse tipo de coisa. Então isso é um conflito que eu acho bastante grave, esse tipo de alimentação. Eu sei que é por amor, eu sei que é por preocupação, mas tá errado.

Entrevistador: Por que, no teu ponto de vista, ocorrem esses conflitos?

MV1: Ah, eu acho que não existe um preparo da população pra esse convívio, sabe, acho que a gente, né, nós, seres humanos, achamos que somos o máximo, que nós somos os superiores e que nós reinamos pra qualquer criatura, né. Então não existe uma preocupação, sabe, na tua construção, no teu desmatamento, não existe uma preocupação com o entorno. Existe uma preocupação só contigo, né. Então, eu acho que dá pra fazer as duas coisas, mas tu tem que ter respeito por aquele lugar e por aqueles habitantes daquele lugar, não só pelos seres humanos mas também que te rodeiam, então..eu acho que o que falta é uma falta de empatia, né, um orgulho em demasia do ser humano, e uma falta de conhecimento. Muitas vezes não é por querer, sabe, muitas vezes não é por maldade, assim, muitas vezes é por falta de conhecimento mesmo sabe? Uma vez eu tava com uma amiga minha na estrada, indo pra Livramento, e ela é fumante, uma pessoa com nível superior, e ela jogou a bagueta do cigarro fora, na estrada, no verão. E eu disse assim pra ela “Não faz”, sabe, porque olha essas queimadas que tem aí, isso aí é por... “bem capaz que é por causa disso?!” e eu disse “é”.. “não, tu tá me gozando”...e eu disse “não, é verdade, tu tá jogando fogo num capim seco”...“ai, que eu vou lá voltar pra buscar”. Quer dizer...e ela tinha ali um curso superior, uma pessoa inteligentíssima, mas totalmente alheia ao meio ambiente. Então, não é por mal, sabe, era por ignorância mesmo, assim sabe. Eu tenho a minha área, que nem o arquiteto que faz os prédios de vidro...”ah eu faço prédios de vidro, acho lindo e maravilhoso...ai vai refletir o céu, que lindo” “não meu filho, vai matar os passarinhos e tudo”, sabe...então é muitas vezes por falta realmente de conhecimento da matéria, né, de ficar cada um no seu quadrado.

Entrevistador: Isso, essas falas que tu me trouxe vai bem ao encontro da última pergunta que eu tinha colocado aqui que é “qual a participação do fator humano na geração dos conflitos”, né. Então tu me trouxe toda questão do desconhecimento, do despreparo, da ignorância que, infelizmente a gente sabe que é bem atual né, é bem atual.

Entrevistador: Dentro da parte da gestão e da educação ambiental agora, entrando agora mais na questão do trabalho da ONG, como é que tu observa a eficácia da Voluntários em levar à comunidade a preocupação ambiental quanto aos conflitos de fauna dos animais atendidos?

MV1: Tá, eu acho que ainda é bastante falha, tá. Eu acho que a gente peca muito por isso por não ter perna pra crescer, tá. Na época que nós estávamos fora da pandemia, a gente recebia escolas lá na clínica e nós íamos à escolas também. Desde a pré-escola, tá, a gente procurava fazer esse trabalho indo nas escolas, tá. A gente oferece por lá, as pessoas nos descobrem, enfim. Mas ainda é pouco. A gente já tentou ir em algumas empresas, até funcionários de empresas que trouxeram animais: “ah, ficou presa coruja lá dentro não sei o que, ficou”, “ah, o gambá tá assim, não sei”. A gente até oferece, os funcionários se interessam muito, sabe, “bah que legal, vão dizer o que fazer, os primeiros atendimentos” e sabe, como proceder nessas situações, mas aí a empresa não aceita. Então ainda não tem reconhecimento, as vezes tu tem do funcionário que se importou em trazer, mas tu não tem da empresa em si. Então eu acho que nisso nós ainda falhamos muito, tá, falhamos muito mesmo, assim, porque

a gente não tem uma série de classe, então a gente não tem onde sentar e preparar, fazer alguma coisa, ter aula, ensinar os alunos a levarem isso adiante, mesmo os estagiários, universitários e coisa assim, que também não tem grande interesse nisso, por incrível que pareça, eles querem estar cuidando do bicho ali, principalmente na nossa área ali, na veterinária né, eles acham que o negócio ali é ser clínico, ser cirurgião e o resto não importa. Não, o bom cara que trabalhar com meio ambiente, com fauna silvestre, seja em zoológico seja em vida livre, o bom é aquele que não pega bicho doente né, que faz o trabalho que não deixa o bicho ficar doente. Mas a gente ainda tem uma alguma resistência a isso. A gente tá tentando pegar muito agora, trabalhar com o pessoal da biologia, tá, a gente tá pegando um pessoal bem interessado mesmo, e aí pra tentar fazer isso. Mas ainda estamos engatinhando nisso aí, tá. Vou ser bem sincera, é uma das minhas frustrações, assim, sabe. Mas eu realmente, eu precisaria parar de trabalhar, pra me dedicar só pra ONG, porque nós somos em, não sei se 11 ou 15, nem me lembro direito todos os componentes da ONG porque somos muitos, mas quem que trabalha é basicamente um ou 2. Então é que o resto todo mundo tem suas coisas pra fazer, então fica meio complicado isso assim, sabe, então a gente precisa mais de material humano. Ideias a gente tem, a gente só não tem o material humano pra realizar isso. Vamos ver se com o guri de Marketing agora entrando, a gente consegue isso. Ele é estudante de veterinária, que se forma agora, mas ele é formado em Publicidade.

Entrevistador: **Bah, que massa! Bah, sensacional**

MV1: *Em relações públicas e publicidade. Ele é um amor, ele já foi meu estagiário até, tá se formando em Caxias e vai ser meu curricular agora.*

Entrevistador: **Bah, que legal.**

MV1: *Daí assim, os textos que vai fazer, aqueles troços tudo*

Entrevistador: **Cheio de ideias, também né.**

MV1: *Cheio de ideias, claro, cheio de ideias.*

Entrevistador: **O cara vai vir com um frescor ali, bah, vai ser ótimo pra vocês, com certeza.**

Entrevistador: **E, além dessa questão dos profissionais, do pessoal da biologia que tu comentou, o que poderia ser feito pra melhorar a comunicação com o público? Vocês teriam alguma coisa que poderia ser feita?**

MV1: *To pensando em termos práticos, tá, assim...eu acho que trabalhar o Marketing mesmo, fazer mais informativos. Ta, então, por exemplo, a gente tem uma parte, hoje de manhã ainda eu conversei com ele, tem uma parte que a gente que fazer, não sei se uma vez por semana ou se a cada 15 dias, é trabalhar a nossa fauna. Então assim, "Você conhece o gambá?" então fazemos uma postagem sobre o gambá. "Você conhece tal bicho"? E aí a gente faz uma postagem sobre aquele bicho. Então isso aí tu consegue informar as pessoas, tá. Já é alguma forma de levar. Mas quem vai nos ler é quem já e interessado nisso, então até já tem conhecimento nisso. O que eu vejo hoje assim como, pra mim, como fundamental, seria ainda um sonho impossível, mas sonho é sonho, é colocar educação ambiental como matéria obrigatória nas escolas, desde o início. Sabe? Pra mim isso é o que salvaria, sabe? É pegar aquela criança pequenininha lá, e aí, pô, tá ali a professora ali e tem que falar de educação ambiental, ela tem que falar de meio ambiente, tá, gostando, não gostando, é obrigação dela. Ou*

que seja ter uma aula lá uma vez por semestre, sabe, alguma coisa assim, dependendo do nível, claro, da criança né, mas divulgar essa parte de educação ambiental. Eu acho que não tem outra forma se não for pegando lá da pré-escola, sabe, olhar as plantinhas, não sei o que...prestar atenção no ambiente. As vezes não precisa ser nada formal, sabe? Tu pode aliar coisas, por exemplo, fico pensando agora assim, quando eu fiz primário, tá...olha...faz sessenta anos atrás, to fazendo 63, então tu imagina, 58 anos atrás...Eu lembro até hoje que os professores faziam com a gente era assim, pegavam uma turminha pequenina, primeiro ano...vamos sair pra passear pela vila, vamos coletar folhas...aula de desenho, aula de artes...nós coletávamos as folhas, nós olhávamos as ranhuras das folhas, conforme...isso em vários anos, e conforme o ano tu ia sabendo o nome da ranhura senão você olhada a folha e tu ia fazer desenhos com a folha. Ou tu colava no papel, ou tu copiava ela, ou tu passava ela no giz e tu colava, sabe nisso tu ia fazendo desenhos. Nisso aí tu aprendia a observar a natureza, sabe? Então era muito legal, era uma coisa que eu adorava fazer, eu amava fazer aquilo, tocar nas coisas, descobrir, olhar. Então, isso eu acho que faz falta, até pros pais terem tempo de fazerem isso, sabe? Porque o que o pai faz? Ele levam pro shopping. Eu vejo pelos meus, entende? eu vejo pelos meus filhos. Por que a vida é muito corrida, então tu quer ter tempo de falar com a tua mulher, com o teu marido, o que tu faz? Tu pega teu filho e leva num brinquedo. Eu acho que a maioria dos pais, chegam fim de semana, querem estar trancados dentro de casa vendo televisão, sabe, dar uma descansada..."eu não vou tá me preocupando com levar meu filho pra..." quando muito vai pra pracinha onde ele fica tomando chimarrão e o filho nem dão bola, sabe. Mas não veem, não vem a formiguinha ali, não veem que tem...então eu acho que...despertar essa empatia também na gente, mas é difícil de saber como, se a gente tá em busca de sobrevivência. É uma coisa complicada. Por isso que eu acho que e uma coisa só a longo prazo, por isso que eu acho que a educação básica teria que passar por essa prática, se não, não tem como fazer.

Entrevistador: Sim, com certeza. Totalmente. Pra finalizar então, como tu vê o teu papel enquanto profissional em todo esse processo, essa discussão, como tu se vê?

MV1: Bah, eu não sei, eu acho que...ah, eu acho que...primeiro uma pessoa super a favor do voluntariado. Seja na área que tu fizer mas eu acho que tem que trazer. Eu acho que todo papel de voluntário que tu faz, agora, falando só no voluntariado em si, eu acho que todo mundo tem alguma coisa pra doar, tá, todo mundo tem como se dar. E eu acho que isso é uma coisa assim, se todo mundo tirasse um pouquinho do seu tempo pra se dar pra alguma coisa, isso se tornaria aquela corrente do bem que a gente tanto quer, pra ver as coisas melhorarem. A minha área é os bichos, na realidade o meio ambiente acaba sendo um secundário aos bichos até, né, então meio ambiente acabou vindo, assim, mas a minha área é o indivíduo, eu me preocupo muito com o indivíduo, que até se tu for pensar na biologia é uma coisa errada né, que tu tem que pensar nas espécies em geral, e eu não consigo, eu não cheguei a essa capacidade ainda. Eu ainda sou muito ligada naquele ser que tá na minha frente, pra ele não sofrer, pra ele não sentir dor, pra não passar frio, né? Quem sabe isso aí não torna um pouquinho melhor, sabe? Quem sabe, não sei. Eu acho que quando chegar no céu dos bichos lá, porque eu vou pro céu dos bichos, não vou pro céu de gente né, quem sabe se, não sei se eles não vão me receber com paulada porque eu soltei eles lá na época errada? Né, mas eu acho que a gente faz o que pode pra colocar o melhor pra todos, não só pra gente de duas pernas, mas pros outros também. Mas acho que é assim mais ou menos que eu me vejo.

Entrevista MV2

Data: 27 de jul. 2021.

Tempo de entrevista: 16 min 35 seg.

Entrevistador: Bom, então primeiro eu vou te perguntar sobre as tuas percepções em relação aos animais que tu recebe e dos proprietários que trazem, fazem entrega voluntária ou até do próprio pessoal do IBAMA. Bom, é, como é que tu percebe o interesse da comunidade acerca do trabalho realizado pela Voluntários da Fauna?

MV2: Assim, até que é bem dividido assim. Dum lado tem pessoas que são muito interessadas pelo bicho que vem, ajuda a gente, como já sabem que é uma ONG, que a gente sobrevive de doações, ajudam com doações, tu vê que ela é mais preocupada com o animal. E a outro passo a gente tem gente que “Ai, encontrei esse bichinho na rua” e larga na bancada, e as vezes nem querem deixar os dados todos dela ali, que a gente precisa porque todos os animais que entram são catalogados e passam tudo pra SEMA...e...aí tem gente que vem assim, só deixa e vai embora. Mas é mais comum essas pessoas que tem maior preocupação com o bichinho, tem até várias pessoas que já chegam com o bichinho que já tem nome e tudo, já se apegaram e já querem..e já dialogam e pedem “Ai, como é que vocês fazem? Reabilitam e depois soltam? Onde é que soltam? Como é que...” a gente sempre explica como é que funciona ali. Mas assim, dum modo geral, a comunidade, quem já conhece a ONG, e sabe como ela é ajuda bastante, tanto com alimento, com dinheiro, que a gente precisa também...e...(estagiário entra na sala e faz questionamento particular). Mas meu ponto de vista em relação a comunidade é que na grande maioria ela é bem empenhada assim, tem uma preocupação bem legal com os animais.

Entrevistador: Então, né, dentro desse ponto que tu me fala, ocorre então...eles estão interessados em buscar mais informações sobre os animais que são internados, tu percebe, tipo, se eles ligam pra perguntar...

MV2: Sim, sim

Entrevistador: ...Se eles visitam...

MV2: Tem, até visita a gente não permite, até pelo número de animais que a gente recebe, que até é uma coisa que a gente conversou, porque por exemplo, no ano passado foram mais de 4000 animais, se fosse mais de 4000 pessoas querendo visitar os bichinhos a gente não ia nem conseguiria trabalhar. Mas assim, daí a gente sempre fala que “ah, pode entrar em contato com a gente pelo whats”, que daí a gente já fala como é que tá, a gente já passa ali um parecerzinho de como o bichinho tá, se ele tá melhorando. Até as vezes, se o animal acabou realmente vindo a óbito, a gente já...a gente gosta também de falar, até pra pessoa ficar com o pé no chão, não ficar sonhando muito, imaginando que aconteceu muita coisa. Mas assim, tem bastante gente que se preocupa bastante, tem gente que vem aqui pra trazer mais doação sempre “ah, eu sei que o bichinho que eu deixei tá ainda com vocês né, então venho e deixo comida”. É bem legal, assim, tem bastante gente que se importa bastante com o bichinho.

Entrevistador: **Bah que legal cara, que massa saber disso. É...dentro da parte do atendimento, tu já me comentou que já atendeu. Quais são as principais dúvidas que tu percebe dos proprietários?**

MV2: *Como assim?*

Entrevistador: **Tipo, quando tu atende...do período que tu chegou a atender...(momento de interrupção)...por exemplo assim, do período em que tu fez atendimentos, tu chegou a perceber que tipo de questões eles costumam te trazer? Tipo, eles tem um bom conhecimento dos animais que eles tão recebendo, tu já percebe que eles tem um pouco menos? Tem situações e situações..?**

MV2: *São situações e situações. A gente tem gente que sabe muito do bicho, já vem falando coisa, mas do outro lado tem pessoas que não sabem quase nada do bicho. Na maioria das vezes vem até com um manejo bem errado, daí a gente tenta falar e ajudar nas dúvidas que eles tem. Na maioria das vezes é com o manejo, alimentação e tudo, e a gente sempre tenta deixar o mais claro possível pra pessoa que tá com o animalzinho como ela vai ter que lidar. A gente tem os casos das pessoas que encontram o animalzinho na rua e quer criar em casa. Aí quando desanda tudo, não sabe como criar, aí quando o bicho tá bem mal, querem deixar com a gente. Daí nesses casos a gente tenta pelo menos conversar com a pessoa, até pra falar pra ela que se acontecer de novo de ela encontrar um animalzinho de ela não esperar esse tempo, de não criar o bicho em casa, mas logo trazer pra gente, pra gente conseguir dar um atendimento mais especializado pro animalzinho. E até é bem frequente isso de gente que tenta criar o bicho em casa, daí o bicho já vem com os ossos distróficos e com erros graves assim de manejo, até de alimentação, de...por exemplo o animal que é carnívoro que tá recebendo vegetais pra comer e vice-versa. Então a gente sempre tenta dar essa conversada pra eles...também pra mudar um pouco a cabeça da pessoa, porque eu sei que é meio que é...principalmente acontece bastante com caturrita. Que aí, encontrou a caturrita e “ai quero ficar”. Não, é um animal de vida livre, um animal silvestre, que não vai comer só girassol e vai comer pão com café. Então isso é algo que a gente batalha bastante principalmente pra mudar a cabeça deles.*

Entrevistador: **E tu acha que num geral eles respondem bem a essas orientações? São mais teimosos?**

MV2: *É, dá pra dizer que é bem mais ou menos. Tem gente que responde muito bem as orientações que a gente passa, mas tem gente que a gente fala três vezes e segue a mesma coisa, então...até é meio complicado essa parte ali do trabalho, porque as vezes assim, o animal vem com algum problema e é só correção de manejo já resolve, e a pessoa insiste em continuar “ai eu to com um teiú lá...” e insiste em só ficar dando ovo pra ele, é um animal que tem uma dieta extremamente ampla, aí é algo que a gente tem que ficar brigando, tem que ficar batalhando.*

Entrevistador: **Massa. Bom, vamos entrar então na parte dos impactos, dentro da tua rotina o que tu percebe de principais impactos relacionados com a tua rotina, com a tua vivência, com a experiência que tu tem?**

MV2: *Assim, na parte de animal de vida livre, tem disparado problema de atropelamento e problemas com ataque de cães. Ataque de cão principalmente em bugio, gambá, esses mamíferos...atropelamento também é mais neles, até graxaim a gente recebe bastante, que é dos...de atropelamento até, as vezes já aconteceu de ataque de cão também. E, também com aves seriam os problemas, principalmente os*

rapinantes, os choques com vidro nas construções, com vidro, e as aves mais filhotes que, ah, identifica dentro do pátio da casa e as vezes chega assim “ai, porque a mãe não tava no ninho”,. Sim, mas a mãe não passa 24 horas do dia no ninho, e a gente também tem esse problema da pessoa ir lá e tirar esse filhote do ninho e trazer pra gente. Tu vê que as vezes é um filhote que tá bem, tá com o papinho cheio, tudo certinho e “ah, mas é que a mãe não tava por perto”. Ta mas...a mãe tem que ir atrás de comida. Esse é um caso que também tem que ser conversado, que a gente tem que conversar com as pessoas pra não se repetir.

Entrevistador: Sim, eu acho que essa questão das aves é realmente o mais comum mesmo né, tipo...essa ideia que se tem de que só porque tu tem um órfão ali tu tem que automaticamente pegar e levar pra uma clínica tratar, né?

MV2: Sim, até as vezes a gente recebe animais assim que parece que a pessoa saiu caçando ali na tua porque tá perfeito. A ave tá voando super bem, tá num escore corporal bom, tá perfeitamente bem mas parece que tá caçando ela atrás...e aves assim a gente tem muito problema, principalmente quando elas começam a aprender a voar, que daí as vezes o filhotinho vai parar no chão, mas ele tá em fase de aprender a voar. Aí que pegam e vão atrás, as vezes os pais estão perto, tão alimentando, cuidando tudo bem certinho, mas logo já tiram de lá e trazem pra cá. Daí isso eu acho bem complicado. A gente tem bastante disso com sabiás, bem-te-vi que assim, sabiá, dessa fase de aprender a voar a gente recebe muito, muito, muito naquela época. Que daí eles “ai, caiu no meu pátio”. Tá, não, ele tá aprendendo a voar, ele pode...a gente até fala assim “ah, se acontecer de novo, tentar colocar ele num lugar mais alto”, que ele vai tá seguro de cães e gatos e tudo mais pra ele poder seguir a vida dele e conseguir se virar, porque faz parte de aprendizagem do animal pra se virar na natureza.

Entrevistador: Sim, com certeza. No teu ponto de vista, por que esses conflitos acontecem?

MV2: Assim, a parte de ataque de cão seria até mais essa parte de cães errantes e tudo mais, que as vezes até o cão tá até pegando outro pra se alimentar, e isso a gente recebe bastante, principalmente bugio, gambá, gambá vem muito por ataque de cão...e a parte de atropelamento também é porque, querendo ou não, as cidades estão se expandindo pra áreas que eram antigamente de florestas. O bicho fica meio acoado, acaba tendo que atravessar uma rua caminhando, até os bugios não tem mais aquela continuidade da floresta, vai ter que descer pra ir pelo chão, só que daí no chão tem um cachorro que pega, ou é atropelado e coisa assim. E a parte de aves mesmo que é isso aí, ou se bater ou se eles tiram do ninho.

Entrevistador: No teu ponto de vista, qual é a participação do fator humano na geração desses conflitos?

MV2: É bem grande. Porque, na parte de atropelamentos é meio que direto do humano, né. Cães também, porque se não tivesse aquele humano que deu amor pra aquele cãozinho, ou as vezes até aquele cão tem dono mas é um cão que tem acesso livre à rua, mata e tudo. E também a parte de alguém que tira do ninho e vem trazer pra gente. Então a gente sempre batalha bastante nessa parte ali de...de tentar conversar, assim com as pessoas, tipo, ai, se tem um cão, tentar manter eles mais...de não deixar ele ter acesso livre à rua, até pra segurança dele também, porque as vezes o cão também acaba pegando, por exemplo, um ouriço que ele vai machucar o cão também.

E também essa parte das pessoas, a gente tenta orientar, primeiro ver se os pais estão perto do passarinho, depois...fazer vários (...) antes de só pegar e trazer pra cá.

Entrevistador: Sim, com certeza. Entrando agora na última parte, que seria no caso da gestão da ONG, como é que tu observa a eficácia da ONG, da Voluntários da Fauna, em levar pra comunidade essas questões?

MV2: É, então agora com a pandemia deu uma complicada na nossa vida, porque até a quantidade de pessoas na clínica deu uma diminuída também, Mas senão a gente sempre tem, a gente tem os panfletos ali que sempre que alguém vem entregar um bichinho a gente já entrega o panfletinho também que tem toda a parte ali do que que é a ONG, qual que é o objetivo dela, o trabalho dela, tudo bem certinho. Daí a gente tem uma partezinha ali que é pra, o que que...como ajudar a gente e tudo. Também nas redes sociais, a gente tem bastante, a gente tem o instagram, tem o facebook, tem sempre...a gente busca postar um caso de alguém animalzinho, até pra aproximar um pouco mais a comunidade também da clínica pra...que senão o que eu percebo é que até tem algumas pessoas assim que as vezes vem “ai porque, eu deixei o bichinho aqui e nem sei o que acontece”. E eu sei que tem gente que tem a visão que a gente vai pegar o bichinho e vai ficar aqui dentro e não vai cuidar tão bem assim, daí a gente sempre tenta mostrar o que que tá acontecendo. E até pelas redes sociais que a gente usa pra mostrar o que que tem tudo aqui dentro, porque as vezes as pessoas não tem tanta noção, por exemplo, de que, ah, que verão a gente tá cheio de filhote, filhote de gambá, cheio de filhote de aves também. E até a gente faz isso meio que pra tentar chamar um pouquinho de doação pra dar uma ajudada na gente, porque vai bastante alimento pra esses animais. E até quando a gente solicita doações pelas redes sociais, a gente sempre fala “ai, a gente tá precisando, por exemplo, de leite ou carne, ou fruta, legumes, alguma coisa assim”, a gente sempre tenta direcionar até pra, né, a gente tenta especificar “ah, a gente tá com filhotinho de gambá”, tenta fazer esse meio ali pela rede social também com a comunidade.

Entrevistador: Sim. O que poderia ser feito pra melhorar a comunicação com o público? Tu acha que tá bom, tu acha que poderia ser feito mais alguma coisa?

MV2: Sempre pode ser mais, sempre pode ser melhor. Assim, até o que eu percebo assim, a gente tem uma certa participação das outras mídias também, vem gente da televisão aqui que vem fazer as reportagens, daí eles falam do projeto Voluntários da Fauna, vem jornal aqui e tudo mais. E, é, mas assim...esse combo também daria pra fazer pra tentar divulgar mais, ficar mais conhecido a Voluntários da Fauna.

Entrevistador: Pra finalizar então, qual é o teu papel como profissional nesse processo? Como tu te vê nessa questão toda?

MV2: Sim pois é, eu fico mais na parte da internação e meio que sou responsável pelos animais silvestres. Então todos esses animais de vida livre meio que acabam passando por mim. Aí a gente vai, até discute os casos com os colegas, assim, que a gente pode fazer. Toda equipe na verdade se junta pra ajudar nessa parte dos animais. Mas...meio que é isso, e os bichos passam por mim assim, tenho que fazer, vou atrás dos esquemas da soltura...e eu sou assim, trabalho meio que diretamente com esses animais de vida livre ali do Voluntários, e faço toda a parte de recebimento, da triagem dos animais, da medicação, do manejo, ir atrás da alimentação também. É no que eu to um pouco.

Entrevista MV3

Data: 28 de jul. 2021

Tempo de entrevista: 10 min 44 seg.

Entrevistador: **Bom, o primeiro tópico que vou te perguntar é sobre as percepções sobre os animais recebidos e o envolvimento da comunidade e da população com essa entrega, tá? Então a minha primeira pergunta é: Como é que tu percebe o interesse da comunidade e da população sobre o trabalho realizado pela Voluntários da Fauna?**

MV3: *Tu fala em relação a entrega de animais?*

Entrevistador: **Sim.**

MV3: *Tem um grande interesse, as pessoas ficam...têm uma grande empatia pelo trabalho da Voluntários da Fauna, porque elas acham vários animais silvestres na natureza, né, é muito comum...daí incluindo aí os animais sinantrópicos que são grande número, principalmente pombas, tá.., então eles aparecem bastante. E com relação ao trabalho desenvolvido junto com a secretaria também, tá? Eles fazem..eles tem um grande apelo emocional com as pessoas, tá?*

(Estagiário entra na sala)

Entrevistador: *Então, sobre a entrega voluntária, como é que tu percebe o envolvimento e a emoção das pessoas dentre esses animais que são entregues?*

MV3: *Olha, as pessoas, na entrega voluntária é bem interessante porque..tem gente que entrega o bichinho e vai, mas já vi gente vir da zona sul, de táxi num domingo até aqui pra entregar uma pombinha que caiu da árvore. Então assim, é bem interessante ver o apelo emocional que os animaizinhos hoje em dia e o trabalho que a gente faz remete nas pessoas, então isso aí é bem bacana de ver, e pelas declarações das pessoas na página da clínica a gente vê que tem um apelo.*

Entrevistador: **É, esse é um ponto que eu acho bem legal mesmo, tipo, agora abrindo um parênteses, assim, dando uma analisada pelo site é massa que realmente o pessoal sempre bota ali uma curiosidade, fazem uma pergunta, um questionamento, isso é massa.**

Estagiário: *Principalmente pombinhas. Pombinhas e caturritas conquistam o coração das pessoas.*

MV3: *Até porque as pombas são bem discriminadas no meio. As pessoas tem aquela ideia que pomba é rato com asa, então o fato da clínica atender...*

Entrevistador: **Já quebra um pouco essa ideia, né?**

MV3: *É, ao mesmo tempo as pessoas ficam com medo, por exemplo, esses dias uma senhora que me trouxe um rato, que ela achou o rato na rua e tava meio tonto e morrendo, aí ela pegou e trouxe aqui. Eu tive que encaminhar ela diretamente depois pra ir num pronto socorro fazer exames porque ela tava em contato com um animal que podia estar com leptospira e morrendo, e provavelmente tinha leptospira, mas ela ficou preocupada se nós atenderíamos ele corretamente ou se a gente faria a eutanásia ou alguma coisa assim e aí eu expliquei que não, que a gente atende e tudo, mas assim...mas tu tá morrendo de frio né?*

Entrevistador: **Eu to um pouco ansioso, desculpa.**

MV3: *Tá.*

Entrevistador: **Ocorre busca de informações sobre os animais internados?**

MV3: *Sim sim, as pessoas ficam com o número da entrega do animal, então as pessoas costumam ligar pra cá pra saber se o animal foi pra soltura, até pra saber que parte elas contribuíram com o retorno desse animal pra natureza, em que parte elas contribuíram, acho que isso que é o bacana, as pessoas querem acompanhar pra saber se elas interferiram pra isso, se conseguiram fazer o animal voltar ao seu meio natural.*

Entrevistador: **No atendimento, ou até no próprio recebimento, quais são as principais dúvidas que tu percebe da população?**

MV3: *A principal é se o animal vai viver, segundo, se o animal vai poder voltar pra natureza, terceiro, o que é feito com esse animal, quarto, se a pessoa pode ficar com o bicho, a gente sempre explica, e o quinto, onde é feita a soltura. As pessoas têm muita curiosidade de saber, quando tem soltura, pra onde esse animal vai. A gente evita falar, a gente sempre explica que é um acordo com a secretaria do meio ambiente, que eles que definem isso. Mas a gente sempre evita comunicar porque tu nunca sabe se a pessoa de repente, uma caturrita, a pessoa quer trazer pra tratar e depois vai tentar pegar o bichinho, então a gente evita comunicar o local de soltura exato, que geralmente é onde a pessoa pegou.*

Entrevistador: **Sim. Indo pro seguindo ponto agora, que são sobre os impactos e os conflitos de fauna, quais são os principais impactos e conflitos que tu percebe na prática, que tu associa na tua prática?**

MV3: *Conflitos de fauna...o principal é...tu me pergunta os tipos de acidentes?*

Entrevistador: **Sim.**

MV3: *Animais atropelados, bugios eletrocutados, isso tem bastante, filhotes órfãos, animais maltratados, tipo gambá em escolas e coisa assim, que as crianças batem pensando que é rato, uma coisa assim, e mesmo que fosse um rato coitado, o bicho não merece apanhar desse jeito. Então, os principais são acidentes de trauma envolvendo eletricidade e essas entregas assim de pessoal de animais maltratados, que apanharam e...ah, daí entra como doméstico, que são as galinhas, não dá pra gente botar como silvestre, mas chega muito galo e galinha aqui de trabalho religioso, tá? E que aí a gente também atende esses animais e tenta construir um lugar legal pra eles. Não sei se isso entra na tua pesquisa também...*

Entrevistador: **É, eu acho que...é...eu acho que tipo, ele é mais voltado pra parte de selvagens mesmo, mas é um tópico interessante, no meu ponto de vista, sabe, porque pouca gente sabe que isso é feito, né. Inclusive quando eu fiz meu estágio aqui eu fiquei chocada a primeira vez que vi uma galinha de trabalho. Quando me falaram eu fiquei tipo “gente, como assim”?**

MV3: *É muito agressivo, né. Eles entopem de óleo de dendê...*

Estagiário: *Ataque de cachorro, também.*

MV3: *Ataque de cachorro, ataque de gatos em aves tem em grande número, tá, tem uma pesquisa que saiu na Austrália, se não me engano, que um dos grandes*

problemas relativos a gatos soltos é que eles dizem uma boa parte da população de animais silvestres, pequenos mamíferos 'dançando' e aves. A gente tem isso aqui muito também, tá, é muita ave, bichinho que foi atacado por gatos.

Entrevistador: Por que, no teu ponto de vista, esses conflitos ocorrem? E já vou emendar também a próxima pergunta que é: Qual a participação do fator humano na geração desses conflitos?

MV3: Esses conflitos ocorrem porque eu acredito que não tem muito respeito da parte humana, e falta de educação ambiental, tá. As pessoas não entendem a função de alguns animais e não respeitam isso. Então, por exemplo, o gambá é um animal que, se houvesse mais educação ambiental a respeito dele, mais informação, hoje já tem bastante campanhas, talvez já não sofresse tanto, tantas injúrias, tá, o gambá é um que teria se livrado bastante dessas questões. Com relação aos macacos eletrocutados, a gente tem um projeto de macacos urbanos, que eles fizeram umas redes e tudo pra tentar diminuir. Então assim, eu acho que é devido ao crescimento populacional, a falta de educação e falta de respeito das pessoas com os animais.

Entrevistador: Entrando agora no ponto da gestão e da educação ambiental, como é que tu observa a eficácia da Voluntários em levar à comunidade a preocupação ambiental quanto aos conflitos de fauna dos animais atendidos?

MV3: Eu vejo que tem uma grande eficácia no sentido de que as pessoas sabem que podem trazer pra cá, tá? Mas as pessoas não sabem como ajudar a diminuir isso. Então eu acho que um trabalho de educação ambiental com as pessoas, principalmente com as que tão trazendo os animais, pra que elas possam aprender, por exemplo, que os filhotes...tem filhotes que não tinha necessidade de trazer, tá? Então...que não precisavam ter sido tirados da natureza, tá, a pessoa achou que ele tava no ninho, mas tava frio e veio trazer, entende? Choveu, ele caiu, dava pra recolocar, os pais estavam alimentando e eles não sabiam, então assim, eu acredito que a gente é eficaz no atendimento primário, na emergência, tá, mas eu acredito que posas ser uma coisa bem mais abrangente, um trabalho bem mais interessante se a gente aliar com a educação ambiental, faria uma grande diferença

Entrevistador: Isso aí era até um ponto que eu ia perguntar agora. Tipo, o que poderia ser feito pra melhorar a comunicação com o público?

MV3: Com certeza um trabalho ou uma campanha de educação ambiental, com certeza faria diferença.

Entrevistador: E pra finalizar, qual é o teu papel, como é que tu se vê nesse processo todo?

MV3: Eu me vejo como...ajudando na reabilitação desses animais, tá, me vejo como fazendo um pedacinho de parte da natureza, no momento em que to soltando e contribuindo com a natureza, mas eu fico muito frustrada na falta de contato com o público, as vezes pelo atendimento rápido e tudo, de não passar todas as coisas, daí com relação a educação ambiental. Que eu acho que daí seria completo, entende? Não adianta eu só apagar o fogo aqui mas deixar continuar o incendio lá, entende, as pessoas tão botando o fogo lá e eu apago aquilo que cede, de acidente...não, eu tenho que resolver lá, então assim, na fonte. E a fonte a gente só chegaria através da educação ambiental.

Entrevista com MV4

Transcrição dos áudios recebidos através do aplicativo *Whatsapp*. As perguntas foram encaminhadas em formato de texto e recebidas em formato de áudio.

Data: 02 de ago. 2021.

Tempo de entrevista: 8 min 53 seg.

Entrevistador: Como você percebe o interesse da comunidade acerca do trabalho realizado pela ONG Voluntários da Fauna?

MV4: Hoje em dia o interesse da comunidade é muito maior na ONG Voluntários da Fauna porque, há anos atrás, quando ela não era ONG ainda, né, porque nós fazemos esse trabalho há muitos e muitos anos, desde o início da Clínica, na verdade, naquela época a gente alcançava muito a comunidade local ali, os nossos vizinhos e a nossa vizinhança, né? Hoje em dia até acredito pelo advento da internet também, das redes sociais e tudo, tá mais ao alcance dos dedos né? As vezes as pessoas resgatam os animais e põem nas redes sociais né, então comentando no nosso trabalho e nosso trabalho tá cada vez ganhando asas né, Indo mais longe. Então a comunidade sim tem bastante interesse né nesse trabalho de resgate, acho que isso é uma das coisas que motiva bastante a comunidade, poder ajudar da forma como eles conseguem esse tipo de animal também. Então o interesse tem crescido e tem crescido bastante.

Entrevistador: Sobre a entrega voluntária, como você vê o conhecimento e a emoção das pessoas sobre o animal entregue? Ocorre busca de informações sobre os animais internados, durante a entrega e após, enquanto está em tratamento?

MV4: Toda entrega é carregada de emoção, né? As pessoas, elas chegam com aquele animal resgatado e elas comentam assim, “aonde ele tava, o que ele tava fazendo”...se ele tava sozinho, se ele tava com frio, se ele tava...tudo aquilo que elas percebem no momento do resgate elas relatam e com bastante intensidade assim, ne...algumas pessoas tentam alimentar esses animais em casa, as vezes, pela falta de conhecimento, administram uma alimentação completamente errada, mas eles tem essa tendência de tentar ajudar da maneira como eles conseguem, né? Então após a entrega a grande maioria das pessoas gostam de saber como que o animal ficou, como que estava, algumas vezes a gente não consegue dar essa informação muito precisa porque, por exemplo, na época de setembro e outubro a gente começa com o recebimento muito grande de animais, tem dias que a gente recebe de 20 a 30 animais da mesma espécie, por exemplo 20 sabiás ou 20 gambás então é muito difícil a gente individualizar eles e nós separamos eles em grupos, em grandes grupos, e a partir daí, até pra fazer a adaptação desse animais, é muito mais fácil eles estarem em grupos do que isolados. Então a gente não consegue dar essa informação, mas a gente explica isso pra quem tá entregando, e eles entendem que é pro bem do animal eles estarem em grupo porque aves, por exemplo, gostam de estar em grupo, faz bem pra eles na recuperação, eles recuperam mais rápido, mais fácil, ne? Então eles acabam entendendo que as vezes eles não conseguem ter a informação precisa daquele indivíduo.

Entrevistador: **Quais as principais dúvidas que você percebe da população quanto aos animais recebidos?**

MV4: *A principal dúvida é, com certeza, o que será feito desse animal depois, né. Isso é uma das coisas que muitas vezes a gente não consegue responder no momento ali da entrega, né, porque o que que acontece, os animais, eles são recebidos, eles são readaptados, se eles estão machucados eles passam por tratamento veterinário, se eles precisam de cirurgia eles passam por cirurgia, se eles são órfãos eles precisam aprender a se alimentar, se adaptar, entender o comportamento natural da espécie pra então, o intuito final de eles serem recolocados na natureza e voltarem pro lugar de onde eles nunca deveriam ter saído, né? Mas alguns desses animais, a gente não consegue esse êxito. Alguns desses animais infelizmente morrem no meio do tratamento, não resistem às cirurgias, ou mesmo não se adaptam, não aprendem a se locomover de maneira pertinente a espécie, não conseguem se adaptar. As vezes eles chegam tão bebezinhos que eles criam algum vínculo com o ser humano que não é desejável né, o desejável é que o animal entenda o ser humano, infelizmente, como uma ameaça, porque assim ele vai conseguir se defender no futuro. Algumas vezes isso não acontece, né? Então essa é a principal dúvida da população, que que vai ser feito com esse animal. Então o nosso intuito é sempre recolocar esse animal no local onde ele não deveria ter saído nunca. Mas algumas vezes a gente não consegue.*

Entrevistador: **Quais os principais impactos ambientais (conflitos de fauna) que você associa na sua prática?**

MV4: *Eu acho que um dos principais impactos ambientais ou conflitos de fauna que a gente presencia é a falta de conhecimento da população quanto aquela espécie animal. A medida que a gente vai crescendo como população, como gênero humano, a gente vai invadindo o ecossistema desses animais e forçando eles a se adaptarem a nossa convivência. Só que uma das coisas que a gente observa é que os animais, eles se adaptam mais facilmente do que a gente se adapta a eles, então o gênero humano tem uma tendência muito grande a não entender essa interação. Vamos dar o exemplo do gambá: O gambá cada dia mais tá nos nossos pátios, só que grande maioria das pessoas tem aversão a eles porque eles entram no sótão da casa, nos telhados, eles viram latas de lixo...então são animais que são massivamente eliminados, mortos justamente por causa disso, enquanto eles tão tentando se adaptar, tentando achar abrigo tentando achar alimentação perto da gente, a gente não consegue entender essa maneira com que eles estão fazendo isso e acaba então eliminando esses animais que são tidos como indesejáveis, né?.*

Entrevistador: **Por que, no seu ponto de vista, tais conflitos ocorrem? Qual é a participação do fator humano na geração de tais conflitos?**

MV4: *Esses conflitos acontecem principalmente por falta de conhecimento. Acho que existe uma falta generalizada de educação ambiental nesse sentido, né, isso é uma coisa que a gente tenta fazer, pelas mídias sociais, e, mesmo pelo contato que a gente faz com as pessoas que levam esses animais até a clínica através da Voluntários da Fauna, a gente tenta levar essa educação, né? Por que que aquele animal é importante na nossa fauna, no nosso ecossistema? Porque a falta dele vai prejudicar, vai causar um desequilíbrio, né, porque cada um desses animais tem essa função dentro do ecossistema, né. Então acredito que a falta de conhecimento e de educação ambiental é um dos principais fatores que levam a esses conflitos.*

Entrevistador: **Como você observa a eficácia da ONG em levar à comunidade a preocupação ambiental quanto aos conflitos de fauna e aos animais atendidos?**

MV4: *Esse é um trabalho de formiguinha, né? Nós convencemos uma pessoa, né, a pessoa que vai lá, entrega o animal, nós explicamos a importância daquele animal no ecossistema, a importância dele, porquê que ele tá ali, o que ele faz, né, o desequilíbrio, a falta desse animal, o que que geraria, mas é um trabalho de formiguinha. Nós usamos as redes sociais também pra explicar, né, pra levar pra população a importância de cada um desses animais, e a partir daí essa corrente do bem vai sendo disseminada, né, e levada mais adiante. Mas é um trabalho de pouco a pouco. Muitos anos até a gente chegar no desejável ainda.*

Entrevistador: **O que poderia ser feito para melhorar a comunicação com o público?**

MV4: *Eu acredito que essa educação ambiental, ela precisa vir de maneira mais intensa dos nossos órgãos, né, principais né, secretaria da Saúde, Secretaria do Meio Ambiente, CRMV. Todos esses, eles deveriam entrar, né, com uma mídia muito forte, muito intensa, explicando a importância, né, dos animais e do equilíbrio do nosso ecossistema. Só assim, acredito que poderia mudar, né, essa questão toda de educação ambiental e as pessoas terem uma consciência maior. Mas precisa de algo mais intenso do que tem sido feito até agora. Uma conscientização maior tanto da população quanto dos órgãos reguladores, né.*

Entrevistador: **Qual o seu papel, enquanto profissional, nesse processo? Como você se vê?**

MV4: *Eu me vejo as vezes como uma gota no oceano, né? Parece pouco o que a gente faz, o que a gente alcança...mas não tem oceano sem gota, né? A gente precisa fazer a nossa parte, né. Então eu acredito nisso, acredito que quanto mais gotas a gente tiver fazendo a mesma coisa, né, maior vai ser o oceano. Então as vezes eu me vejo assim. Então o resgate de um animal...né, a gente sabe que um animal que a gente tá resgatando né, que a gente tá dando uma nova vida, eu particularmente sou cirurgiã, então uma fratura que eu conserto, né, uma amputação que é necessária pra ser feita...é um animal, né? Mas esse animal vai ter uma nova chance, né, de ser recolocado, de sobreviver, de fazer a parte dele no meio ambiente. Então as vezes parece realmente um trabalho muito pequeno, mas a gente sabe que no todo, acabo fazendo uma grande diferença, porque é de um em um que a gente vai salvando o ecossistema*

Entrevista MV5

Data: 28 de jul. 2021

Tempo de entrevista: 13 min 24 seg.

Entrevistador: **A primeira pergunta, então, começando sobre as percepções dos animais recebidos, como é que tu percebe o interesse da comunidade acerca do trabalho desenvolvido pela Voluntários?**

MV5: *Eles são bem interessados, principalmente quem...a população em geral mesmo, que nos traz a maior quantidade de animais. Questão de polícia, brigada, batalhão e essas coisas é menor número. Secretaria etc...Realmente quem traz mais é a população. Claro, ainda falta muita gente conhecer ainda, divulgar e tudo mais, mas as pessoas são bem interessadas. Claro, a grande questão é tentar conscientizar o valor né, porque as pessoas ficam muito naquelas “ai vou levar e agora, assumem” então, então a gente sempre tenta conscientizar, mostrar como não re-acontecer de novo, e mesmo que explicando, que nem a época da Andorinha, né? Que muitas vezes têm lareira e a gente sabe que elas fazem ninho na lareira e acaba caindo e tudo mais então conscientizar tipo “ah tem que botar a rede”, explicar toda a situação senão ano que vem vai acontecer de novo e então, se a gente não tiver essa explicação eles não entendem tanto. Mas eles são bem interessados, geralmente curtem bastante.*

Entrevistador: Em relação a entrega voluntária, então né, tu já trouxe bastante dessa questão, então o segundo ponto seria, né, “sobre a entrega voluntária, como é que tu vê o conhecimento e a emoção das pessoas sobre os animais entregues”?

Então, assim, tem o lado bom e o lado ruim, tá? Assim, muitas vezes muitas pessoas entregam com aquele sentimento do “meu animal” ainda, sabe? Então tipo “ah, eu vou ligar pra saber como tá aquela pombinha que veio mês passado, que...” tipo assim, é uma quantidade muito grande, as pessoas não tem noção disso. Quando eu digo “ah, só naquele dia a gente recebeu 15 pombas, né”. Então, as pessoas ficam com aquele sentimento de “meu...eu vou ligar perguntando como é que tá” não tem essa coisa de “ah, vai morrer? E tudo mais”. Então a gente tem que conscientizar, o ideal seria a gente explicar pra todo mundo que traz né, conversar e explicar toda a situação, mas as vezes é tão corrido que a gente não tem tempo, né? mas claro, tem o lado bom de que a pessoa realmente parou pra trazer o animal até aqui. Já vi pessoas trazerem da praia até aqui uma pombinha, ou uma tartaruga, então assim, é bem legal de ver essa situação, sabe? Porque elas realmente se importam e se interessam sobre, mas o ideal seria a gente conversar com cada um.

(Momento de interrupção)

Entrevistador: Continuando, na parte do atendimento e do recebimento, quais são as principais dúvidas que tu recebe da população?

MV5: *No atendimento?*

Entrevistador: Tanto no atendimento quanto no recebimento, assim.

MV5: No recebimento, geralmente as pessoas tem mais dúvidas do que vai acontecer com o animal né assim, depois “ai...se eu posso soltar junto” sabe? Questão assim desse tipo...as pessoas ainda tem muito medo de ir pra zoológico, tá, porque eles ficam naquela coisa com “ah, o zoológico”, sabe, não entendem que é pro bem, na verdade né, o zoológico não é uma questão de “ah, né, vai ficar lá de exposição” nem nada disso. Já teve vários casos que uma mulher trouxe um graxaim filhote, que tava cuidando há tempos, e ela tava cuidando, então o bicho já atendia pelo nome, sabe, assim, tipo vinha correndo, balançava o rabo...não tinha condições de soltura nenhuma né, assim...e quando a gente disse que teria que ir pra zoológico, ela enlouqueceu, assim sabe, ela sentou e eu tive que explicar o que acontece. As pessoas não tem essa noção tipo “ah, tá”...é só cuidar e depois solta né...então...tem

que sentar e explicar todo esse lado que não é só alimentar, sabe, não é só cuidar pra depois soltar. Tem toda uma reabilitação e todo esse manejo diferente com animais silvestres. Não tem essa aproximação e tudo mais. E daí eles não tem essa noção, tipo assim, “ai..posso ir ali mexer nos macacos, posso brincar...”, tipo, esse sentido, assim, como é que a gente tem que ainda entender bastante...eles tem que aprender bastante. Mas eu acho que assim, todos esses seriam os mais...que precisaria mais...

Entrevistador: Entrando na parte dos impactos ambientais, agora, nos conflitos, na tua rotina, quais são os principais conflitos e impactos que tu percebe?

MV5: Humano (risos). Humano é o pior de todos. Não, mas assim, em questão de urbanização, claro, tipo a gente tá ocupando, sabe, a gente tá ocupando cada vez mais o espaço deles e eles estão cada vez mais restritos em um espaço, e isso vai ter conflito, claro. Então assim, questão de ataque de cachorro porque “ai, entrou no pátio da mulher”, mas é claro, a pessoa estava com a casa, né, no meio do mato é óbvio que teria algum animal que ia passar por ali e acabou em conflito com o animal, em conflito com o cachorro, o cachorro não tem noção né, ele vai proteger, ou brincar ou qualquer coisa. Fio elétrico, bastante né, então aquelas, em bugio principalmente né, questão de estar andando nos fios sem proteção suficiente e acaba se eletrocutando. Muita ação humana, tiro de chumbinho, paulada e jogar pedra, sabe assim, é seguido. A gente tem um aí que vai pro zoológico, né, um gavião-caboclo lindo, é um bicho maravilhoso, e que ele levou, no que eu contei, uns sete tiros de chumbinho.

Entrevistador: Sete?

MV5: Sim, o raio (x) dele é cheio de chumbinho, e realmente tu fica, sabe assim, bah, ne...como é que eu vou fazer eutanásia foi culpa nossa, sabe? Então assim, é uma coisa que a gente vai ter que assumir, né? Então é difícil né esse lado, e a gente sempre pensa tipo “ah, não...os humanos podem melhorar” mas não, sabe, a gente sempre acontece alguma coisa que a gente fica “gente do céu, a comunidade é fogo”. Mas eu acho que esses seriam os piores, assim, em questão de...é, esses tres seriam os maiores casos. Atropelamento também, atropelamento também é gigante, a rua no meio das...não tem passagem pra eles e eles passam pelo meio da rua e acaba matando vários né?

Entrevistador: No teu ponto de vista, porquê acontece esses conflitos e qual a participação do fator humano nisso? A questão do humano tu já me trouxe né.

MV5: Bom, né, o fator humano é tudo né, então assim, a gente que vai, que tá causando isso né, o tiro de chumbinho, a gente que tá levando o cachorro e o gato até o meio pra atacar eles, a gente que tá andando de carro e atropelando, sabe? Então tipo...nós que estamos poluindo e matando os bichos de água doce e salgada também, então assim...sinceramente assim, o que eu menos vejo é animais vindo de “ah, não...tem algum problema genético”, tipo “ai, sei lá, tá bem, foi..sei lá uma briga entre um gavião e pomba”, sabe, coisas naturais eu quase não vejo aqui, né, tudo questão de humano, mesmo, né? Então assim...ah, e também principalmente a questão dos filhotes, que é o que a gente sempre bate também de ah, caiu um filhote, eles sempre trazem pra cá, Tipo, pô, bota de volta no ninho, sabe, quanto menos a gente interferir, melhor, né, então...e as pessoas vão pegar e trazer pra cá e né, só tá botando pra cá o problema, na verdade, enquanto é só recolocar. É uma coisa bem simples.

Entrevistador: **Então tu acha que um dos grandes fatores pra esses problemas seria no caso a ignorância da população?**

MV5: *Exatamente, porque assim, eu vejo muita gente que quer aprender, sabe, assim, e eles entendem, tipo “ai, realmente...”, as vezes não é nem eles que fazem, tipo “ei, vi um bicho atropelado, bah...” ne, ‘atropelaram no meio da rua, peguei e trouxe pra cá’, sabe, tipo...eles sabem do problema, mas tem muita gente que tá nem aí, realmente, assim, que a gente explica e não vai aprender e não se importa, foi criado assim, aquela coisa toda. Então realmente questão de crianças, a gente tem que focar bastante, pra elas aprenderem, quem sabe, elas melhorarem o futuro.*

Entrevistador: **Entrando agora no ponto da gestão da Voluntários, como é que tu observa a eficácia da Voluntários em levar pra comunidade a preocupação ambiental quanto aos conflitos de fauna?**

MV5: *Ah, isso é pouco. Realmente a gente não tem perna suficiente pra isso. A gente quer, a gente tenta, sabe, a gente até tava com vários planos assim, em 2019, início de 2020, que a gente ia fazer toda uma questão com a comunidade, sabe? Juntar a secretaria, a gente ia fazer palestras lá na SMAM, em vários locais, e a pandemia acabou postergando tudo né, mas ainda é bem pouco perto do que poderia ser. Bem pouco mesmo.*

Entrevistador: **Além das palestras que tu comentou, teria mais alguma estratégia que seria legal pra levar essa informação? O que que poderia fazer mais?**


MV5: *Assim, palestras...colégio, comunidade, talvez até ver a questão das pessoas virem conhecer, sabe, porque tem que ter esse contato, sabe? As pessoas não protegem aquilo que elas não viram né, aquilo que elas não conhecem...deixa ver o que mais...Eu penso nesses, mas claro deve ter um milhão de coisas pra fazer, porque é só questão de ter as ideias e colocar as ideias em prática.*

Entrevistador: **Claro, com certeza. Pra finalizar, como é que tu se vê nesse processo todo?**

MV5: *Olha, eu acho que, eu como veterinária, tá assim, nós também, assim como tu, né...é muito importante né, assim, as vezes as pessoas ouvirem da gente, muda, assim, por que assim, ai, eu MV5, sei lá, pessoa, falar com uma outra pessoa, né, alguma coisa que “ai, eu li sobre, eu vi sobre”, sabe, tipo “ai, eu vi na internet”, é uma coisa. Pô, tu tem conhecimento disso, trabalhar com isso é outra completamente diferente. Então assim, eu estar falando disso, eu veterinária falando disso, trabalhando com isso vai fazer uma diferença, sabe, as pessoas vão ouvir, ou deveriam, né, assim, vai atingir mais gente, assim, que nem, ai tu vai lá, que nem um colégio tá, tu vai fazer uma palestra “ai vou fazer uma palestra como uma pessoa comum”, as pessoas...”tá, beleza...po ela é veterinária e trabalha com isso”, vai ter outra coisa, atinge um pouco mais, né, do que eu espero. Essa é a minha ideia, minha visão. Mas eu acho que seria isso, né, se todo mundo mudar...veterinária, biologia, sabe assim, deveria ter esse papel assim tipo, quando puder sempre ter a oportunidade de ensinar, um pouquinho, sabe. Eu acho que seria isso.*

ANEXO

ANEXO A – FICHA DE RECEBIMENTO DE ANIMAIS SILVESTRES PELA ONG VOLUNTÁRIOS DA FAUNA/ CLÍNICA VETERINÁRIA TOCA DOS BICHOS



TOCA DOS BICHOS
Animais Domésticos e Silvestres

FICHA DE CONTROLE – ANIMAIS DE RUA

Grupo: Aves Répteis Mamíferos Silvestres
 Outros Cães e Gatos
 Apreensão Entrega Voluntária

Data da Apreensão:..... Data a chegada:

Nome do Responsável pela entrega:

SMAM Reserva do Lami Batalhão Ambiental IBAMA
 EPTC Secretaria da Saúde – (cidade e telefone).....
 Secretaria do Meio Ambiente(cidade e telefone)

Endereço:.....

Nome vulgar: Nome científico:

Traumas Órfãos Desconhecido

Veterinário do turno:

Peso: Idade aproximada:

Situação clínica:

.....

Identificação:

Data da Saída..... Situação clínica:

Destino: Entregue para:

Veterinário responsável pela saída:

Rua Mal. José Inácio da Silva, 404 Passo D Areia - P. Alegre - RS
Fones: 51 33417664 - 51 92632688
www.clinicatocadosbichos.com.br